
XI COLÓQUIO
INTERNACIONAL
MIGUEL
FOUCAULT

CADERNO
DE
RESUMOS



CADERNO DE RESUMOS
SIMPÓSIOS TEMÁTICOS
XI COLÓQUIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT
FOUCAULT E AS PRÁTICAS DE LIBERDADE

25 A 29 SET. 2018

FLORIANÓPOLIS, UFSC

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO | APOIO





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA DA UFSC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA DA UFSC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS DA UFSC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA PUC-PR

COMISSÃO ORGANIZADORA

Dr. Pedro de Souza | UFSC (presidente da Comissão)

Dra. Sandra Caponi | UFSC

Dr. Cesar Candiotto | PUC-PR

Dr. Atilio Butturi Junior | UFSC

Dr. Alessandro Francisco | Université Paris 8

COMITÊ CIENTÍFICO

Dr. Pedro de Souza | UFSC

Dr. Diogo Sardinha | Colégio Internacional de Filosofia, Paris

Dra. Salma Tannus Muchail | PUC-SP

Dra. Margareth Rago | UNICAMP

Dr. Phillipe Sabot | Université de Lille

Dr. Claude-Olivier Doron | Université Paris Diderot

Dr. José Luís Câmara Leme | Universidade Nova de Lisboa

Dra. Sandra Caponi | UFSC

Dr. Cesar Candiotto | PUC-PR

Prof. Dr. Silvio Gallo | UNICAMP

Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior | UFPE

Dr. Atilio Butturi Junior | UFSC

Dr. Celso Kraemer | FURB

Dr. Haroldo Resende | UFU

Dr. Alessandro de Lima Francisco | Université Paris 8

Dr. Daniel Verginelli Galantin | PUC-PR

Dr. Tiaraju Dal Pozzo Pez | PUC-PR

Dr. Daniel de Oliveira Gomes | UEPG

Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera | UNIVILLE

Dr. Thiago Fortes Ribas | PUC-SP

COMISSÃO DE TRABALHO

Dr. Pedro de Souza | UFSC

Dr. Atilio Butturi Junior | UFSC

Dra. Sandra Caponi | UFSC

Dr. Haroldo Resende | UFU

Dr. Alessandro de Lima Francisco | Université Paris 8

Pedro Paulo Venzon | Universidade Nova de Lisboa

EQUIPE OPERACIONAL

Amanda Rabusky (doutoranda | UFSC)

Ana Caroline Czerner Volkart (mestranda | UFSC)

Camila de Almeida Lara (doutoranda | UFSC)

Carol Dittrich (doutoranda | UFSC)

Carolina Severo (Letras | UFSC)

Cláudia Garibotti Bechler (mestranda | UFSC)

Dandara Monteiro (mestranda | UFSC)

Denise Ayres D'Avila (doutoranda | UFSC)

Fernanda Martinhago (pós-doutoranda | UFSC)

Jacson Almeida (doutorando | UFSC)

Javier Ladrón de Guevara Marzal (doutorando | UFSC)

Jéssica Forini (mestranda | UFSC)

João Paulo Zarelli Rocha (Letras | UFSC)

Miguel Ângelo Andriolo Mangini (Letras | UFSC)

Nathália Müller Camozzato (doutoranda | UFSC)

Tatianne de Faria Vieira (doutoranda | UFSC)

Wesley K.Carvalho (doutorando | UFSC)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 009

SIMPÓSIO TEMÁTICO 1 013

SIMPÓSIO TEMÁTICO 2 026

SIMPÓSIO TEMÁTICO 3 045

A P R E S E N T A Ç Ã O

O XI Colóquio Internacional Michel Foucault: *Foucault e as práticas de liberdade* acontece entre 25 e 29 de setembro de 2018, no Centro de Cultura e Eventos da Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, Brasil. O evento dá continuidade à série iniciada em 1999, cujo objetivo é aprofundar o conhecimento sobre o pensamento filosófico e político de Michel Foucault, reunindo especialistas nacionais e internacionais de diferentes áreas do conhecimento.

A edição de 2018 do evento é uma promoção de diversas instituições: o Programa de Pós-Graduação em Literatura | UFSC, o Programa de Pós-Graduação em Linguística | UFSC, o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas | UFSC, o Programa de Pós-Graduação em Filosofia | PUC-PR e a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação | UFSC. Tem, ainda, apoio institucional da Universidade Federal de Santa Catarina, do Centro de Comunicação e Expressão | UFSC e do Consulado da França no Brasil, além do patrocínio da CAPES-Brasil (Edital PAEP 2018).

Na décima primeira edição, reunimos intelectuais, pesquisadores e estudiosos para partilhar reflexões a partir do tema Foucault e as práticas da liberdade. O tema aparece no momento em que procedemos no país e no mundo a uma intensa revisão do exercício democrático, considerando inclusive que estamos próximos de um novo pleito de eleições presidenciais. Consideremos ainda não apenas o âmbito das administrações públicas governamentais, mas todos os domínios das relações sociais – desde as práticas mais institucionais até as de âmbito mais cotidiano e privado. Com Foucault, temos a chance então de retornar à ideia de liberdade. Entretanto, não como impedimento, mas como modos diferenciais de agir tendendo a práticas de liberdade e práticas de dominação.

Este **XI Colóquio**, pois, convida a pensarmos coletivamente a proliferação de práticas, de hábitos, de saberes, de poderes que diagramam para a época atual um certo estado de liberdade. Destacamos outra importante contribuição que se refere à discussão teórica e política sobre os temas que envolvem as transformações sociais e culturais de nossa atualidade e que põem em xeque o paradigma da Democracia, central no pensamento político da atualidade. O conjunto de reflexões que pretendemos reunir colocará em debate a crise da democracia e sua relação com práticas libertárias não só no domínio da governabilidade, mas de todo ativismo social e das práticas de resistência que têm lugar em diferentes geografias.

Neste **Caderno de Resumos**, estão materializadas algumas dessas reflexões, distribuídas nos três Simpósios Temáticos do evento, dos quais tomam parte docentes e estudantes de pós-graduação e nos quais se discutem temas tão relevantes quanto as artes e a literatura em Michel Foucault, a linguagem; a liberdade e a biopolítica. Esperamos que aqui se possa, portanto, vislumbrar um pouco daquilo que de melhor têm se produzido na senda dos estudos foucaultianos.



25 26 27 28 29 SET 2018

ACIONAL MICHEL FOUCAULT

XI COLÓQUIO

COLOQUIO DE MUSEUS BR

SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

SIMPÓSIO TEMÁTICO 1
FOUCAULT, AS ARTES E A
LITERATURA

SIMPÓSIO TEMÁTICO 1

FOUCAULT, AS ARTES E A LITERATURA

Coordenação: Prof. Dr. Daniel Verginelli Galantin (PUC-PR | Contato: d.galantin@gmail.com) e Prof. Dr. Tiaraju Dal Pozzo Pez (PUC-PR | Contato: tiarajupez@hotmail.com) e Prof. Dr. Thiago Fortes Ribas (PUC- SP | Contato: filosofiathiagoribas@gmail.com)

RESUMO: Foucault escreveu um considerável volume de textos sobre as artes e a literatura. Encontramos em seus livros, entrevistas, cursos, e emissões radiofônicas, menções diretas a Artaud, Bosch, Goya, Sade, Hölderlin, Goethe, Raymond Roussel, Shakespeare, Magritte, Robbe-Grillet, à literatura de crimes, Manet, Klee, Beckett, Dostoiévski, Flaubert, Char, Marguerite Duras, Pierre Boulez, Burroughs, dentre outros. A tragédia grega também foi estudada em distintos momentos e com diferentes propostas de leitura, desde um sintoma de transformação na vontade de verdade, até nas análises sobre a parresía política. Foucault também escreveu sobre pensadores que se aproximaram da literatura e das artes de diferentes modos, como Blanchot, Pierre Klossowski, Bataille, Roger Laporte, Diderot, Baudelaire. Muito embora a publicação de textos sobre esses nomes, por parte de Foucault, se concentre na década de 1960, ele nunca parou de fazer referências à produção artística em seu pensamento. Podemos dizer, então, que a interface do pensamento foucaultiano com a literatura e as artes acompanha os deslocamentos de suas pesquisas, atravessando todos os seus momentos. Deste modo, além do volume de textos produzidos sobre literatura e artes, podemos debater também a importância e a intensidade deles no pensamento deste filósofo que, algumas vezes, admitiu que todos os seus livros eram ficções. Neste simpósio temático acolhemos trabalhos dedicados ao estudo sobre a relação do pensamento de Foucault com as artes em geral, como poesia, literatura, cinema, teatro, pintura, música, performance. As propostas podem versar tanto sobre artistas citados por Foucault, quanto relacionar o pensamento de Foucault com a produção escrita ou não-escrita de outros artistas e teóricos das artes. As propostas podem buscar ler um a partir de outro, estabelecer cisões, aproximações, tensões. Os eixos dos saberes, dos poderes e da ética também podem ser tocados, desde que devidamente articulados com a literatura e as artes.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Literatura. Artes.

RESUMOS DOS TRABALHOS DO ST1

A “REDE” COMO MÉTODO: FOUCAULT E O NOUVEAU ROMAN

GABRIELA JAQUET

(Université Paris-Est Créteil – Doutorado em Filosofia)

RESUMO: O objetivo desta intervenção será o de discutir um conceito foucaultiano ainda não muito enfocado pela literatura crítica da obra do filósofo: o conceito de “réseau”. Tomando por base principalmente o artigo de 1963 “Distance, aspect, origine”, sobre Alain Robbe-Grillet e o grupo Tel Quel, procuraremos tratar de sua instrumentalização a fim de demonstrar como tal conceito pode servir de grade de leitura para a compreensão do método foucaultiano de crítica literária – que, como sabemos, desdobrou-se no tratamento inovador da figura da obra e do autor –, além de nos encaminhar igualmente para uma concepção diferenciada da noção de événement, signo da ruptura arqueológica-estrutural empreendida pelo filósofo. Para a demonstração deste percurso, nossa exposição tratará de forma geral das relações entre Foucault e as produções do Nouveau Roman 1 e, de forma específica, da operacionalização do conceito de “rede” como um motif, ou seja, como um aporte heurístico que servira para a construção do que identificamos como constituindo um novo método de leitura filosófica e de colocação “em circulação” das diversas teorias, ancorado nas então contemporâneas descentralizações da análise estrutural e em um pensamento sobre os “isomorfismos” e as “variantes” de sistema. A “rede”, tendo na linguagem seu único a priori 2, será, assim, nem lógica de semelhança, nem de substituição 3, mas extensão explicativa não linear de um “simular”/“simulacro”, próprio de um “vir junto” 4. É assim que a “rede” comportará um movimento teórico bastante peculiar em sua superação do método interpretativo-psicológico: “estar ao mesmo tempo que si, e deslocado de si” 5. Finalmente, junto ao conceito de “rede” abordaremos também os outros três presentes no título do artigo, sendo sobre distância e aspecto que nos deteremos devido à conexão que visaremos estabelecer com a noção de acontecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Rede. Acontecimento. Nouveau Roman. Análise estrutural.

A ESCRITA LITERÁRIA: REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A EXPERIÊNCIA LITERÁRIA E A SUBJETIVIDADE

LEONARDO PINTO DE ALMEIDA

(Universidade Federal Fluminense – Doutor em Psicologia)

RESUMO: O presente trabalho objetiva analisar a relação entre a subjetividade e a experiência literária em relação à escritura. Para tanto, observamos as vicissitudes da escrita literária seguindo as reflexões de Michel Foucault, contidas em textos provenientes dos anos 60 em que, além de explorar a temática da escrita, dialogam com as obras de Blanchot, Bataille e Barthes, e de Maurice Blanchot, principalmente, a ideias encontradas nos livros A Parte do Fogo e O Espaço Literário. Esta reflexão se baseia em um entendimento da literatura, como transgressão e espaço. Ao pensarmos à luz destes conceitos a especificidade da escrita literária, indicamos suas duas figuras representativas: o/a escritor/a e o/a autor/a, para construir um modo de compreensão acerca da subjetividade literária. Para tanto, é necessário atravessarmos a história da leitura ocidental para compreendermos com clareza o nascimento da figura do/a autor/a moderno/a e sua diferença com este que desaparece na experiência do escrever, a saber, o/a escritor/a. Concluímos que o/a escritor/a é produzido/a com o seu encontro com o próprio escrever, enquanto o/a autor/a seria um índice discursivo inventado posteriormente à experiência para

produzir o controle discursivo. A experiência literária seria então um lugar privilegiado para analisarmos a produção de subjetividade no seio da experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade. Experiência literária. Escrita.

A ÉTICA DA NULIFICAÇÃO: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DO A-SUJEITAMENTO NA LITERATURA E NO CINEMA

FREDERICO OSANAN AMORIM LIMA
(Universidade Federal do Piauí – Doutor em História Social)

RESUMO: Esta pesquisa está sendo concebida como uma investigação sobre as práticas e representações da nulificação ao longo da modernidade. Ela procura dar uma compreensão sobre como as expressões artísticas, notadamente a literatura e o cinema, questionaram/questionam a condição de sujeição do homem moderno, revelando pontos de diferença e semelhança nos mecanismos de captura do corpo pelo poder. Partindo dos estudos do filósofo e historiador francês Michel Foucault sobre a relação corpo/poder, o que procuro fazer é uma espécie de “genealogia da nulificação”. Um estudo que busca, entre outras coisas, compreender como o comportamento, ao longo da modernidade, foi teorizado, ficcionalizado, apresentado e denunciado sob a óptica da nulificação, do dócil, da sujeição. Partindo de Étienne de La Boétie, passando por Franz Kafka e chegando até Assis Brasil, no âmbito literário, e entre *Aniki-bóbbó*, *Alphaville* e o curta argentino *El empleo*, no cinema, o propósito foi estudar, numa relação entre História, Literatura e Cinema, as práticas e representações do poder, e como elas se expressaram de formas variadas ao longo do tempo; este estudo, acredito, pode permitir pensar em formas de resistência e rebeldia ao controle diário das tecnologias do poder.

PALAVRAS-CHAVE: História. Literatura. Cinema.

A INTERVENÇÃO FOTOGRÁFICA COMO PRÁTICA DE LIBERDADE NOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

ROSSANA BOGORNY HEINZE
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional)

JAQUELINE TITTONI
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional)

RESUMO: O presente estudo reflete sobre a produção de imagens técnicas nos modos de subjetivação contemporâneos, buscando nas contribuições foucaultianas, subsídios para pensar os jogos entre as palavras, as imagens e a produção de linhas, que tramam regimes de visibilidade, ao mesmo tempo em que tensionam modos instituídos sobre o dizível e o visível. Tensionamentos esses, que podem criar práticas de reflexões, éticas e estéticas, assim como ensaios de práticas de liberdade. Busca-se, assim, desconstruir a ideia de imagem como representação, em um constante jogo de provocação entre a palavra e a imagem. Concebe-se a imagem como uma produção, que envolve as redes de visibilidade, os recursos técnicos e as posições dos sujeitos, de modo a constituir-se como uma experiência complexa, cujo jogo pode implicar o reordenamento desses fatores. Tomaremos como referência os estudos construídos com intervenções fotográficas, uma estratégia metodológica desenvolvida no grupo de pesquisa “Trabalho, Ética e Estética”, do qual as pesquisadoras são integrantes. Através de oficinas de produção de fotografias com o tema do “trabalhar”, problematizamos as experiências cotidianas de trabalho, “abrindo” as imagens, buscando os enunciados, tensionando os diagramas instituídos e provocando visibilidade para as práticas cotidianas e anônimas. Essas, muitas vezes desconsideradas nas análises tradicionais do trabalho e de seus processos. Assim, abrir as imagens produz a possibilidade de

descuidar-se das subjetividades institucionalizadas, tornando possível experiências reflexivas e dando potência para práticas de liberdade. Ou, buscando a potência inventiva da produção de imagens e, aqui, sobretudo da fotografia, como práticas de reflexão e liberdade, nos jogos produzidos nas relações de poder. Também no plano ético, para pensar os modos de produzir a vida como obra, como estratégia de produção da existência e como instrumento de problematização dos fascismos cotidianos.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem. Práticas de Liberdade. Ética. Intervenção Fotográfica. Modos de subjetivação.

A INVENÇÃO DA ESCUTA: A CONSTRUÇÃO DE UM ARQUIVO SONORO NO DISCURSO REGIONALISTA DO NORDESTE

LEONARDO CARNEIRO VENTURA

(Universidade Federal de Pernambuco – Doutorando em História)

RESUMO: Este trabalho investiga a emergência de um *arquivo sonoro* em torno do espaço Nordeste. Desde a década de 1920, com as obras de folcloristas como Câmara Cascudo e Gustavo Barroso, passando pelo discurso regionalista de Gilberto Freyre, e dos “romancistas de 30”, até as pesquisas etnomusicológicas de Mário de Andrade, sonoridades musicais (melodias, harmonias, ritmos, timbres) e espaciais (rangidos, rumores de rios, cantos de pássaro, silêncio) foram agenciadas para compor uma dada *paisagem sonora* que atravessaria todos os dizeres e saberes do território imaginado do Nordeste. Menos que uma análise das obras, propõe-se aqui a o exame da constituição de uma rede discursiva cujo elemento central é o som. Apropria-se da noção de *arquivo* de Michel Foucault – apresentado em *A arqueologia do saber*, 1969 – para pensar o som como elemento produtor de espaços. Longe de qualquer fixidez conceitual – pois para Foucault todo arquivo é fugidio, mutante, sujeito a devires – este trabalho oferece uma leitura histórica do som (ou uma leitura sonora da história), buscando entender o que tornou possível a elaboração de uma escuta unívoca do Nordeste a partir de autores em grande medida heterogêneos; que *desejos auditivos* funcionaram para produzir nestes autores uma escuta rural em oposição ao que seria uma escuta moderna. Parte-se do indício de que tais autores escreviam suas obras em uma época quando o regime de *audibilidade*, ou seja, a maneira como as pessoas ouviam o mundo, transformava-se com o advento da modernidade. As referências timbrísticas passavam do natural para o artificial, a matéria sonora se desterritorializava, pulverizava-se em inúmeros sentidos. Sons metálicos, dissonantes, atonais, esquizofrênicos, cada vez mais intensos competiam entre si, cruzando-se para formar uma tessitura ruidosa no seio da cidade grande. Também por isso, a procura de refúgio em um mundo nordestino idealizado, ausente das estridências e dos nomadismos urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: Nordeste. Música. Foucault. Arquivo Sonoro.

CORPOS BELLATINIANOS: UMA POÉTICA DA (R)EXISTENCIA

Luciane Bernardi de Souza

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutoranda)

RESUMO: Neste trabalho, nos propomos discutir a presença experiencial do corpo enfermo e anômalo nas narrativas que conformam a obra *Flores* (2000), do escritor mexicano Mario Bellatin. Visamos problematizar como tal presença desestabiliza a normalização do corpo e contesta a lógica do controle através dos pares saúde/enfermidade e vida/ morte, desafiando as tecnologias e os dispositivos de poder que atuam sobre o corpo (de)formado. Para isto, orientamos nossa leitura a partir dos pressupostos teóricos foucaultianos da esfera do biopoder, visualizando como nestas ficções as personagens se apoderam das consequências materiais da enfermidade/ anomalias, as ressignificam e tentam buscar um novo corpo que interroga biopoliticamente a vida. Isso acontece a partir de vivências que desviam os mecanismos de controle e coerção, resistindo assim à regulação biológica/médica e à lógica disciplinar da família e espaços de confinamento, dimensões de poder que a filosofia dos corpos, extraordinários e indóceis, contestam. Esta discussão, portanto, faz parte do complexo contexto biopolítico da sociedade,

no qual a escrita do corpo nos parece o motor de funcionamento das pulsantes e anômalas vidas bellatinianas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura mexicana. Mario Bellatin. Biopoder.

EM DEFESA DA SOCIEDADE: IMAGENS DE UM INIMIGO DA RAZÃO DE ESTADO

VALÉRIA OLIVEIRA

(Universidade Estadual de Maringá – Doutora vinculada ao Grupo de Estudos em Análise do Discurso)

RESUMO: As discussões correntes são parte de reflexões contidas na tese de doutorado, intitulada: *Sobre caboclos e (in)visibilidades no Contestado: pacto de segurança, biopolítica e imagens-frame no documentário brasileiro de celebração centenária*, vinculada ao projeto de pesquisa: *Práticas Discursivas, Verdade e Biopolítica em (in)visibilidades: corpo, língua e território* (CNPQ/UEM) desenvolvido no GEDUEM – Grupo de Estudos em Análise do Discurso da UEM. O suporte teórico e metodológico, recorta os diálogos entre as noções foucaultianas de biopolítica, “inimigo do Estado” e razão de Estado, especificamente as discussões entre 1977 e 1978, sobre segurança e penalidade, além das obras *Em defesa da sociedade e Segurança, Território, População*, com os domínios da fotografia em Butler, Lins, Sontag, Flusser, entre outros. Para tanto, propõe-se investigar o funcionamento discursivo da nomeação “inimigo de Estado”, quando relativa a uma parcela da população nacional. Com a problematização da tríade discursiva inimigo/bandido/jagunço atribuída verbalmente e complementada pela iconografia dos sujeitos caboclos da Guerra do Contestado, a presente discussão trará parte do acervo fotográfico imagético e do acervo verbal, alusivo aos caboclos da Guerra do Contestado, apresentado na tese acima mencionada. A trajetória de pesquisa aponta, que o repositório imagético fotográfico e verbal atribuído aos caboclos do Contestado mostra discursos biopolíticos de dominação, de subjugação e de resistência sobre esta população, que deve, aos olhos do Estado, ser combatida e isolada. A tríade discursiva inimigo, bandido, jagunço indica a racionalidade do Estado, o qual, em sua proteção, atua como vigilante, coercitivo e disciplinador. A sociedade, entendida como parte orgânica do Estado, vê-se protegida contra seus perigos, posto que se entende na ordem dos sujeitos de direito à segurança, à família, ao patrimônio, marcando pelo conjunto discurso os “outros” e punindo-os pelo que não são ou pelo que resistem em ser.

PALAVRAS-CHAVE: Razão de Estado. Caboclos do Contestado. Biopolítica. Resistência.

ENTRE A *STUTISFERA NAVIS* E A *NAVILOUCA*:

CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL FOUCAULT PARA O EXPERIMENTALISMO POÉTICO BRASILEIRO NOS ANOS 1970

FÁBIO LEONARDO CASTELO BRANCO BRITO

(Universidade Federal do Piauí – Professor Doutor)

RESUMO: Em 1971, sob forte influência das vanguardas estéticas que circulavam no Brasil desde meados da década de 1950, os poetas Torquato Neto e Waly Sailormoon idealizam a revista *Navilouca*, cuja publicação ocorreria em 1974, dois anos após o falecimento do primeiro. Tratava-se, naquele momento histórico, de um periódico que tinha em seu impulso tanto referências concretistas, presentes em publicações como *Noigrandes* (1952), capitaneada por Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos, e *Invenção* (1962-1967), que contou com a participação de Paulo Leminski, Mário Faustino, e José Paulo Paes, quanto marcas da contracultura norte-americana e do nomeado movimento tropicalista. Em sua edição única, Waly Sailormoon explica ser *Navilouca* uma palavra-poema inspirada na *Stutisfera Navis* (*Nau dos Insensatos*), alegoria medieval descrita por Michel Foucault em sua *História da loucura na Idade Clássica*, publicada originalmente em 1961, com o título *Folie et Déliraison*, e republicada em 1972 com o título que se tornaria conhecido. É objetivo desse texto analisar as conexões entre o pensamento

de Michel Foucault, em sua arqueologia do saber sobre a loucura, e o experimentalismo poético brasileiro dos anos 1970, que a ele se remeteria para lançar uma nova ordem comunicacional no país. Para tanto, serão tomados como materiais para a análise a edição única da revista *Navilouca* e o livro *História da loucura na Idade Clássica*, bem como textos auxiliares que contribuirão para o trabalho, partindo das análises de Mário Câmara e Roberto Machado.

PALAVRAS-CHAVE: Experimentalismo. Arte. Loucura. Arqueologia. Poesia.

ESPIRITUALIDADE ANÁRQUICA: O SUJEITO ÉTICO ENTRE FOUCAULT E AGAMBEN

VALDSON CARREIRO SILVA

(Universidade Federal do Paraná – Doutorando em filosofia)

RESUMO: A proposta é, a partir do pensamento de Michel Foucault e Giorgio Agamben, discutir a hipótese interpretativa de um espaço ético comum a tais pensadores, formado pela não coincidência entre indivíduo e sujeito onde habita uma atitude ético-crítica para consigo mesmo, ao qual denominaremos espiritualidade anárquica. Por um lado, trata-se de problematizar a correlação entre espiritualidade, cuidado de si e atitude crítica na genealogia ética foucaultiana, com o objetivo de afirmar que tanto a via da problematização da espiritualidade como a via de uma atitude crítica apontam para uma ética espiritual e anárquica, isto é, para uma “atitude teórico-prática” que exige o custo de um trabalho sobre si mesmo afim de ser capaz de transformar-se, bem como uma posição teórica anárquica, uma anarqueologia. Por outro lado, a correlação entre forma-de-vida, potência destituente e antropogênese no pensamento de Agamben, afim de afirmar a forma-de-vida como um conceito e uma atitude na qual o evento da antropogênese, o tornar-se humano do homem na linguagem e pela linguagem, está em disputa.

PALAVRAS-CHAVE: Forma de vida. Antropogênese. Cuidado de si. Ontologia.

“EU ENCONTRO NA MÚSICA UMA FERRAMENTA DE PRODUÇÃO E INVENÇÃO E INTERVENÇÃO SOBRE AS MINHAS RELAÇÕES”: ARTIVISMO, PEDAGOGIAS CULTURAIS E ESCRITA DE SI EM LINN DA QUEBRADA

LEANDRO LEAL

(Universidade Federal de São Carlos – Doutorando em Educação)

NEILTON DOS REIS

(Universidade Federal de Minas Gerais – Doutorando em Educação)

RESUMO: Em um contexto de acirrados debates envolvendo questões de gênero/sexualidade, chama-se atenção aos processos pedagógicos que, concernentes à intersecção dessas temáticas com o sentido mais amplo de Educação, se realizam para além da escola/academia – ou, ainda, que tensionam a noção de que as instituições escolares/acadêmicas sejam lugares exclusivos da produção de conhecimento e saber. É nesse contexto de disputas discursivas que se destaca o fenômeno, ocorrido com bastante força nos últimos anos, de emergência de artistas que têm ocupado importantes espaços públicos e midiáticos e, ao tensionarem e problematizarem os regimes de saber-poder sobre corpos/gêneros/sexualidades, questionam os lugares identitários e subjetividades colocadas pela heteronormatividade, pelo binarismo de gênero, pelas questões étnico-raciais. Nesse universo, nossa curiosidade é provocada pela potência TRANS-gressora da multiartista Linn da Quebrada e seu disco *Pajubá*, lançado em outubro de 2017. Linn, através de suas músicas e performances, e em especial de seu álbum autoral, faz da sua vida arte e, na e a partir da produção artística, escreve a si e sobre si, inventando outros possíveis em linguagens, modos outros de (r)existência, de (des)subjetivações. Assim, intenciona-se, com este trabalho, situar Linn e seu *Pajubá* no contexto de emergência dessas estratégias políticas que se dão no campo da cultura, além de discutir como ela e suas produções se inscrevem no campo das pedagogias culturais e dos artivismos,

disputando e prescrevendo sentidos outros de corporalidade, subjetivação e escrita de si. Para tanto, ao pensar sobre a intersecção entre arte, corpo, estética, ativismo, política e pedagogias culturais, numa perspectiva pós-estruturalista e pós-identitária, busca-se apoio nas provocações e ferramentas analíticas propostas por Michel Foucault, pelos Estudos Culturais e Estudos *Queer*, além de estabelecer aproximações com as pesquisas de/sobre ativismos.

PALAVRAS-CHAVE: Linn da Quebrada. Gênero/Sexualidade. Ativismo. Pedagogias Culturais. Escrita de si.

FABÚLAS LÍQUIDAS: ESTUDOS FOUCAULTIANOS, ARTE CONTEMPORÂNEA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

CAROLINE LEAL BONILHA

(Universidade Federal do Rio Grande – Doutorado em Educação Ambiental)

RESUMO: Problematizar produções discursivas sobre a natureza a partir de trabalhos artísticos contemporâneos, pensados através de aproximações com conceitos de Michel Foucault, é o que pretende a análise proposta. Para tanto as noções de fábula e de ficção, desenvolvidas no texto intitulado “Por trás da Fábula”, são utilizadas como ferramentas interpretativas. Para Foucault, a fábula diz respeito àquilo que é contado, já a ficção está associada aos regimes discursivos da narrativa, sendo a ficção um aspecto da fábula. O autor afirma ainda que, atrás das personagens que ocupam o primeiro plano na fábula, aquelas que são vistas, que possuem um nome e com as quais a aventura acontece, paira um teatro de sombras encenado por vozes sem corpo que lutam pelo protagonismo. No desenvolvimento de “História da Loucura na Idade Clássica” o termo fábula também aparece, referindo-se a representação literária e pictórica da loucura durante o Renascimento, sendo a experiência da legitimidade anunciada de um modo duplo através da fala e da imagem. Ao deslocar os conceitos de fábula e ficção, o trabalho tem por objetivo pensar a instalação artística apresentada por David Zink Yi na 9ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, evento que ocorreu na cidade de Porto Alegre em 2013. Na ocasião o artista exibiu uma réplica em cerâmica com cerca de 6 metros de comprimento de uma lula-gigante, remetendo tanto as narrativas de Júlio Verne em “20.000 léguas submarinas”, autor de referência para Foucault ao cunhar os conceitos citados, quanto aos relatos científicos de estudos sobre o animal. Além da aproximação dos estudos foucaultianos da arte contemporânea, o trabalho também faz referência a análises de enunciações encontradas no campo da educação ambiental e de problemáticas relacionadas às crises ambientais e suas representações discursivas.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Arte. Educação Ambiental.

FOUCAULT E SEUS INTERLOCUTORES NAS LEITURAS DA TRAGÉDIA GREGA

FABIANO INCERTI

(Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Professor Doutor em Filosofia)

RESUMO: Desde o início de seus cursos na década de setenta no Collège de France até os seus últimos escritos e conferências, Foucault apresenta-se como um leitor e, porque não dizer, um estudioso da Antiguidade Grega, com significativa atenção à tragédia. Isto se constata tanto por sua série de análises realizadas acerca do Édipo-Rei de Sófocles como por sua leitura do Íon, de Eurípedes. No primeiro caso, entre outros aspectos, ele mostra como a história do rei de Tebas estabelece um novo modelo de pesquisa e produção da verdade no ocidente, que tem sua base nos mecanismos judiciais nascentes do inquérito e do testemunho. Já no segundo, a peça de Eurípedes tem um papel decisivo na problemática presente em suas últimas reflexões: a relação entre o dizer-a-verdade, a liberdade e o exercício da política. Em tal contexto é que esta comunicação pretende, de modo introdutório, compreender a influência de um conjunto de helenistas nas análises foucaultianas da tragédia grega, tais como Louis Gernet, Jean-Pierre Vernant, Pierre Vidal-Naquet, Marcel Detienne e Bernard Knox. Com esta investigação, será possível delimitar aproximações, distanciamentos e apropriações realizadas por

Foucault junto ao estudo destes autores e discutir de que forma os conhecimentos produzidos por eles foram determinantes para as interpretações que o pensador francês se propõe a fazer dos textos trágicos gregos.

PALAVRAS-CHAVE: Michel Foucault. Tragédia Grega. Helenistas.

IMAGENS PARA ALÉM DA LINGUAGEM? O ANACRONISMO DA HIPÓTESE FOUCAULTIANA DE UMA “RUÍNA DO SIMBOLISMO GÓTICO” EM *HISTÓRIA DA LOUCURA*

GABRIEL PINEZI

(Universidade Estadual Paulista – Doutor em Letras)

RENAN PAVINI

(Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Doutorando em Filosofia)

RESUMO: Sabe-se a partir dos trabalhos pioneiros de Roberto Machado que, para além da influência da epistemologia francesa, *História da Loucura* é um texto fortemente marcado pela mesma crítica à tradição dialética que Nietzsche havia esboçado em seu *Nascimento da Tragédia*. Isto fica evidente já quando Foucault diferencia dois tipos de “experiências” da loucura no limiar entre medieval e renascimento: uma experiência trágica da loucura, imperante nas artes plásticas de Bosch e Bruegel, em oposição a uma experiência crítica, que se expressa majoritariamente em textos literários moralistas e cômicos como de Brant e Erasmo. Assim, Foucault parece opor as percepções sociais da loucura nessa época a partir da intuição de Nietzsche ao opor a arte trágica dos gregos, fundada no casamento perfeito entre o apolíneo e o dionisíaco, ao “socratismo estético” da nova comédia, em que o *logos* expulsa o dionisíaco da arte. Com base nessa distinção, Foucault propõe que a diferença entre a experiência trágica e crítica da loucura é observável justamente quando as imagens de Bosch apontam para a insuficiência da linguagem, acontecimento histórico que chamou de “ruína do simbolismo gótico”. Nas palavras de Foucault: “através de seus valores plásticos próprios, a pintura mergulha numa experiência que se afastará cada vez mais da linguagem, qualquer que possa ser a identidade superficial do tema”. O objetivo desse trabalho é problematizar esta interpretação histórica de Foucault, apontando como a crítica de Nietzsche à tradição dialética de Platão e Hegel contribuiu para a formulação foucaultiana de uma arte “afastada da linguagem”, isto é, uma arte que expressa a própria insuficiência do *logos*, da razão. Dessa forma, pretende-se mostrar também que a proposição de que Bosch representa a “ruína” do simbolismo gótico só se sustenta a partir de uma leitura anacrônica do medieval análoga à que Nietzsche realizou a respeito dos gregos.

PALAVRAS-CHAVE: experiência trágica da loucura; experiência crítica da loucura; simbolismo; linguagem; *logos*.

LISPECTOR E FOUCAULT: A ABERTURA DO PENSAR NA TRANSGRESSÃO DA LINGUAGEM

GUILHERME DE FREITAS LEAL

(Universidade Federal de Goiás – Doutorando Filosofia)

RESUMO: A comunicação consiste na leitura da escrita de Clarice Lispector à luz da análise de Foucault acerca da transgressão erótica em autores como Bataille e Sade. Desse modo, expor-se-á a valorização foucaultiana de um pensar de Abertura para o Outro na exemplificação do estilo próprio dessa autora brasileira no que toca a sua capacidade de abrir-se para o desconhecido no uso que faz da linguagem. No limite violentado e arrebatado pelo conteúdo que o rejeita, Lispector constitui-se como espaço dissonante no meio literário. Um lidar com a palavra, um fazer dos componentes e funções da língua não simplesmente subversão da tradição, mas a contorna inaugurando o nunca antes apresentado. Lispector é a consciente distância do já delimitado, o afastamento do experimentado no jogo infinito que realiza

em suas obras com a linguagem. Modo de escrito violento, confuso, transbordante, prosa que se debate no estranho que a preenche. Expressão desdobrada no além da exposição dos significados das palavras, no adiante do entrelaçamento das frases. Volúvel articulação levando inevitavelmente à sua própria desestruturação no contato multiforme com seus leitores. Transgressão da linguagem pelo símbolo explorado em construções complexas denunciadoras da fragilidade em que elas próprias se estruturam. Realizadora de uma Abertura no movimento literário de seus romances através de experiências profundas de uma escrita que explora a ausência da própria linguagem, o espaço em que ela já não pode ser. Juntando-se ao grupo de autores valorizados por Foucault devido a sua capacidade de molde artístico, como Blanchot, Klossowski e Baudelaire. Lispector é voz não sujeitada, pensar insatisfeito e inquieto que caminha no indeterminado da fala, no hesitante da língua. Escrita de epifania misteriosa no cotidiano e no comum, hesitante no irresoluto do pensar, sedenta por libertar-se até da linguagem que a sustenta.

PALAVRAS-CHAVE: Lispector; Foucault; Abertura; Literatura

MICHEL FOUCAULT E CLARICE LISPECTOR: ENTRE LITERATURA E ESCRITA DE SI

DANILA FARIA BERTO

(Universidade Estadual Paulista – Doutorado em Ciências Sociais)

RESUMO: Neste trabalho pretendeu-se uma discussão a respeito do que Foucault compreende por processos de subjetivação para a constituição do sujeito contemporâneo, procurando conceber a escrita sob um novo viés, qual seja, a possibilidade de ser entendida também como uma técnica de si que permita aos sujeitos comporem suas subjetividades. Na experimentação na forma de se conceber os textos literários, sob a perspectiva teórico-metodológica de Michel Foucault, se realizou uma leitura dos escritos de Clarice Lispector de forma a esquadrihar em suas palavras a possibilidade da escrita ser mais do que uma técnica de governo, mas uma prática de composição de subjetividades. É no espaço da autora de criação literária, de reinvenção da escrita que a hipótese desse projeto se encontra, buscando enxergar a escrita como processo de subjetivação e de prática de si que autorize que esse sujeito encontre seu espaço de liberdade/resistência para além desses poderes disciplinares e biopolíticos de nossa sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Clarice Lispector. Escrita. Subjetividades. Literatura.

MICHEL FOUCAULT E O TEATRO

LUIZ DE CAMARGO PIRES NETO

(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Doutorado em Filosofia)

RESUMO: As aproximações entre o pensamento de Michel Foucault e o fazer teatral configuram uma temática relativamente pouco estudada. Pode-se verificar que, em seus livros e em alguns de seus *Ditos e Escritos*, Foucault faz menções ao teatro: ora como parte das histórias escritas por ele, ora como exemplo para construir um conceito ou esclarecer a manifestação cultural de uma época, ora como metáfora para ilustrar seu pensamento. Além disso, Foucault revela que o teatro, mais que um interesse estético e literário, representa para ele uma ferramenta conceitual que seria extremamente útil para problematizar as suas análises. Suas investigações estariam situadas em um grande teatro, o teatro da verdade, no qual o que está sendo encenado é o espetáculo do mundo. Neste espetáculo, ele detém sua atenção em algumas cenas: as encenações da doença, da loucura e do crime, por exemplo. No teatro não existe a separação entre o verdadeiro e o falso. Não faz sentido perguntar se uma cena é verdadeira ou não. Ao tomar o teatro como uma ferramenta conceitual para compreender o pensamento de Foucault, percebe-se que indagar sobre a verdade daquilo que ele diz não faz sentido. O que está em questão é a encenação da verdade, os movimentos que fazem com que determinados saberes possam entrar ou sair

de cena neste teatro do verdadeiro e do falso. O objetivo deste trabalho é averiguar como Foucault utiliza as referências ao teatro em seu pensamento e verificar como o teatro pode ser considerado uma chave de leitura para os estudos foucaultianos.

PALAVRAS-CHAVE: Michel Foucault. Teatro. Arte. Ficção.

MICHEL FOUCAULT: O EFEITO POLÍTICO DA FOTOGRAFIA

PAULO HENRIQUE PINHEIRO DA COSTA

(Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Doutorando em Filosofia)

RESUMO: Em seu trabalho *La peinture photographique*, de 1975, elaborado por ocasião da exibição do artista Gerard Fromanger, na galeria Jeanne Bucher, Michel Foucault aponta que entre os anos de 1860-1900 havia uma livre relação entre fotografia e pintura. Momento de liberdade e transposição, onde as imagens se negavam a ser um quadro, uma fotografia ou uma gravura sob o signo de um autor. Porém, o filósofo constata a perda dessa liberdade vivida outrora, após a incorporação da fotografia pelos técnicos, laboratórios e comerciantes, assim como também, pela tentativa da pintura de “destruir a imagem”. A partir disso, a presente comunicação tem por objetivo analisar o efeito político dessa situação apresentada pelo filósofo, através das possíveis ações diante do domínio das imagens políticas e comerciais sobre as quais não temos poder. Revelando, desse modo, a partir da arte fotográfica, aspectos políticos significativos que dizem muito sobre a nossa atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia. Poder. Política.

O MÉTODO ARQUEGENEALÓGICO PARA ANÁLISE DO DISCURSO AUDIOVISUAL: AS RESISTÊNCIAS EM FILMES SOBRE A DITADURA MILITAR NO BRASIL

RAFAEL MARCURIO DA CÓL

(Universidade Estadual Paulista – Doutorando)

RESUMO: Este trabalho é derivado de um projeto maior de nível de doutorado, o qual tem como objetivo discutir a importância do método arqueogenealógico para a análise do discurso audiovisual, levando em consideração a construção de saberes, de poderes e de verdades no dispositivo fílmico no contexto nacional. A partir de um foco analítico, que são as manifestações de resistência dentro do cinema nacional, procurando mapear os diversos movimentos de esquerda que estavam em ação no Brasil durante os anos de ferro da Ditadura Militar e quando esse discurso terá possibilidade de emergir no cinema, problematizando a constituição de uma memória nacional. Esse método é discutido nesse trabalho não apenas com as obras canônicas da fortuna teórica de Michel Foucault, mas também a partir das entrevistas que o autor concedeu sobre o tema e as reverberações de sua fala, principalmente, dentro de uma revista de suma importância para a área, *Cahiers du cinéma*. Desse modo, pensar no método arqueogenealógico é refletir sobre a organicidade do discurso cinematográfico, articulando a montagem, a *mise-en-scène* e as trilhas sonoras, ou seja, os saberes desse domínio com as práticas sociais, ao analisar como esses saberes se transformam. A partir dessa descrição das regras que constituem os sujeitos a partir de práticas discursivas e não-discursivas, compreenderemos as microfísicas de poderes disperso nas práticas sociais, as quais subjetivam e objetivam as resistências, criando efeitos por meio de tecnologias dentro do dispositivo fílmico. Para chegarmos nas práticas de si e as subjetividades que ligam o sujeito ético resistente à verdade, pensando na construção de heróis nacionais como Lamarca e Marighella, além das mulheres postas nessas posição de resistente como Zuzu Angel dentre outras. Para assim, ensejar as metamorfoses políticas, sociais e institucionais dispostas no cruzamento do dispositivo político e o dispositivo fílmico, os quais controla(ra)m as constituições de verdades sobre esse sujeito subversivo.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueogenealogia; cinema; Ditadura Militar.

PALAVRAS ERRANTES: FOUCAULT E O MODO DE VIDA ARTISTA

ORIANA DUARTE

(Universidade Federal de Pernambuco – Doutora em Comunicação e Semiótica)

RESUMO: Como, no campo das artes visuais, artistas e teóricos exploram a caixa de ferramentas foucaultiana? Partindo desta questão, o trabalho apresenta algumas proposições, surgidas em diversos momentos do pensamento de Foucault, atualizadas pela arte moderna e contemporânea. Começaremos pelo conceito de heterotopia (1966-67), operado tanto para requalificar lugares onde as potências artísticas atuam com força diferenciada (Greenwich Village de 1963 e Kassel/Atenas em 2017 entre outros), quanto para engendrar obras e práticas artísticas pelas quais ressaltam o viés crítico aos agenciamentos de poder, sobretudo no espaço urbano. O espaço heterotópico, por ambas situações, se traduz em atitudes de resistência e combate as forças normatizadoras e de assujeitamento dos indivíduos. Entendemos que a inscrição deste *outro espaço* alia-se ao amplificar da experiência do corpo artista quando em contato com a forte carga imagética dos escritos de Foucault, pela qual as experiências limite conduzem apreensões sobre vidas a margem que são de inevitável empatia a própria vida de artista. O impacto deste contato com a palavra escrita se traduz, também, pelo modo como complexos conceitos que emergem no processar genealógico do poder são apropriados pelas artes do corpo – performance e dança. Propomos, por fim, que todas essas experiências convergem quando postas sob a lente de reflexão da nossa atualidade que conduz o terceiro eixo de suas análises: o conceito de estética da existência e as ideias que o orbitam suscitando o debate ético no campo das artes. Em seu último curso “A coragem da verdade”, na segunda hora da aula de 29 de fevereiro de 1984, no que avisa se tratar de uma *errância* pelo cinismo ao propô-lo como *categoria moral na cultura ocidental*, finda por analisar *três suportes (ou veículos) deste modo de vida como escândalo da verdade*: a espiritualidade cristã, a vida revolucionária do século XIX e a arte, sobretudo a arte moderna e a singular vida de artista – exposta como condição da obra. Em certo momento desta aula, Foucault reconhece os limites da sua exposição e tem o zelo de dizer para quem se interessar pelo assunto, que adentre por essa via... de certo, ainda que também exercitando limites, é o que aqui se pretende.

PALAVRAS-CHAVE: Estética da existência. Heterotopia. Arte contemporânea. Arte moderna.

SERIA FOUCAULT UM DÂNDI?

LORRAYNE COLARES

(Universidade de Brasília – Doutoranda em Filosofia)

RESUMO: Ao criticar a proposta de uma estética da existência para a contemporaneidade, Pierre Hadot acusou Michel Foucault de propor uma cultura de si puramente estética sob a forma de um novo dandismo versão final do século XX. Tal crítica sugere que a elaboração dessa estética da existência inspirada nos gregos e romanos ignora os elementos transcendentais de suas filosofias e flerta perigosamente com um narcisismo egocêntrico. A presente comunicação visa analisar a ética foucaultiana à luz da imagem do dândi, sobretudo a descrita por Baudelaire. Ora, Baudelaire é um personagem importante na descrição que Foucault faz da modernidade, a qual ele representa como uma atitude escolhida individualmente e que forma um ethos a partir da tentativa de responder criticamente à sua própria situação histórica. A referência apontada por Hadot é oportuna e nos oferece a possibilidade de discutir sobre o que significa, afinal, construir a si mesmo como obra de arte ou viver uma vida bela. Para isso, será preciso também inquirir a afirmação de que a forma de vida do artista moderno é o veículo do modo de ser cínico, ou seja, do relacionamento entre estilo de vida e manifestação da verdade.

PALAVRAS-CHAVE: Estética da existência. Dandismo. Baudelaire. Cinismo. Modernidade.

ENCONTROS E DESENCONTROS NA ARTE DE VIVER

MARCO ANTONIO ARANTES

(Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Professor doutor em Ciência Política)

RESUMO: A proposta se detém sobre a noção de estética da existência, que diz respeito à arte de si, ao indivíduo livre vinculado a um conjunto de regras e valores, e que remete ao tema anticristão de voltar a si mesmo e retornar a si. No caso específico deste artigo, o interesse é explorar os processos de subjetivação e a elaboração ética de si, ou seja, a estética como uma forma de vida, uma ética como um estilo de si e não como um dever moral, tendo como referência um conto e um longa-metragem. A primeira refere-se ao conto *Roads of Destiny* (1909) — “Caminhos do Destino” —, do escritor norte-americano O. Henry (1862-1910); a segunda resgata o filme intitulado *Akiresu to kame* (2008) — “Aquiles e a Tartaruga” —, do diretor e comediante japonês Takeshi Kitano. Por meio das duas obras é proposta uma problematização do conceito de *estética da existência*, ou seja, a proposta é partir da literatura para clarear um conceito formulado por Foucault, um autor que não era indiferente à literatura e às artes. Não é proposta uma análise discursiva e não se persegue uma abordagem restrita às funções do autor, mas propõe uma interrogação sobre outras dimensões da literatura e do cinema, centradas nas questões da individualidade e da subjetividade. Não se trata de discutir o impacto de Foucault nos estudos literários e o papel exercido na reconfiguração do discurso sobre a literatura, mas propor um problema em termos diferentes, ou seja, uma problematização de um conceito foucaultiano no *corpus* do texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: Estética da Existência. Subjetividade. Cuidado de Si.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 2
SUBJETIVAÇÃO, LIBERDADE,
LINGUAGEM

XI COLÓQUIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT

SIMPÓSIO TEMÁTICO 2

SUBJETIVAÇÃO, LIBERDADE, LINGUAGEM

Coordenação: Prof. Dr. Pedro de Souza (Universidade Federal de Santa Catarina), Prof. Dr. Daniel de Oliveira Gomes (Universidade Estadual de Ponta Grossa) e Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera (Univille)

RESUMO: Sabemos que para Michel Foucault, o sujeito nunca tem origem em si mesmo, ou seja, a subjetividade é sempre resultado de um complexo de relações de poder situado fora dela mesma. Contudo Foucault não negou que há na raiz de toda subjetivação um princípio, uma vontade individual, um eixo de resistência abrindo para a possibilidade de o sujeito se realizar como sujeito, ou autor de sua própria existência. Trata-se de pensar como um sujeito pode se construir a si mesmo, já que o processo de subjetivação não tem nenhuma origem no próprio sujeito. A pergunta é: como o sujeito, apesar de feito nas malhas do poder que lhe é exterior, pode tornar-se o construtor de si mesmo, ou o princípio e o efeito de modalidades históricas de subjetivação. Colocamos assim esta questão de forma suficientemente ampla para acolher propostas que trabalhem precisamente práticas de subjetivação em que o indivíduo é pego na encruzilhada entre ser o sujeito que é levado a ser, ou tornar-se sujeito outro. Qualquer que seja a maneira que se adote para ser o sujeito de sua própria existência, esta deve aparecer como a linguagem – verbal ou não verbal – apontando para o sujeito enquanto opera a construção de si mesmo. Assim, este simpósio temático pretende acolher pesquisas concluídas e em andamento que versem sobre temas relacionados a produção de subjetividades e singularidades diante de experiências traumáticas limites como doenças, lutos, catástrofes e diásporas; o que se produz entre o discurso da norma e as normatividades criadas em curso; as práticas de liberdade e assujeitamentos diante de condições de vulnerabilidade; a violência ética no gesto de narrar-se e o poder das narrativas (auto)biográficas, as práticas de liberdade, a vida feita arte.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Linguagem. Liberdade.

A CRIAÇÃO DE SI COMO OBRA DE ARTE EM FOUCAULT: ESTÉTICA OU ÉTICA?

ZENAIDE SACHET

(Universidade de São Paulo - Doutorado em Filosofia e Educação)

RESUMO: A noção de estética da existência, utilizada por Foucault no contexto do preceito filosófico do cuidado de si, recebeu duras críticas de Pierre Hadot em Exercícios espirituais e filosofia antiga (2002), por não expressar adequadamente a arte de viver ou o estilo de existência na antiguidade grega e romana. Para Hadot, o sentido que a palavra estética evoca na modernidade, que tende a considerar o belo como uma realidade para além do bem e do mal, é diferente daquele relacionado ao valor moral que os gregos imputavam a essa palavra. Portanto, o cuidado de si não diria respeito à construção do eu como obra de arte, mas à superação do eu ou pelo menos ao exercício por meio do qual o eu se encontra dentro do todo e experimenta-se como parte dele. Foucault já havia sido bastante criticado pelo olhar estetizante a respeito da subjetividade, pela indiferença em relação ao indivíduo de carne e osso, quando de suas reflexões sobre a função-autor, nos anos setenta. Nos termos de Giorgio Agamben, uma verificação das passagens em que recorre à expressão estética da existência mostra que Foucault, consistentemente, localiza a experiência em questão na esfera ética. O paradigma foucaultiano da vida como obra é incongruente com a representação de um sujeito-autor, que tem na obra um objeto externo a ele. Em Foucault, o sujeito nunca aparece apartado em uma posição constituinte originária, como fundamento ou como condição de possibilidade da experiência. Dessa forma, a questão da criação da própria vida como obra de arte não se encontra separada da problematização do sujeito, que tem na relação consigo, constitutivamente, a forma de uma criação de si: não há outro sujeito senão nesse processo de subjetivação. Este trabalho tem como objetivo confrontar as noções de estética da existência e sujeito ético implicadas no preceito filosófico do cuidado de si em Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: Estética da existência. Sujeito ético. Cuidado de si. Foucault. Agamben.

A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DA REDE MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS: GOVERNAMENTO E CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADES DOCENTES

KARINA DE ARAÚJO DIAS

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutora em Educação e Estagiária Pós-Doutoral)

RESUMO: Esta pesquisa está centrada na formação continuada dos profissionais da educação, concebida e desenvolvida pela Secretaria Municipal de Ensino (SME) do município de Florianópolis (SC), no período entre 2000 e 2013. Toma como horizonte contextual a emergência de uma discursividade em torno da formação de professores configurada pela implementação de reformas educacionais que incidem, especialmente, sobre a formação continuada de professores a partir da década de 1990. Tomando ferramentas analíticas cunhadas por Michel Foucault, objetivamos identificar que sujeito professor é constituído por meio dos discursos que normatizam a política nacional de formação continuada de professores, a apreensão desse discurso em âmbito municipal e os elementos do governo de si que operam como táticas de agenciamento e resistência docente. Nessa direção, as lentes de análise são os conceitos de governamentalidade, governo, dispositivo, subjetividade, contraconduta, saber-poder, biopolítica e biopoder. O material empírico é formado por um conjunto de acontecimentos discursivos materializados em fontes escritas e orais. Os resultados apontam que a formação continuada opera como uma das principais estratégias de governo da prática docente e objetiva construir subjetividades em consonância com o perfil que se espera de um profissional da educação. As resistências ao governo, operado pela formação continuada, referem-se à construção de parcerias entre os docentes em favor da construção de outros percursos formativos, de novos governamentos. A atitude crítica demonstrada pelos professores parece indicar uma disposição para constituir novas subjetividades

docentes. Por fim, concluímos que a formação continuada é um dispositivo de poder que objetiva a constituição de um *Homo Discentis Manipulabilis*, um sujeito professor de novo tipo, que deve aprender continuamente e que urge ser dotado de um amplo conjunto de competências e habilidades em razão dos déficits e carências que lhe são atribuídos.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas de formação continuada de professores. Governo. Dispositivo. Discurso. Subjetividade.

A QUESTÃO DA POESIA: ENQUANTO OCUPAÇÃO DE SI E CUIDADO UM DIÁLOGO ENTRE MARTIN HEIDEGGER E MICHEL FOUCAULT

IRIS DANIELE MARCOLINO DA SILVA

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação)

RESUMO: A poesia para Heidegger inspirado por Friedrich Hölderlin é o cântico que conecta os mortais com os imortais. A voz que para Heidegger atravessa a “noite do mundo”, aquela que *res-guarda* o ser sobre a quadratura: “Céu, terra, mortais e imortais”. Em uma era de total indigência o *ser-do-ente*, confronta-se com a emergência do cuidado de si, aplicando-se a partir, do conhecimento de si mesmo. Aquilo que, irá consolidar o seu lugar no mundo em uma morada poética, em seu habitar, pois, a linguagem é a clareira do ser. Ao que concerne a relação Heidegger e Foucault essa comunicação tem o objetivo de traçar os liames que atravessam as perspectivas entre os autores que nesse encontro com o ser e sua subjetivação implica o conhecimento de si para o *ser-no-mundo*. O caminho rumo a essa compreensão sobre como a poesia relaciona-se com a fala do sujeito e sua liberdade, naquilo que enquanto linguagem ancora-se no habitar a “*gnôthi seantón*”. Deste modo, a partir disto, observa-se uma conexão estabelecida com os antigos que convida para um rememoração dos exercícios espirituais para lidar com essa questão que reúne a ação-fala e que sustenta o ser para a elaboração dos sentidos dentro do campo de sua subjetivação.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Ocupar-se. Cuidado. Martin Heidegger. Michel Foucault.

A SUBJETIVAÇÃO FEMININA NAS NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS DE GILKA MACHADO

FERNANDA CONCEIÇÃO COSTA FRAZÃO

(Universidade Federal do Paraná - Doutorado em Educação)

RESUMO: Gilka Machado (1893-1980) foi uma poeta e militante brasileira pelo sufrágio: em 1910 participou da fundação do Partido Republicano Feminino, publicou vários livros, de poesias e conferências literárias a partir de 1915, e colaborou com textos para revistas nas décadas de 1910 e 1920, principalmente. Mais que o volume da produção e atuação, interessa problematizar a trajetória de Gilka no que diz respeito às suas narrativas acerca da sua experiência de ser mulher, o modo como, através da linguagem, literária e de atuação política, ela reclamou a libertação do ser feminino, denunciando o “ser emparedado”: “Ai! Antes pedra ser, inseto, verme ou planta, do que existir trazendo a forma da Mulher” (Poema *Ancia Azul*, 1915). Por indícios como este, busca-se compreender suas relações com seu contexto histórico e a experiência de sujeito que isso provocou nela, e assim sugerir análises sobre os processos de subjetivação que a constituíram. As emergências de suas linguagens provocam pensar na materialidade dos limites impostos ao seu corpo, que provocaram seu desejo e atuação pela libertação do ser feminino: ferindo o poder onde ele lhe era imposto, na estrutura social patriarcal, praticou a resistência pela poesia marginal, considerada erótica. Seus versos sensoriais lhe renderam o título de “matrona imoral”, mas também o prêmio de “Poetisa do ano”, escolhida entre centenas de outros no concurso da Revista O Malho, de 1933. Quase ao final de sua vida, em 1977, recebeu em carta a pretensa indicação de uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, finalmente oferecida a uma mulher, ao que rejeitou, afinal, manteve-se na transgressão e resistência no que lhe foi possível. Cravadas em seu tempo,

suas narrativas nos chegam fluidas, historicamente constituídas como parte de seu *ethos*, ao qual se convida a compartilhar da apresentação e problematização.

PALAVRAS-CHAVE: Gilka Machado. Experiência histórica feminina. Resistência. Subjetivação.

A TAREFA FILOSÓFICA DA MODERNIDADE

MARCELA ALVES DE ARAÚJO FRANÇA CASTANHEIRA
(Universidade Federal de Minas Gerais - Doutoranda em Filosofia)

RESUMO: No ano de 1978 a referência ao pequeno texto de Kant “*Resposta à questão: O que é Esclarecimento?*” aparece em dois escritos de Michel Foucault: na introdução feita para a edição inglesa da obra de Canguilhem, *O normal e o patológico* e na conferência intitulada pelos editores *Qu'est-ce la critique? [Critique et Aufklärung]*, proferida em 27 de maio para *Société Française de Philosophie*. Estas são as primeiras, mas não únicas, interpretações que Foucault faz desse texto de Kant. Parece-nos que seu objetivo é o de assumir a crítica como tarefa filosófica na modernidade. No entanto, a atividade crítica reivindicada por Foucault afasta-se do projeto kantiano – em que a crítica é a determinação pela razão das estruturas *a priori* e dos limites do conhecimento – e é compreendida como uma atitude, uma virtude, um trabalho específico do pensamento que deve pôr à prova as razões para se governar e para ser governado. Diante do exposto, pretendemos apresentar como a crítica assim definida aproxima-se da definição de cuidado de si, bem como as implicações dessa aproximação para a atividade filosófica na modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Crítica. Cuidado de si.

ALETURGIA DO CURRÍCULO CULTURAL NA EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS POTENCIALIZADORAS DE SUBJETIVIDADES NÃO FASCISTAS

RUBENS ANTONIO GURGEL VIEIRA
PEDRO XAVIER RUSSO BONETTO
(Universidade de São Paulo - Doutorandos em Educação)

RESUMO: O resumo em questão apresenta as aproximações de duas pesquisas de doutoramento em educação ainda em andamento, cujos objetivos foram cartografar possíveis linhas de força do campo educacional, mais especificamente da Educação Física na perspectiva da linguagem – cultura corporal (NEIRA; NUNES, 2006; 2009), buscando conexões com as noções foucaultianas de poder, subjetividade, discurso, crítica e governamentalidade (FOUCAULT, 1981; 1982; 2004; 2009), em acréscimo com as formulações esquizoanalíticas escritas por Deleuze e Guattari (1994; 1995; GUATTARI, ROLNIK; 2013), especialmente quando destacam o trabalho micropolítico e a “revolução molecular” enquanto potencializadoras de processos de singularização das subjetividades. Entendendo o currículo enquanto um regime de verdade capaz de fazer-viver, repleto de métodos, procedimentos, princípios ético-políticos, intencionalidades, subjetividades e que significa certos conhecimentos e experiências para os estudantes e seus corpos, buscamos também produzir experiências no campo educacional, especialmente com a Educação Física no fundamental – ciclo I, tencionando contracondutas à governamentalidade neoliberal, abrindo espaço para modos de vida outros, não fascistas (2010). Cartografias iniciais apontam linhas de poder/força como as leis educacionais, as regras e normas do regimento escolar, o Projeto Político Pedagógico, a concepção cultural e seus procedimentos didáticos em confronto com discursos educacionais tradicionais e acrílicos dominantes nas unidades escolares; também compõe os mapas iniciais a subjetividade dos alunos, seus desejos, atitudes e suas falas em posições frequentemente subjugadas e resistentes; as disposições espaciais, temporais; e por fim, destacamos linhas de fuga, que por tão efêmeras não se territorializam em enunciados pedagógicos, mas passam pela escrita curricular como acontecimentos e agenciamentos inesperados, disruptivos e criadores.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física. Microfísica do poder. Subjetividades. Foucault. Deleuze.

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO ESTÁ VOLTANDO: LOUCURA, ARTE E PATRIMÔNIO CULTURAL

VIVIANE TRINDADE BORGES

(Universidade do Estado de Santa Catarina - Doutora em História)

RESUMO: A trajetória de Arthur Bispo do Rosário (1909-1989) será aqui problematizada através de uma análise enunciativa, mostrando a maneira como o personagem se delinea de diferentes formas, conforme o olhar de quem o apreende, de quem o toma e o institui como objeto. Loucura e arte se entrelaçam para compor a capacidade artística e a genialidade de um sujeito tido como único, que engendraria, em suas criações, todas as referências da arte contemporânea. Bispo não é o produtor central dos acontecimentos que perpassam estas páginas, mas sim o resultado da batalha discursiva aqui problematizada. Objetivou-se mostrar que não existe um único Bispo anterior às tramas discursivas que buscam representá-lo, um sujeito fundante, um ponto de partida que inauguraria seus gestos e palavras. O que existe são diferentes Bispos, produzidos pelos discursos que o apreenderam. Para isso, estudos acadêmicos, documentos institucionais, entrevistas, poemas, sambas enredo, fotografias, reportagens, inventários, bem como as peças por ele produzidas, hoje tidas como obras de arte, foram tomadas como monumentos que procuram dizer quem foi Arthur Bispo do Rosário. O olhar que norteou o presente estudo foi direcionado pelas noções foucautianas de “práticas discursivas e não discursivas”, “sujeito”, “enunciado” e “invenção de si”, além de outros conceitos como “enquadramento da memória” e “monumentalização”, e seus resultados apresentam-se em cinco partes, as quais tentam dar conta da intriga proposta: o período anterior à internação, sua vivência da Colônia Juliano Moreira (RJ), sua versão de si, sua incursão pelo mundo das artes plásticas e sua monumentalização.

PALAVRAS-CHAVE: Arthur Bispo do Rosário. Psiquiatria. Arte. Patrimônio Cultural. Biografia. Michel Foucault.

AS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA: PRÁTICAS DE LIBERDADE PELA ÉTICA DA AMIZADE

FABÍOLA FERNANDA DO PATROCÍNIO ALVES

(Universidade Federal de Minas Gerais - Doutoranda em Educação)

RESUMO: O objetivo do trabalho é apresentar uma discussão sobre produções éticas de crianças com deficiência no contexto de inclusão escolar. Apresenta resultados parciais da pesquisa, ainda em desenvolvimento, intitulada: *Práticas de crianças que vivem à revelia da deficiência - possibilidade ética frente à vida?* O estudo situa-se nos campos dos estudos foucaultianos, ressaltando conceitos como “saber”, “relações de poder”, “anormal”, “governo”, “subjetivação”, “práticas de liberdade”, “ética” e “ética da amizade”. No Brasil, tradicionalmente, a educação das crianças com deficiência ocorreu em escolas especiais, permeadas pela concepção caritativa. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, a Educação Especial é posicionada como modalidade educacional, inaugurando-se sua perspectiva inclusiva. A chegada dessas crianças às salas de aula comuns instituiu novas relações de poder, atuando para neutralizar as diferenças. Práticas discursivas e não discursivas se reproduzem e ressaltam a anormalidade. Desse modo, predominam cenas onde as crianças em questão são tratadas como estrangeiras e indivíduos a serem corrigidos, restando a elas ocupar espaços periféricos da escola. Participam da pesquisa mencionada, uma criança cega e outra usuária de cadeira de rodas, estudantes de escolas municipais de Belo Horizonte. A metodologia baseia-se na ética de Michel Foucault. O estudo revela que, embora submetidas a diferentes estratégias de governo na escola, ambas as crianças criam esboços de práticas de liberdade. Reivindicam outros modos de vida além dos instituídos, almejando novos territórios existenciais. Recorrem à ética da amizade no sentido proposto por Foucault, ou seja, constroem relações agonísticas, na tentativa de transgredir a normalização e as formas empobrecidas de existência.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças com deficiência. Escola. Subjetivação. Práticas de liberdade. Ética da amizade.

COMO GOVERNAMOS OS HOMENS A PARTIR DA VERDADE DO TEMPO?

JUCIARA GUIMARÃES CARVALHO

(Universidade Estadual de Campinas - Doutorado em Educação)

RESUMO: Esta proposta tem o objetivo de problematizar os usos da noção de tempo presentes na linguagem das práticas como sendo regimes de verdades que produzem subjetividade, mas que também podem potencializar efeitos outros nas práticas de liberdade. O aporte teórico de Michel Foucault para esta discussão são os movimentos filosóficos apresentados na conferência “As heterotopias” (1966), nas obras A verdade e as formas jurídicas (1973) e Do governo dos vivos (Aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980). No primeiro deles Foucault nos convida a navegar pelas águas do espaço e tempo, das heterotopias, para potencializar contraespaços e contratempos outros e, ainda perceber as relações temporais e espaciais fora do “retângulo de uma folha de papel”. Contudo, o segundo movimento, proposto aqui, Foucault apresenta o funcionamento do tempo em alguns espaços que foram quadriculados nas malhas do poder da sociedade moderna. Espaços estes como as instituições industriais, pedagógicas, médicas e penais que tinham como função o controle da dimensão temporal da vida dos sujeitos. Foucault (1973) afirma que “é preciso que o tempo dos homens seja oferecido ao aparelho de produção; que o aparelho de produção possa utilizar o tempo de vida, o tempo de existência dos homens”. E acrescenta, “é preciso que este tempo dos homens seja transformado em tempo de trabalho”. Neste sentido, o tempo que opera na vida dos homens é o tempo cronos, da produção capitalística e não o tempo vivido do homem. As relações de saber e de poder foram constituindo modos de governar o tempo dos sujeitos provocando assujeitamentos de uma forma de perceber, viver, produzir subjetividades envolvendo a noção de tempo. Assim, é no terceiro movimento que podemos perguntar como o sujeito pode ser construtor de seu próprio tempo? Para além das relações saber-poder intervimos pelas práticas de liberdade do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo. Sujeito. Subjetividade. Práticas de liberdade.

CONVERSAÇÃO EM REDE E AS RELAÇÕES DE PODER NO DEBATE SOBRE A INTERSECCIONALIDADE

PAULA VIEGAS

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Doutorado)

RESUMO: Atualmente, com a popularização dos sites de rede sociais e a proliferação de manifestações linguísticas acerca de temas polêmicos nessas plataformas, é possível observar determinadas disputas discursivas frente a complexas malhas de poder tecidas em longos processos históricos. Nesse debate, a vigilância, o controle e a disciplina entre os sujeitos é potencializada através das ferramentas de conversação em rede, colaborando para a manutenção de um ideal regulatório. Esse ideal se constitui através da produção de normas e normatividades reiteradas como uma verdade mascarada, ou pelo o que Michel Foucault chamou de vontade da verdade. Um exemplo de debate constante na conversação em rede online é sobre a interseccionalidade, que, segundo Kimberle Crenshaw, se refere a sobreposição de discriminações em relação a gênero, raça, sexualidade, classe, deficiência, etc. Nesse debate, é preciso observar a diferença dentro da diferença, o que torna mais profundo as discussões entre feministas e suas diferentes formas de construir-se como sujeitos. Assim, as relações de poder não são uma essência ou um ponto de partida, apenas produção e reiteração de normas através das práticas discursivas, como, por exemplo, a performatividade do gênero. Segundo Judith Butler, é preciso abandonar o caráter essencialista e biológico dos modos de ser mulher, assim como aquele puramente construcionista. Considerando essa problemática, o presente estudo apresenta como objetivo a compreensão dos modos de construir-se sujeito desempenhados pelas feministas na conversação em rede, considerando o debate acerca da interseccionalidade. A proposta é observar a produção de normatividades, as práticas de vigilância e a manutenção de relações de poder nesse complexo debate.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Linguagem. Relações de Poder. Conversação em Rede. Interseccionalidade.

CORPO, PODER DISCIPLINAR E RESISTÊNCIA

JULIANA DE PAULA SALES SILVA

(Universidade Federal de Minas Gerais - Doutoranda em Filosofia)

RESUMO: Focalizando as lutas sociais atuais, pretendemos evidenciar o corpo como forma de resistência ao poder disciplinar narrado por Michel Foucault na primeira metade da década de 1970, antes da reflexão sobre as contracondutas, a atitude crítica e a liberdade. Em que pese a atuação do poder disciplinar, apesar do assujeitamento, o corpo em Foucault não é apenas dotado de passividade. Trata-se de um lugar de discursos, uma vez que é objeto das práticas discursivas jurídicas, médicas, pedagógicas, etc. Como superfície material de inscrição de poder, o corpo se mostra também como lugar de conflitos discursivos: uma linguagem não verbal que pode dizer não à normalização. Destacamos três considerações encontradas no pensamento foucaultiano nas quais o corpo se mostra como elemento principal nas insurreições na sociedade disciplinar: o ilegalismo operário como forma de rebelião contra a moral do trabalho; o episódio da grande simulação da histeria por parte das pacientes de Charcot; e a lateralidade do panoptismo na forma-prisão/forma-sociedade. Trata-se de exemplos de uma agência que, tendo o corpo como principal artifice contra um poder que sequestra e que fixa as subjetividades aos confins da sociedade disciplinar, resiste à normalização. Dessa forma, podemos falar de lutas contra o poder-saber, a exemplo do trabalhador que, negando-se a ser apenas força de trabalho somatizada, pratica a greve e ameaça a produção em função de seus direitos, isto é, contornando o éthos da produção capitalista, se engaja nas lutas políticas e sociais de seu tempo; ou o corpo sexual de um indivíduo que, apesar dos valores morais de uma sociedade patriarcal, desafia o discurso normalizador que prescreve sua sexualidade e se subjetiva de outras maneiras; ou a escola que, recusando fixar os estudantes no modelo de transmissão de saber, transforma os lugares destinados à existência física e subjetiva no interior das práticas pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Poder. Liberdade. Discurso. Resistência.

CUIDADO DE SI E PRÁTICAS DE LIBERDADE EM CONTEXTO DE CIBORGUIZAÇÃO

Jailane Pereira da Silva

(Universidade Federal de Minas Gerais - Doutoranda e mestre em direito e justiça)

RESUMO: Considerando que em seus estudos sobre o cuidado de si, Foucault esforça-se por compreender, distinguindo e nos apresentar os diferentes usos e possibilidades dessa técnica de si ao longo do percurso histórico-filosófico do Ocidente em sua matriz greco-romana-cristã, o presente trabalho busca investigar a sua aplicabilidade, eficácia, usos e limites em outro recorte espaço-temporal: o da contemporaneidade. Escolhemos como referência para essa aproximação os hodiernos Estudos Culturais, notadamente, apoiando-nos nos estudos sobre os ciborgue de Donna Haraway. Interessa-nos pensar a relação entre cuidado de si e a ciborguização defendida pela autora. Pensando o ciborgue como um híbrido humano-máquina que, por ser fruto de fusões entre entes de naturezas diversas, se apresenta como aquela instância na qual nenhuma humanidade, natureza ou tecnologia original pode defini-lo, a autora pôde abandonar de vez qualquer *a priori* de “naturalidade” mostrando-nos que o “natural” e o “não-natural” são produções socioculturais complexas. Na perspectiva de Haraway somos todos ciborgue, o que significa dizer que estamos sempre e a cada vez atravessados por técnicas e tecnologias que (des)configuram e (re)constróem nosso ser e seus modos. Qual seria, nesse contexto de uma onipresente ciborguização, os limites e as potências reais de um cuidado de si genuíno? Quem ou o quê seria o “si” desse cuidado? Quais discursos nos produzem na era do ciborgue? O ciborgue – enquanto categoria filosófica – atualizaria o cuidado de si para a contemporaneidade ou o cuidado de si é que segue

sendo a ética de fundo a ser observada pelos ciborgue? Esse trabalho busca compreender essas questões a fim de desvelar o que vem a ser a liberdade de se construir e de ser sempre em redes em nossa atualidade hiper complexa, biomodificada, tecnológica, e conectada.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidado-de-si. Ciborgue. Liberdade. Michel Foucault. Donna Haraway.

CUIDADO DE SI EM CUIDADORES FAMILIARES

STEFANIE GRIEBELER OLIVEIRA

(Universidade Federal de Pelotas - Doutora em Enfermagem)

FRANCIELE ROBERTA CORDEIRO

(Universidade Federal de Pelotas - Doutora em Enfermagem)

RESUMO: Este trabalho objetiva discutir o cuidado de si como um modo de subjetivação a ser incitado em cuidadores familiares de pacientes vinculados a serviços de atenção domiciliar. O cuidado de si é apresentado por Foucault como uma forma de acesso a verdade e que, por meio de práticas de conversão de si mesmo, resultam na modificação dos sujeitos. Recentemente, os serviços de atenção domiciliar são ofertados a pessoas com doenças crônicas ou sem possibilidade de cura, e por conseguinte, necessita-se que um membro da família assuma o cuidado diário, uma vez que os profissionais de saúde prestam apoio pontualmente, com frequência variável conforme a organização do serviço. Estudos apontam que cuidadores, especialmente os familiares, têm sua vida modificada ao assumir o cuidado do outro no domicílio e responsabilizar-se por esse nem sempre é uma escolha. Além de sobrecarga, este sujeito tem privações pessoais, ocupacionais e sociais. Nesse sentido, o Projeto de Extensão “Um olhar sobre o cuidador familiar: quem cuida merece ser cuidado” da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, por meio de visitas domiciliares aos cuidadores, incita o cuidado de si, a partir de escuta sobre as experiências produzidas pelo cuidar, propiciando um espaço para o cuidador pensar sobre si, como vem se constituindo como tal e, ainda, possibilitando a identificação de práticas de si já exercidas por eles. Entre as práticas identificadas até o momento estão a escrita de si, reflexões em momentos solitários em que estão fumando um cigarro ou caminhando, ou em “confissões” que realizam ao conversar com o outro, especialmente no referido projeto. Conclui-se que o projeto de extensão propicia espaço de ruptura – ou de fuga – por meio da escuta e da escrita, o que permite a expressão de sentimentos e a promoção do cuidado de si dos cuidados familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Cuidado de si. Cuidadores familiares.

CURSOS DO COLLÈGE DE FRANCE E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO EM MICHEL FOUCAULT

ROSIMERI DE OLIVEIRA DIAS

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Doutora em Psicologia)

HELIANA DE BARROS CONDE RODRIGUES

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Doutora em Psicologia)

RESUMO: Este trabalho decorre de pesquisas em andamento no Instituto de Psicologia e na Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro sobre Michel Foucault, voltadas para: as considerações metodológicas presentes nos Cursos por ele ministrados no Collège de France; as relações existentes entre suas análises dos saberes, dos poderes e dos modos de subjetivação; e a diversidade das práticas militantes em que o filósofo esteve então envolvido – relativas a movimentos de libertação e/ou liberdade em diferentes países. O intuito dessas pesquisas é problematizar as diferentes formas de aproximação de Foucault aos modos de singularização e constituição de si, mediante uma *análise estratégica de discurso*, entendendo-se por tal expressão: o

estabelecimento de redes de conexão entre o discursivo e o não discursivo, abrindo caminho para diferentes formas de dominância, articulação e/ou conflito; a busca de eventuais rupturas que dão lugar à aleatoriedade e aos perigos da linguagem; um enfoque que não se limita ao caráter denotativo, trazendo à tona, primordialmente, o caráter performativo dos discursos – o que estes fazem ver, dizer, pensar e, inclusive, ser (modos de subjetivação); o afastamento radical quanto a formas de pensar que veem nos discursos a expressão de intenções subjetivas – seja o sujeito tomado como pessoal ou coletivo –, apreendendo-os, ao contrário, em sua positividade – “fala-se”, “escreve-se”, “diz-se”, e desses exercícios a princípio anônimos emergem subjetividades (jamais totalizantes/totalizadas). Neste sentido, “Foucault” é um nome que condensa uma multiplicidade de práticas, e não um “sujeito em recuo”. As pesquisas procuram realizar, contudo, uma análise do pensamento de Michel Foucault que não separe teoria e método, tampouco filosofia e vida, e que, nesse sentido, contribua para que tal pensamento constitua efetivamente um equipamento ético-político para ações de caráter libertário no presente.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetivação. Linguagem. Cursos do Collège de France. Michel Foucault.

DESOBEDIÊNCIA E CUIDADO DE SI: UMA LEITURA (DES)INSTITUINTE A PARTIR DO ÚLTIMO FOUCAULT

LORENA MARTONI DE FREITAS

(Universidade Federal de Minas Gerais - Doutoranda em Direito e Justiça)

ANDITYAS SOARES DE MOURA COSTA MATOS

(Universidade Federal de Minas Gerais - Pós-Doutor em Filosofia do Direito)

RESUMO: Esta proposta de comunicação consiste na apresentação de resultados parciais de pesquisa de doutorado em desenvolvimento, e concerne à análise de como as implicações da ética na política aparecem na parte final da obra de Michel Foucault, em especial no curso de 1984 *O governo de si e dos outros II: a coragem da verdade*, tendo em mente as premissas por ele assumidas anteriormente acerca da relação entre sujeito, poder e discursos de verdade. Parte-se, portanto, da inflexão provocada pelo filósofo em direção à dessubjetivação e às práticas da liberdade, focando nos processos de estilização da vontade próprios ao cuidado de si e à atitude crítica dos filósofos cínicos. Colocando em discussão a provocação pública dos cínicos às convenções sociais no quadro geral do pensamento de Foucault, a investigação a ser apresentada tem por objetivo geral analisar a potencialidade da atitude ética em produzir efeitos (des)instituintes na estrutura normativa, enquanto estratégia de rearticulação das relações de poder. Como objetivo específico, propõe-se a aproximação desse quadro teórico à experiência histórica de movimentos de desobediência civil - especialmente das lutas pela libertação colonial e pelo fim da segregação racial -, na medida em que esses questionavam o *status quo* jurídico desarmando moralmente tal estrutura ao tornarem evidente uma verdade. Para tanto, tais movimentos incluíam trabalhos e exercícios prévios de autopurificação como fase do preparo de si para a prática da ação direta desobediente. Esta proposta se vale da hipótese apresentada por Foucault na aula de 29 de fevereiro de 1984, sobre uma posteridade política do cinismo identificável nos movimentos revolucionários e no modo de ser “militante”, e se apoia na recente obra de Frédéric Gros (*Des)obéir* (2017), bem como no artigo *Estado de exceção, desobediência civil e desinstituição: por uma leitura democrático-radical do poder constituinte* (2016), de Andityas S. M. C. Matos.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidado de si. Dessubjetivação. Desobediência. (Des)instituição.

HISTÓRIA, LIBERDADE E SUBJETIVIDADE: NOTAS SOBRE A RELAÇÃO DE FOUCAULT COM O PENSAMENTO DE KANT

TIAGO VIOTTO DA SILVA

(UNESP/Assis – Doutorando em História – FAPESP: Processo nº 2017/15656-0)

HÉLIO REBELLO CARDOSO JÚNIOR
(Universidade Estadual Paulista em Assis – Doutor em Filosofia)

RESUMO: O enfoque sobre a subjetividade ganha contornos mais precisos juntos às reflexões desenvolvidas por Foucault na década de 1980, notadamente nos dois últimos volumes de *História da sexualidade*. Mantida em um ângulo obtuso de seu labor intelectual, a subjetividade é tratada por Foucault a partir de então como um processo definido a partir de dois importantes aspectos: a relação com a história e a dimensão transformacional do corpo. Nesse mesmo diapasão, Foucault tematiza, também, a questão da liberdade enquanto uma prática que se especializa a partir de uma *atitude crítica*. Para o desdobramento desta reflexão em específico, Foucault se alia a um importante personagem intelectual: Immanuel Kant. É junto do pensador alemão que Foucault irá tratar a *atitude crítica*, fundamental para a transformação de si, como um movimento de saída e deslocamento em relação ao presente e às forças que nos constituem. Mais do que um encontro episódico, entretanto, a figura de Kant já havia sido mobilizada por Foucault em outros momentos de sua trajetória, como, por exemplo, em sua tese complementar *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant*, de 1961. Quais seriam, portanto, os pontos de tangência possíveis de serem hauridos dos diferentes momentos em que Foucault aproxima suas reflexões dos trabalhos de Kant? A despeito dos diversos deslocamentos que Foucault promove em suas reflexões, busca-se, no desdobramento desta questão, levantar alguns elementos gerais de ordem teórico-metodológica que permitam a reflexão acerca daquilo que, talvez, possa ser considerado um dos principais motes desenvolvidos na aproximação de Foucault com o pensamento de Kant: as relações entre história, liberdade e subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Kant. História. Liberdade. Subjetividade.

LER A VIDA PELAS LINHAS DO TRABALHO: DISCURSOS SOBRE A IMPOSIÇÃO DO TRABALHO HUMANO E AS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO

ADRIANA CABRAL DOS SANTOS
(Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Doutora em Tecnologia e Sociedade)

ANGELA MARIA RUBEL FANINI
(Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Doutora em Teoria da Literatura)

RESUMO: Michel Foucault compreendeu o trabalho não como essência do homem, mas força política que atua sobre o corpo e promove o ajustamento dos indivíduos à sociedade produtora de bens. O sujeito é investido por poderes ao identificar-se cidadão laborioso; coloca-se numa posição privilegiada que pode protegê-lo das agressões e punições, conceder-lhe uma identidade aceitável e afastá-lo dos excluídos sociais, delinquente ou vagabundo. Os discursos sobre a essencialidade do trabalho, principalmente produzidos no sistema jurídico-penal, enquanto proposta de reinserção social, encontram-se no cerne das estratégias de poder que garantem, àqueles que estão empregados, uma certa segurança e um direito ao trânsito social legítimo. A crença reconfortante no trabalho fundamenta muitas narrativas pessoais e preenche a vida de sentido, indicando, a despeito da diversidade das atividades humanas, o lugar central ocupado pelo trabalho. Por isso, questionar a evidência de discursos que naturalizam a atividade laboral parece atentar contra os fatos: todos precisam e querem trabalhar. Essa certeza esbarra em lições cotidianas arduamente aprendidas: a vergonha do desemprego e o sofrimento no trabalho; a precarização do trabalho e a criminalização do ócio; a insegurança pela flexibilização dos vínculos trabalhistas. Os discursos jurídicos sobre um trabalho incondicional contribuem para excluir, criminalizar e punir os ociosos. Destarte, interessa a esse estudo iluminar não a felicidade, não o sucesso das formas de reintegração social, mas assinalar a rejeição, o sofrimento e a insegurança nas relações de trabalho, para desmistificar a sua onipresença positiva, denunciar a opressão de sua obrigatoriedade e sua imposição como estratégia de disciplinamento e criminalização. Compreender o comportamento

desviante, na caracterização dos desocupados, pode significar um ponto de resistência ao desvelar novas formas de construção de si independentes da lógica do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso. Trabalho. Subjetivação. Estratégias de poder-saber. Discurso jurídico-penal.

LINHAS DA VIDA: TECENDO SUBJETIVIDADES NA ESCOLA, NA RUA, NA CIDADE CORPO, PODER DISCIPLINAR E RESISTÊNCIA

CRISTIANE GUIMARÃES

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutoranda)

SHEILA HEMPKEMEYER

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutoranda)

RESUMO: Linhas da vida falam de experiências. De encontros. De humanização na escola, na cidade, através de práticas sociais de leitura e escrita que valorizam as experiências vividas em tempos de dispersão, de excessos, silenciamentos, tantas vozes, solidão, medo. Linhas da vida que se enlaçam. Atualmente, textos autobiográficos circulam em ambientes formais de educação em diferentes gêneros, suportes e semioses, permitindo trocas de experiências e relações entre o vivido, as experiências de si e dos outros. As narrativas e suas poéticas constroem um solo fértil comum, oportunizam o diálogo, o cruzamento entre imagens, memórias e afetividades que se materializam em palavras, vozes, textos, compondo a (in)tensa polifonia cotidiana e das instituições que habitamos. As escritas de si sugerem questionamentos éticos, estéticos e políticos. Avivam conversas sobre escolas, cidades, como espaços de encontros para além do dispositivo disciplinar e de controle dos corpos e subjetividades, contrapondo sua construção histórica, tão bem sinalizada nas obras de Foucault. As linhas da vida tecidas e compartilhadas nas pesquisas em andamento das autoras são exemplos de como os projetos de escrita recriam objetos culturais e tornam-se potencialmente artísticos. O cotidiano escolar e os modos de vida estudados (r)existem e persistem em (re)inventar outras formas de habitar as instituições, a cidade e o mundo. Abrem-se ao tempo da fruição, escuta, inspiração e partilha de experiências poéticas, narrativas de si e do mundo, subvertendo o didatismo e o pragmatismo que ferem os sentidos e os afetos que habitam a subjetividade humana e sua urgente necessidade de narrar. Esta comunicação pretende compartilhar fragmentos de pesquisas que versam sobre a escrita de si como prática de liberdade na escola, na cidade e ambientes diversos, constituindo vozes e linhas que se cruzam e se entrelaçam no encontro acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Escritas de si. Narrativa. Subjetividade. Linhas da vida.

MICHEL FOUCAULT E MAX WEBER: LEITURAS SOBRE CASAMENTO E MORAL SEXUAL

HERALDO DE CRISTO MIRANDA

(Instituto Federal do Pará – Doutor em Ciências Sociais)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é examinar as leituras realizadas por Max Weber e Michel Foucault acerca dos temas do casamento e da moral sexual, estabelecendo eventuais proximidades e distanciamentos entre os referidos autores. Em Weber, analisar-se-á, em especial, sua *Die protestatischen Ethik und der Geist des Kapitalismus* (1920), e *Zwischenbetrachtung: Theorie der Stufen und Richtungen religiöser Weltablennung* (1915). Em Foucault, os dois últimos volumes da *Histoire de la Sexualité*, *L'Usage des Plaisirs* (1984) e *Le Souci de Soi* (1984). Se em Weber as reflexões em torno do casamento e da moral sexual caminham na esteira dos processos de racionalização e de intelectualização da cultura, como o ascetismo vocacional que se direcionou para o matrimônio racionalmente

regulamentado, rejeitando o sexo primário transformando-o em erotismo, em Foucault, elas ocorrem em meio à *orientação* que se endereçava aos homens livres na antiguidade greco-romana – *techniques de soi* - e sua posterior integração à experiência histórica do cristianismo, sob a forma de códigos e interditos. Portanto, atividade sexual, abstinência, adultério, etc., estarão presentes – mesmo que em cadências reflexivas diferentes - nos *enjeux* valorativos da *Lebensführung* weberiana bem como da *art d'existence*, tratada por Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Weber. Moral Sexual.

O FACEBOOK COMO PRÁTICA DE LIBERDADE NA ERA DAS NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

ANÍSIO BATISTA PEREIRA

(Universidade Federal de Uberlândia – Doutorando em Estudos Linguísticos)

RESUMO: A proposta teórica de Michel Foucault é classificada em três fases, denominadas de arqueológica, genealógica e técnicas de si. Classifica-se a terceira fase como o processo desubjetivação do sujeito, que se dá no âmbito das práticas discursivas, pelas relações de saber e de poder. Nessa direção, sobretudo pelas relações de poder, há dispositivos de controle e de regimes de verdade que acabam por estabelecer práticas sociais, que moldam os processos de subjetivação. Esses processos de controle podem ser verificados também no que concerne à ordem do discurso, pelas interdições ou permissões discursivas de acordo com o momento histórico. Pensando nesse jogo das técnicas de si, isto é, da relação do sujeito consigo mesmo e com os outros, este trabalho objetiva refletir sobre as práticas de liberdade na era das novas tecnologias digitais, com destaque para a rede social *Facebook* como recorte para análise. Como suporte teórico-metodológico, os pressupostos da Análise de Discurso de vertente francesa serão acionados, mais precisamente as formulações do filósofo Michel Foucault no que concerne aos conceitos de discurso, sujeito, subjetividade e práticas de liberdade. Essa metodologia escolhida para as reflexões se justifica pelas abordagens do referido teórico que vão ao encontro da problemática das comunicações/interações a partir dos meios de comunicação que são intensas na atualidade e por permitir refletir sobre a constituição desse sujeito conectado à rede. Nossa hipótese é que o *Facebook*, tendo em vista que seja um meio de fácil acesso pelas postagens e comentários, enfim interações que sugerem a ideia de um veículo democrático, pode ser considerado como um instrumento propulsor da prática de liberdade pelo seu caráter de possibilidades de interação social. Nesse contexto, as técnicas de si entram em cena, pelas formas de relações consigo e com o(s) outro(s), por meio da linguagem, no ambiente virtual.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Prática de liberdade. *Facebook*.

O FILME PUBLICITÁRIO E O CUIDADO DE SI: TECNOLOGIAS DO EU E ESTESIA EM DISCURSOS PUBLICITÁRIOS

JOSENILDO SOARES BEZERRA

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Doutor em Estudos da Linguagem)

RESUMO: O corpo na publicidade vem assumindo cenários bem diversos que trafega desde o corpo erótico até um corpo sob o cuidado de si como perspectiva de autonomia. As peças publicitárias apresentam corpos como arte do belo, além do corpo sensível. O objetivo deste trabalho é aproximar perspectivas teóricas da estesia com Merleau-Ponty (2006) e do cuidado de si em Foucault (2010) e trazê-las para refletir o corpo que torna-se arte e movimento na contemporaneidade. Analisaremos comerciais da Natura Cosméticos que trazem este corpo sensível e pleno de liberdade e desejos. Portanto, pensar em corpos como discursos na publicidade contemporânea produz saberes que aprisionam outros modelos/padrões de corpos, mas liberta-nos de um padrão de corpo-desejo para o outros.

PALAVRAS-CHAVE: Filme Publicitário. Corpo arte. Tecnologias do eu. Estesia. Diversidade

O SUJEITO-HOMEM QUE CORRE PELO CERTO: MORAL E SUBJETIVAÇÃO EM NARRATIVAS DE ADOLESCENTES EM CUMPRIMENTO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS

DANIELLI VIEIRA

(Instituto Federal de Santa Catarina - Doutora em Antropologia Social)

RESUMO: O objetivo desse trabalho é discutir aspectos de processos de subjetivação analisados em tese de doutorado em Antropologia Social acerca da experiência de jovens na “vida do crime”. Na pesquisa de campo, centrada na escuta de narrativas, encontrou-se uma pluralidade de posições de sujeito, uma série de economias morais e de dispositivos de saber e poder que os colocam como *infratores, em conflito com a lei, vítimas, vulneráveis*. Mas, em suas descrições, sobressaiu a figura do *sujeito-homem* e a ideia da conduta pautada no *correr pelo certo*: reflexões e práticas voltadas ao bem agir nesse mundo possível. “Ser do crime” é “correr pelo certo”, que, por sua vez, associa-se a posturas de *humildade e respeito*. O *sujeito-homem* é aquele que busca “o certo no errado” e que compartilha com outros uma mesma condição – tendo a “consideração” alcançada a partir de relações de reciprocidade. O contrário dele é o ser desprovido de humanidade, o “verme”. Tornar a *vida loka* uma vida digna é cercá-la de parâmetros e problematizar o bem agir, o dever ser. Nessa linha de subjetivação aparece um dos efeitos inesperados das relações de poder que produzem o “mundo do crime” como fora da norma, da moral, do humano: tornar-se sujeito “no crime”, mas a partir do trabalho sobre si e para além da divisão que se dá em seu interior e em relação aos outros (“infratores”). Trata-se de pensar tal experiência englobando o terceiro modo de objetivação descrito por Foucault. A problematização da conduta através do *correr pelo certo* e da constituição do *sujeito-homem* é governo de si, é trazer para dentro o governo, apossar-se da gerência da conduta, tornar-se sujeito. Ser “do crime” é estar atravessado por assujeitamentos; mas é também constituir, para além deles, um espaço de gerenciamento de si e de mútuo reconhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetivação. Adolescentes “em conflito com a lei”. Antropologia urbana.

PARA ALÉM DO DESEJO: OS DIREITOS DO PRAZER E O SABER GAY EM FOUCAULT

REGIANE LORENZETTI COLLARES

(Universidade Federal do Cariri - Doutora em Filosofia e Professora)

RESUMO: Ao acompanhar as formulações de Foucault no que se refere à problematização dos eixos de luta político-sociais relacionados às questões da sexualidade, principalmente na entrevista concedida a Jean Le Bitoux, em julho de 1978, intitulada “o saber gay”, e as práticas de si tratadas nos debates realizados na Universidade da Califórnia, em 1983, pretende-se abordar a partir da relação prazer e desejo (*hedoné e epithumia*) as linhas gerais do deslocamento de um panorama em que o desejo passa a ganhar acentuada importância na ordenação e orientação de vida e, em contrapartida, o prazer, quase silenciado, é reconduzido a um espaço marginal na reflexão e na conduta ética, sendo os comportamentos sexuais capturados por toda uma trama do saber e poder. A noção de homossexualidade, configurada no século XIX, por exemplo, surge como um preciso modo de caracterização de um comportamento sexual ligado a um desejo configurado a partir de um psicologismo ou biologismo da sexualidade, preso em uma ordem de discurso proferida por médicos, psicólogos e instâncias da normalização. Se antes a cultura de si da antiguidade greco-romana se pautava na ideia de que o “si” se devia a um trabalho de produção tal qual uma obra de arte, sob um cuidadoso exame dos prazeres, no momento em que o “si” se torna alvo de decifração do desejo, sua constituição perderia a potência autônoma e se vincularia, de forma desgastada, à lei, à ciência e à religião. Portanto, pretende-se a partir da relação prazer e desejo colocar em destaque um espaço de reflexividade voltado para os “direitos do prazer”, reflexão implicada a um trabalho de análise histórico-filosófico foucaultiano que

entendemos ser capaz de despertar uma espécie de “imaginação ética” na elaboração de singulares relações com o sexo, conosco e de novas inflexões ético-políticas.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Saber gay. Prazeres.

PRACTICAS DE LIBERTAD EN LA GUBERNAMENTALIDAD NEOLIBERAL: CLAVES PARA PENSAR LA DESOBEDIENCIA EN LOS BORDES DEL SUJETO

SILVANA VIGNALE

(Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas - Doutora em Filosofia)

LUCIANA ALVAREZ

(Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas – Doutora em Direito)

RESUMO: Nos proponemos abordar la cuestión de los modos de subjetivación desde las relaciones de poder inmanentes, que constituyen y atraviesan al sujeto en su permanente proceso de constitución, sin asumir una exterioridad del poder que entraña el riesgo de cierta ontologización o sustancialización del mismo. Tanto la aceptación como el rechazo acerca de cómo los saberes y las prácticas nos objetivan y nos sujetan a determinadas normas, constituyen un proceso diacrónico de conformación subjetiva, en el que las prácticas de libertad son relevantes en términos de resistencias. Al tratarse de modos de subjetivación históricos, no es posible simplemente trasponer y buscar actualizar en nuestro presente prácticas de otras épocas, como por ejemplo las que expresan las relaciones entre sujeto y verdad en la Antigüedad Clásica —como la *parrhesía*—. Es preciso, en su lugar, preguntarnos acerca de los modos actuales de constitución subjetiva y las posibilidades presentes de resistencias. A partir de las precauciones de método para un análisis de las relaciones de poder ofrecidas por Foucault, emprendemos un estudio sobre los procesos actuales de subjetivación bajo la rúbrica de la gubernamentalidad neoliberal. En estos términos, trabajamos genealógicamente desde la constitución del individuo moderno y su devenir de sujeto empresarial, a partir de como Foucault denominó al neoliberalismo: como una racionalidad gubernamental. Esta genealogía nos permite interpelar las relaciones entre sujeto y verdad: la constitución del individuo moderno-liberal como titular de derechos y su relación con el uso público de la razón, torsión que, contrariamente a la *parrhesía*, garantiza la seguridad del individuo, al tiempo que garantiza su obediencia. Este camino posibilita comprender nuevos modos de constitución subjetiva, en cuanto el sujeto ha internalizado la normatividad propia del mercado asumiendo pautas en un incesante trabajo sobre sí mismo, para sobrevivir a la competencia. Considerando lo que podría ser un nuevo declive de las relaciones entre sujeto y verdad, nuestra pregunta se dirige a una actualización de la actitud crítica: ¿cómo no ser gobernado de esta forma, bajo la rúbrica de la racionalidad neoliberal? Y ¿cómo es posible —en el mismo contexto— la inscripción de prácticas de libertad en las tensiones actuales entre libertad y obediencia?

PALAVRAS-CHAVE: Prácticas de libertad. Neoliberalismo. Desobediencia. Resistencia. Subjetivación.

PRÁTICAS DESESCOLARIZADAS: ENTRE O CUIDADO DE SI E O CUIDADO DO OUTRO

ROBERTA DE MENDONÇA PORTO

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Doutoranda em Políticas Públicas e Formação Humana)

RESUMO: O artigo seguirá o caminho indicado por Foucault (1995) em suas análises sobre a importância das lutas sociais que se colocam contra aquilo que liga o indivíduo a si e o submete a outros, as lutas contra a sujeição, as formas de subjetivação e submissão. Para tanto, a discussão vai transitar pela temática da *parrhesía* dos cínicos e a sua coragem da verdade (FOUCAULT, 2017) para pensar os processos de subjetivação produzidos por práticas de educação desescolarizadas. Entendendo que estas práticas

aparecem como práticas de liberdade, centradas na busca de um cuidado de si, o artigo tomará estas práticas como recusa aos modelos de individualidade elaborados pelo Estado moderno, como possibilidade de criação de novas formas de subjetividade. Tomando os últimos estudos de Foucault sobre a cultura antiga, pretende-se destacar a maneira que os modos de subjetivação se fixaram na direção das relações coercitivas da ciência, da consciência moral cristã, dos partidos políticos, do Estado. Nessa medida propõe pensar os deslocamentos possíveis, dado pela recusa de serem governados pelo outro. Vale ressaltar que desescolarização aqui não trata da negação da escola, ao invés disso, a intenção é levar esta discussão para outros termos e descolar o tema ‘Educação’ de ‘Escarlarização’, enquanto aquela fornecida pelo estado, pelo mercado, como saberes empacotados em embalagens, oferecidos por instituições legitimadas pela burocracia estatal (MARQUES, 2017). Os questionamentos aqui vão para além da escola e seguem no sentido da escolarização do pensamento (ILLICH, 1973), uma racionalidade que tem como efeito a relação de dependência que os sujeitos estabelecem com as instituições, com os especialistas, ou qualquer relação exterior a si. O interesse da discussão segue pelas práticas que insistem em subverter a ordem (COLIN WARD, 1973 *apud* MARQUES, 2017, p. 110) sua insistência na construção de “espaços de liberdade” que produzem a “anarquia em ação”.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Desescolarização. Cuidado de si. Subjetividade.

PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO SUBVERTIDOS EM TRAJETÓRIAS ESCOLARES E UNIVERSITÁRIAS

SCHIRLEI RUSSI VON DENTZ

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutoranda em Educação)

VOLMIR VON DENTZ

(Universidade Estadual de Campinas - Doutor em Educação)

RESUMO: Este trabalho pretende evidenciar por meio de categorias foucaultianas de análise, mais especificamente a partir da obra “Genealogia del racismo”, como as subjetividades forjadas pela composição das relações sociais de poder, iniciadas no período colonial brasileiro, incidem ainda nos processos de subjetivação de indivíduos negros. Destacamos como alguns sujeitos arquitetam a si mesmos ultrapassando esse tecido formador das subjetividades que lhes é exterior e excludente. Considerando, portanto, neste caso, que Foucault não nega a possibilidade de cada sujeito também se realizar enquanto tal, mesmo em condições adversas. Assim, neste trabalho são apresentadas trajetórias de vida de mulheres negras universitárias que subverteram imposições “verbais” cotidianas e institucionais, construindo a si mesmas como outras, frente aos discursos normalizadores de posições sociais de marginalização. **PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres Negras. Subjetividades. Relações Sociais de Poder.

PRODUÇÃO DE SI, CULTURA E FEMINISMOS NA BAIXADA FLUMINENSE: INTERCESSÕES COM O PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT

GIOVANNA MARAFON

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Professora e Pós-doutora em Educação)

RESUMO: Neste trabalho se apresentam alguns resultados da pesquisa em curso sobre criações de si e espaços de liberdade em meio à produção de um coletivo de mulheres inserido na agenda política e cultural do rock na Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro conhecida pelos altos índices de violência e pelas condições de pobreza da população. Lugar onde também se afirma, no seio de inúmeras adversidades, uma cultura anti-sexista e anti-racista a ser acompanhada. O objetivo é realizar análises sobre a organização de festivais abertos, em praças públicas, e sobre a gravação de duas temporadas de programas audiovisuais em que o coletivo feminista entrevista e dialoga com bandas compostas por mulheres, apresentando suas músicas, poesias e intervenções. No contexto dos programas

audiovisuais, propõe discussões a respeito das relações de gênero, da política contemporânea e das violações de direitos. As problematizações aqui desenvolvidas percorrem caminhos que articulam teorias feministas contemporâneas e o pensamento de Michel Foucault sobre a criação de uma estética da existência e de práticas de liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismos. Produção cultural. Estética da existência. Liberdade.

RAZÃO NEOLIBERAL E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES: O EMPRESÁRIO DE SI E O ENDIVIDADO

RAFAEL ROCHA DA ROSA

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Doutorando)

RESUMO: Considerando a expansão da lógica de mercado e da economia, tanto para a política quanto para a vida social, nosso objetivo é compreender o modo como o neoliberalismo produz sujeitos governáveis em conformidade com seus interesses. Nosso esforço é justificado pela urgência de novas formas de vida, de relações pessoais, de trabalho, de outras subjetividades, sobretudo de uma nova política. Ao analisamos a contemporaneidade, a partir da década de 70 a aliança entre governos e grandes corporações garantiu às empresas o domínio do mercado, da política e seus efeitos nocivos evidenciam seu projeto: precarização, fim de conquistas trabalhistas, revogação de direitos sociais, terceirização, privatização, generalização da concorrência, redução dos serviços públicos, desemprego, contração salarial. Em relação à política, o neoliberalismo seria um tipo específico de razão com uma pretensão totalizante, a de enformar os aspectos existenciais nos moldes econômicos, que, por sua vez, fragmentaria princípios basilares da democracia. A forma de governo neoliberal conecta produção e condução das condutas e classifica modos de existência de acordo com a renda, a herança, o mérito, o trabalho: cada um desses itens prescreve certo modo de ser. Nesse propósito, uma de suas principais estratégias, objeto desse estudo, seria sua forma de subjetivação, fabricando sujeitos cujos valores obedeceriam a lógica de mercado, para então conduzir suas condutas. Tais indivíduos orientariam suas escolhas visando o incremento de suas capacidades, vendo a si mesmo como um empreendedor de si mesmo rumo ao êxito financeiro. Nesse processo, o endividamento contínuo, técnica de sujeição, desempenharia papel determinante na sujeição dos indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Neoliberalismo. Subjetivação. Dívida

SISTEMA EDUCACIONAL FAMÍLIA E ESCOLA: ESTRATÉGIAS PARA A PRODUÇÃO DE SUJEITOS GOVERNÁVEIS

RAQUEL DE MELO GIACOMINI

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutoranda em Educação)

CLARÍCIA OTTO

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutora em História)

RESUMO: Este artigo objetiva apresentar resultados de pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e problematizar como a empresa privada denominada Sistema Educacional Família Escola (SEFE) traça estratégias de governo no intuito de constituir subjetividades docentes. Aproximadamente vinte escolas da Rede Municipal de Educação de Florianópolis utilizaram o material didático e receberam assessoria desse Sistema entre 2009 e 2016. O *corpus* documental sobre o qual se fundamenta a discussão é constituído por oito entrevistas realizadas com professores de escolas que aderiram ao SEFE; uma entrevista com o Secretário Municipal de Educação, Rodolfo Pinto da Luz; registros de participação dos cursos de formação aos professores da Rede, oferecidos pela respectiva empresa; e, documentos referentes ao processo de adesão da Rede Municipal de Ensino ao SEFE. As ferramentas conceituais são a governamentalidade, governo/governamento, poder-saber, estratégia e produção de subjetividades, na acepção de Foucault

(1993, 2008, 2011, 2011a) e governamentalidade neoliberal, na direção proposta por Saraiva e Veiga-Neto (2009). Dentre os resultados da pesquisa está a constatação de que o SEFE traça estratégias de governo que, paulatinamente, buscam fabricar um sujeito que atue de forma mecânica, ou seja, se autogoverne da maneira estabelecida pelo Sistema. Contudo e apesar disso, os sujeitos apresentam o desejo de serem “conduzidos” de outras formas, ao demonstrar a possibilidade da mobilização de outros saberes e práticas.

PALAVRAS-CHAVE: Governo. Governamentalidade Neoliberal. Sistema Educacional. Família e escola.

SUJEITO, PODER E NORMA EM FOUCAULT: CAMINHOS PARA UMA COMPREENSÃO CRÍTICA E EMANCIPATÓRIA DO SUJEITO DE DIREITO

JEAN-FRANÇOIS YVES DELUCHEY

(Universidade da Sorbonne Nouvelle – Paris 3 e Universidade Federal do Pará- Doutor em Ciência Política).

FARAH DE SOUSA MALCHER

(Universidade Federal do Pará - Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Direito)

RESUMO: Pensar a categoria “sujeito de direito” a partir de Michel Foucault possibilita fugir às ilusões legadas pela dogmática jurídica, que nos aprisiona a uma compreensão naturalizada do direito e de suas práticas, centrada na ideia de pacto entre Estado e sujeitos. A teoria da soberania não dá conta de explicar a multiplicidade das relações de poder e efeitos de resistência que atravessam os indivíduos e que engendram formas desiguais de reconhecê-los e tratá-los como sujeitos de direito. Propõe-se uma leitura alternativa do *sujeito de direito* enquanto portador universal e abstrato de direitos, afastando-o da *fictio iuris* de que seres humanos são iguais perante a lei e portadores dos mesmos direitos. A genealogia do “universal” sujeito de direito, evidencia a fraqueza desse conceito e as relações de dominação por ele engendradas, problematizando-o como produto de uma trama de relações entre os campos do saber, poder e dos modos de subjetivação aos quais o direito não escapa. O sujeito de direito é fruto das implicações entre direito e norma, e de um direito normalizado-normalizador, produtor de práticas de normalização. Por *norma e normalização*, refere-se à forma que determinados saberes assumiram na Modernidade, tendo como característica o caráter normativo que definiu e separou sujeitos nas categorias fixas do normal/anormal. A partir da filosofia do sujeito expressa na obra de Michel Foucault, refletiu-se como os processos resultantes na formação da subjetividade moderna e na constituição de um direito normalizador influenciaram a noção de “sujeito de direito”, figura fundamental da qual deriva uma série de outras categorias jurídicas e, com elas, o avesso desse sujeito, o “não-sujeito”, que por sua vez, justifica a criação e a eliminação de formas marginalizadas de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Saber/Poder. Normalização. Sujeito de direito.

UMA LEITURA SOBRE AS NOÇÕES DE CUIDADO DE SI E PARRESÍA NO CONTEXTO DE UMA GENEALOGIA DOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

TULIPA MARTINS MEIRELES

(Universidade Federal de Pelotas - Doutorado em Filosofia)

RESUMO: Apresenta-se como as noções de cuidado de si e *parresía*, no curso *A coragem da verdade* (1983-1984) inserem-se no projeto mais geral de Michel Foucault, de uma genealogia dos modos de

subjetivação. A noção de subjetivação em contraste com a ideia de subjetividade moderna-cristã, é apresentada no curso *Subjetividade e verdade* (1980-1981) e contextualiza o campo geral em que é possível inferir a noção de verdadeira vida como “vida outra”, pelo viés da estética da existência. Em *Subjetividade e verdade*, as questões de Foucault giram em torno das “técnicas de si” da Antiguidade, que permitem problematizar um sujeito que não é simplesmente permeado por governamentalidades externas, mas um indivíduo que constrói a si próprio, que se torna sujeito de si mesmo, que faz de si uma obra mediante uma prática constante (*askésis*). Em *A coragem da verdade* as noções de *parresía* e cuidado de si permitem a articulação das formas de veridicção, dos modos de governamentalidade e das práticas de si, que não reduz a análise da *parresía* ao estudo sobre as práticas do dizer verdadeiro sobre si mesmo da Antiguidade e não pensa o cuidado de si enquanto interioridade secreta. No curso de 1983-1984, os modos de subjetivação adquirem a forma mais geral de “modos de vida”, sendo este o solo muito preciso em que se desenvolve a atenção sobre a filosofia clínica. O artigo faz uma incursão em dois momentos: i. o exercício de inserir o estudo sobre a *parresía* e o cuidado de si no contexto mais geral dos modos de subjetivação, a partir do curso *Subjetividade e verdade* (1980-1981), e ii. indicar como as noções de *parresía* e cuidado de si presentes em *A coragem da verdade* (1983-1984) apresentam uma forma própria no interior de um modo de viver da Antiguidade, a vida filosófica.

PALAVRAS-CHAVE: Michel Foucault. Subjetivação. Cuidado de si. *Parresía*.

SIMPÓSIO TEMÁTICO 3
MICHEL FOUCAULT E A BIOPOLÍTICA

XI COLÓQUIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT

SIMPÓSIO TEMÁTICO 3
MICHEL FOUCAULT E A BIOPOLÍTICA

Coordenação: Profa. Dra. Sandra Caponi (Universidade Federal de Santa Catarina), Prof. Dr. José Luís Câmara Leme (Universidade Nova de Lisboa) e Prof. Dr. Atilio Butturi Junior (Universidade Federal de Santa Catarina)

RESUMO: Tendo em vista a complexidade e a amplitude dos debates acerca do conceito de biopolítica nos estudos foucaultianos e as diversas leituras que o conceito têm recebido de acordo com autores distintos, este simpósio temático pretende reunir pesquisas que tenham como objeto os seguintes eixos de problematização: i) a produção das relações de normalidade e patologia; ii) a governamentalização do Estado, o biopoder e o governo da população; iii) o risco e os dispositivos de segurança em diferentes topologias; iv) o governo de si, as práticas de liberdade e de resistência no interior de dispositivos biopolíticos; v) a biopolítica e os diferentes campos de saber e de conhecimento; vi) os discursos, as corporalidades e a biopolítica; vii) a medicalização, a ética e a biopolítica; viii) o conceito de biopolítica de Michel Foucault e o diálogo com outros autores e abordagens. Dessa perspectiva ampla, serão aceitos tanto trabalhos de natureza teórica e conceitual quanto aqueles que se voltem para a interrogação dos efeitos da biopolítica a partir de corpora variados. Em todos os casos, espera-se travar um diálogo interdisciplinar que tenha como ponto de partida os estudos biopolíticos e que possa descrever um painel em que têm espaço a produção de linhas de fuga diante das complexas redes de governo da vida em que nos constituímos.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. Risco. Normal-patológico. População.

RESUMOS DOS TRABALHOS DO ST3

A BIOPOLÍTICA DA CARNE

ALDO AMBRÓZIO

(Universidade Estadual de Campinas - Pós-doutorando em História)

MAURÍCIO APARECIDO PELEGRINI
(Universidade Estadual de Campinas - Doutorando em História)

RESUMO: A publicação recente de *As Confissões da Carne*, quarto e último volume da *História da Sexualidade* de Foucault, fecha um ciclo de pensamento há muito esperado. O hiato que separa as publicações originais, contudo, foi marcado por uma série de deslocamentos conceituais, como mostram os cursos no Collège de France. Temas como governamentalidade, neoliberalismo, subjetividade e verdade, bem como artes da existência e cuidado de si foram o foco de Foucault em seus últimos anos de vida. Daí a importância desta publicação póstuma, que permite elaborar novas compreensões sobre os conceitos foucaultianos. A análise de Foucault do cristianismo primitivo reformula o seu conceito de experiência, entendida agora como modo simultâneo de conhecimento de si e transformação de si. No centro de sua problemática, encontra-se a experiência cristã da carne, calcada na confissão como meio de anulação do mal realizado e de manifestação da verdade de si. Nesta comunicação, pretendemos reconceituar a biopolítica neoliberal a partir da noção da carne cristã, traçando linhas de proveniência ainda pouco exploradas entre o cristianismo e o neoliberalismo. Sob essa perspectiva, o sujeito em ambas as experiências é produzido heteronimamente, a partir de dispositivos externos que o induzem a uma forma de manifestação da verdade assujeitadora. Está em jogo ainda a possibilidade de elaborar contracondutas que conduzam à autonomia do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Poder Pastoral. Confissão. Cristianismo. Neoliberalismo.

A BIOPOLÍTICA DE MICHEL FOUCAULT NA PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO EM JUDITH BUTLER

CRISTIANE MARIA MARINHO
(Universidade Federal de Goiás - Doutoranda em Filosofia)

RESUMO: A presente comunicação exporá algumas considerações em torno da inspiração foucaultiana da noção de Biopolítica no conceito de performatividade de gênero em Judith Butler. Apesar dessa filósofa estadunidense não explicitar diretamente em seus trabalhos o uso que faz da noção de Biopolítica de Foucault, é possível, no entanto, encontrar elementos teóricos na problematização de gênero que realiza na década de 1990. Dessa forma, demonstrando o quanto Butler lança mão dos termos e conceitos que caracterizam a Biopolítica foucaultiana, a discussão problematizará as seguintes questões e objetos: a performatividade de gênero vista a partir das normalizações políticas; a relação entre sexualidade e processos de subjetivação; a heterossexualidade compulsória como controle político e condução de condutas da população; a exclusão racista do Estado dos que ficam fora do binário sexo/gênero que marcou a discussão do feminismo (mulheres negras, mulheres lésbicas, pessoas transexuais, homossexuais, bissexuais, transgêneros, etc.); a dimensão política das vidas abjetas ou precárias que podem ser deixadas a morrer, inclusive morte no sentido de exclusão, bem como suas lutas por reconhecimento como pessoas de direito e com lugar no espaço público e político; a recusa do aporte filosófico fundacionista presente na reflexão butleriana da performatividade de gênero que, tal qual a analítica do presente foucaultiana, busca pensar a prática política no que nos tornamos; a materialização performativa dos corpos que se desenrola num jogo de poder-saber que determina a relação sexo/gênero/desejo voltados para a orientação heterossexista, ou seja, tal qual para Foucault, a sexualidade deve ser compreendida como dispositivo de poder também no âmbito biopolítico. Acredita-se que essas reflexões em torno da aproximação de Foucault e Butler, tendo como centro a Biopolítica, justifica-se na sua importância devido à escalada crescente da violência de Estado que caracteriza os dias atuais precarizando vidas.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. Foucault. Butler.

A PAROQUIALIZAÇÃO COMO FENÔMENO GEOPOLÍTICO E ESTRATÉGIA BIOPOLÍTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA REPÚBLICA NO BRASIL

ROGÉRIO LUIZ DE SOUZA

(Universidade Federal de Santa Catarina - Professor Doutor do Departamento de História)

RESUMO: O trabalho tem o objetivo de compreender o processo geopolítico de constituição da República no Brasil a partir das tecnologias do poder pastoral, disciplinar e normalizador adotadas pela Igreja católica. Referenciado metodologicamente nos estudos de Michel Foucault (2008) sobre território, população e segurança, parte-se do pressuposto de que foi preciso reativar e redefinir o poder pastoral enquanto tecnologia de poder e atribuir à Igreja católica a tarefa de reorganizar a repartição espacial do território brasileiro como condição para a multiplicação dos dispositivos disciplinares na sociedade e para o controle normalizador da população e sua prevenção biossocial. Mais que a criação de dioceses, a proliferação de paróquias se constituiu como a mais eficaz maquinaria geopolítica dos primeiros tempos da República. Para além de entendimentos formais entre instituições e de um aparente distanciamento entre elas, o que se processou na relação Igreja e Estado no Brasil foi a própria condição de governabilidade republicana. E esta governabilidade requereu a constituição de uma geopolítica por meio de um poder pastoral para fazer aparecer um novo paradigma tecnológico e ordenador do exercício do poder normalizador e estatal sobre a população brasileira. A República que nasceu no Brasil precisou transformar seu próprio território em mecanismo estratégico e tecnológico de controle da sua população, em vista de uma lógica político-econômica do biopoder. A paróquia, como organismo administrativo da Igreja católica e modelador do espaço geográfico e político brasileiro, mostrou-se o melhor veículo da ação governamental na tarefa de apresentar a República ao Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: República laica. Igreja católica. Paróquias. Geopolítica. Biopoder.

APORTES (MÁS ALLÁ) DE LA GUBERNAMENTALIDAD PARA PENSAR LA VIOLENCIA NEOLIBERAL

EMILIANO SACCHI

(Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas – Doutor em Ciências Sociais)

MATÍAS SAIDEL

(Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas – Doutor em Filosofia Política)

RESUMO: En este trabajo nos proponemos elaborar una interpretación del neoliberalismo que deje de lado la supuesta oposición que ciertas lecturas han realizado entre una hipótesis del poder entendido en términos de coacción, violencia y guerra y otra, alternativa, en términos gubernamentales, como conducción de conductas a través de intervenciones sobre el ambiente y los marcos regulatorios. Nuestra mirada, por el contrario, intentará dilucidar los aspectos violentos de la gubernamentalidad neoliberal, no desde el punto de vista de las consecuencias y/o efectos secundarios, sino desde la relación de mutua presuposición e imbricación entre el gobierno neoliberal y las formas contemporáneas de la violencia. De allí que creemos necesario articular las miradas que en el análisis del neoliberalismo privilegian el extractivismo, el endeudamiento y la desposesión con las que focalizan en los dispositivos que producen las formas de subjetividad empresarializadas, como las teorías del capital humano, las nuevas técnicas de gestión de recursos humanos o el marketing.

PALABRAS-CLAVE: Neoliberalismo. Gubernamentalidad. Violencia.

A RACIONALIDADE NEOLIBERAL E A CRISE DA DEMOCRACIA

ALEXANDRE ALVES

(Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Doutor em História)

RESUMO: O objetivo deste texto é refletir sobre a crise contemporânea da democracia a partir da problematização da racionalidade neoliberal feita por Foucault no curso O nascimento da biopolítica. Com as políticas, informadas pela racionalidade neoliberal, que glorificam o sujeito empresarial, as categorias da gestão se colocam no lugar da ordem simbólica que fundamentava a ideia de cidadania democrática. A retirada das garantias sociais e a degradação dos serviços públicos em nome da gestão privada do risco corrompem a cidadania na medida em que solapam a ideia de sujeito de direito e os princípios do direito público, fundamentos das democracias representativas ocidentais nos últimos duzentos anos. Cada indivíduo passa a ser visto como uma empresa que deve gerir seu próprio capital e se responsabilizar por sua manutenção, reprodução e valorização no presente e no futuro. A incapacidade da ordem neoliberal de cumprir suas promessas e o consequente aumento das desigualdades, da exclusão e da vulnerabilidade social provocados pelas políticas de austeridade econômica, aliada à inabilidade dos partidos da esquerda tradicional de oferecerem uma alternativa, têm levado a um crescente ressentimento social, habilmente canalizado por movimentos populistas e neoconservadores. Alguns autores têm falado mesmo em “pós-democracia” (Colin Crouch) ou “desdemocratização” (Wendy Brown), destacando que se trata da mais séria crise enfrentada pela democracia desde o período entre guerras. Somente a análise do neoliberalismo não meramente como ideologia política ou conjunto de receitas econômicas, mas como racionalidade e modo de governo de populações permite compreender o alcance da crise atual da forma democrática para, talvez, pensar uma alternativa.

PALAVRAS-CHAVE: Democracia. Subjetividade. Neoliberalismo. Populismo.

“A SOCIEDADE PEDE, PARECE QUE IMPLORA QUE VOCÊ SEJA ALGUMA COISA”: BIOPOLÍTICAS DE GÊNERO E RESISTÊNCIAS AO BINÁRIO

NEILTON DOS REIS

(Universidade Federal de Minas Gerais - Doutorado em Educação)

LEANDRO LEAL

(Universidade Federal de São Carlos - Doutorado em Educação)

RESUMO: Este trabalho é fruto de inquietações e desdobramentos de um pesquisa de mestrado em Educação que investigou os processos de (des)subjetivação de sujeitos que não fixam suas identidades de gênero em ser mulher ou ser homem, mas que se movimentam na diferença produzindo saberes e relações em torno da não-binaridade de gênero. Para tal pesquisa, finalizada no ano de 2018, foram utilizadas narrativas de si produzidas em encontros com três pessoas que dizem de suas experiências na não-binaridade. Nos encontros foram discutidos, entre outros temas: a matriz de gênero binária produzida por diversos espaços e instituições e que provocará fortes subjetivações; as tentativas de rompimento com tal matriz a partir de dimensões corporais, estéticas e morais; e as relações (harmoniosas ou desconfortáveis) constituídas a partir desse rompimento consigo mesmo e com o mundo. Esse trabalho em específico tem como objetivo partir dessas narrativas para pensar questões relacionadas à biopolítica dos estudos foucaultianos. Realiza-se, assim, um debruçar demorado acerca: primeiro dos processos que constroem os padrões binários de gênero e os associam aos padrões de normalidade/patologia; e depois dos processos que essas pessoas narram de resistências a essas matrizes binárias dizendo do governo de si, da diferença e das práticas de liberdade no interior do dispositivo biopolítico do gênero. Busca-se um diálogo com ampliações contemporâneas dos estudos foucaultianos que se comunicam com o campo do gênero e sexualidade, a saber, necropolítica (Achille Mbembe), heteronormatividade (Judith Butler), contrassexualidade (Paul B. Preciado). Com isso, levanta-se questionamentos e provocações como: O que pode um corpo que se contrapõe às biopolíticas de gênero? A quais biopolíticas participam essas pessoas e como impõem resistências? Como operam com esse dispositivo do gênero expandido-o, esgarçando-o, questionando-o e (re)inventado-o?

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Não-binaridade. Biopolítica. Resistência. Narrativa de si

AS INTERFACES POLÍTICAS DA ARTE: PROBLEMATIZANDO O HIP-HOP COMO TÉCNICA DE GERENCIAMENTO DA VIDA NA GOVERNAMENTALIDADE CONTEMPORÂNEA

MARI CRISTINA DE FREITAS FAGUNDES

(Universidade Federal da Paraíba – Doutoranda em Sociologia).

ANA CLARA CORREA HENNING

(Universidade Federal de Pelotas – Doutora em Direito).

RESUMO: O sistema jurídico brasileiro se alicerça nos ideários modernos de igualdade, liberdade e dignidade humana, apontando-os como verdades fundantes do estado democrático de direito. Entendemos que ao se apoiar nesses pressupostos, as técnicas de controle por parte do sistema jurídico penal – um subcampo do sistema jurídico – têm contribuído para a construção de sujeitos vulneráveis/violentos. Essas técnicas estão imersas nas lógicas da governamentalidade neoliberal, ao passo que apontam políticas públicas e projetos culturais como ferramentas potentes para diminuir o encarceramento e/ou contribuir para o desenvolvimento cultural de determinada parte da população. Ao alicerçar tais projetos, a gestão governamental constrói “virtualmente” sujeitos “vulneráveis/violentos”, suas localizações e sua estética. A produção cultural do Hip-Hop paraibano tem sido foco dessas políticas de “apoio” governamentais. Por ser uma arte de rua, construída historicamente pela população negra jovem periférica, essas demandas têm se engendrado de forma peculiar nestes tempos de medo líquido e de violências rizomáticas. Como isso, problematizamos como o Hip-Hop pode estar figurando como uma técnica biopolítica de controle na governamentalidade brasileira contemporânea. A nossa proposta é fruto da tese de doutoramento de uma das autoras, desenvolvida no campo da sociologia da violência, cruzando parte de uma pesquisa realizada no sul do Rio Grande do Sul com uma pesquisa, ainda em desenvolvimento, no nordeste brasileiro, na cidade de João Pessoa, Paraíba. Objetivamos questionar as lógicas epistemológicas “anti-conflitivas” construídas pelo positivismo jurídico e corroboradas pelos ideários da “cordialidade” brasileira que fazem parte da construção “científica” do direito. Assim, visamos discutir as produções subalternas do Hip-Hop e o “como” de sua “resistência” às capturas governamentais na modernidade tardia. Fundamentadas nos escritos de Michel Foucault e nos autores da sociologia da violência que com ele dialogam, visamos nos colocar à retaguarda dos discursos de violência, “sujeição criminal” e controle por meio da arte.

PALAVRAS-CHAVE: Hip-Hop. Técnicas de controle biopolíticas. Governamentalidade.

AS MEDIDAS E AS INTERDIÇÕES DOS CORPOS: O CORPO GORDO NÃO ADAPTADO

ROSANE DA SILVA GOMES

(Universidade Federal da Bahia - Pós-doutoranda no programa Pós-Cultura)

RESUMO: A busca pelas "medidas ideais" é uma constante para quem se preocupa com as formas padronizadas, principalmente na moda feminina. Tais medidas são utilizadas na indústria da moda como referência ideal para um "corpo", um manequim que servirá de "expositor" para uma apresentação, um desfile por exemplo. O trabalho em questão tem como objetivo rediscutir as medidas de padrão impostas na moda, buscando alternativas de pensamento com relação aos corpos fora dos padrões, principalmente os corpos gordos. Para tanto, a discussão se baseará principalmente nos apontamentos de Michel Foucault a respeito das interdições dos corpos, por meio de seu adestramento, visando à docilização. Neste processo de adestramento dos corpos, é fundamental destacar quais os mecanismos utilizados para que esses indivíduos estejam limitados às medidas impostas, causando uma permanente insatisfação com relação ao seu físico, de modo que a alternativa para tais indivíduos seria a de acobertamento dos corpos. O discurso médico e das mídias reforçam as ideias das formas estéticas naturais que tacitamente instituem padrões a serem seguidos, pautados como normais, gerando uma busca incessante para alcançar a medida "certa" do corpo. Normalidade que se pauta pela medida que o

corpo carrega em si. Obras como *Vigiar e Punir*, *Microfísica do Poder* e *A ordem do Discurso* auxiliarão no embasamento teórico da discussão. **PALAVRAS-CHAVE:** Medidas. Corpos Gordos. Padronização

AS VERDADES INSUPOORTÁVEIS PARA OS BRASILEIROS E AS TÉCNICAS DE CONTROLE DA BIOPOLÍTICA

KÁTIA MENEZES DE SOUSA

(Universidade Federal de Goiás - Doutora em Linguística)

RESUMO: Este trabalho parte do princípio fundamental da filosofia cínica, de “alterar o valor da moeda”, discutido por Michel Foucault em *A coragem da verdade*, para problematizar os discursos de intolerância e de ódio, que vêm tomando conta do Brasil nos últimos anos, como reação às práticas que dão visibilidade às verdades encenadas publicamente na maneira de se conduzir e de viver daqueles que tradicionalmente foram excluídos ou apagados da sociedade. Trata-se de uma filosofia de ruptura e de transvalorização, visto que o cínico faz da forma da existência uma condição para o dizer-a-verdade e mudar o costume, romper com ele. Trata-se, também, de um exercício de liberdade. A transvalorização para a prática de uma vida verdadeira constitui um escândalo da verdade para os conservadores que querem manter o privilégio na condução dos outros, impondo a invisibilidade a tudo aquilo que venha perturbar o seu olhar dissimulado e amedrontado. A acusação dos conservadores referente aos perigos favorecidos pelas políticas de esquerda, amplamente trabalhada pela mídia, vai produzir a certeza da existência de violência generalizada, provocando o medo e a insegurança, riscos que acionam e garantem a existência dos dispositivos de segurança que funcionam como mecanismo de uma biopolítica para o controle regulador da população, conforme demonstra Foucault em *Segurança, território e população*. Em tempos de biopoder, o dizer-a-verdade e a encenação pública da vida em sua realidade material e cotidiana, sem segredo, pode funcionar como uma forma de resistência aos valores conservadores, mas também acionar o dispositivo de segurança, multiplicando para quem resiste entrar na escala da normalidade o risco de morte, a expulsão, a rejeição. O objetivo principal do trabalho é compreender como as práticas conservadoras de intolerância passam a integrar as tecnologias biopolíticas do presente. **PALAVRAS-CHAVE:** Segurança. Intolerância. Verdade.

BIOPOLÍTICA E BIOPODER NA PRODUÇÃO DO ALCOOLISMO E DA INTERNAÇÃO COMPULSORIA

JULIANA DEBONI

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas)

RESUMO: Este estudo nasce de um olhar arqueogenealógico encontrado na obra do francês Michel Foucault. Tenho como objetivo apresentar uma análise dos sujeitos internados compulsoriamente no município de Erechim, interior do Rio Grande do Sul, com diagnóstico de alcoolismo, no período de 01 de janeiro de 2010 a 31 de dezembro de 2016, no CAPSad – Centro de Atenção Psicossocial em Álcool e Outras Drogas, dispositivo extra-hospitalar fundado sobre os discursos da desinstitucionalização e da reforma psiquiátrica. Para tanto, problematizo aspectos discursivos do processo de construção do alcoolismo como doença, questionando-os a partir dos discursos científicos de patologização, fortemente ancorados sob a égide da normatização da vida e da produção de um modo de subjetivação específico que ratifica o alcoolista em práticas discursivas de anormalidade, de maneira tão fortemente arraigada que o obriga ao tratamento coercitivo e compulsório. Pretendo fazer notar uma tensão entre os preceitos da reforma psiquiátrica brasileira e a clara hierarquização da relação de saber-poder das instâncias de saúde e jurídicas sobre a subjetividade do alcoolista. O corpus de análise compreende então os laudos emitidos por técnicos da saúde mental cuja indicação seja de internação compulsória, posteriormente autorizada pelo Poder Judiciário, mediante solicitação familiar. A coleta dos dados aconteceu de 01 a 30 de novembro de 2016. A tentativa foi definir um arquivo de hierarquização entre o normal e o patológico

legitimadas através dos critérios indicativos para internar um sujeito compulsoriamente ou não. Defendo a hipótese de que há práticas de produção dos sujeitos alcoolistas, que os monumentos deixam entrever, configurando a internação e o CAPSad como dispositivos de biopoder e biopolítica sobre os corpos dos sujeitos ditos alcoolistas (de acordo com o projeto da arqueogenealogia foucaultiana).

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. Alcoolismo. Internação Compulsória.

BIOPOLÍTICA E DISPOSITIVOS DE (IN) SEGURANÇA: SOBRE AS POPULAÇÕES FLUTUANTES

ILDENILSON MEIRELES

(Universidade Estadual de Montes Claros - Doutor em Filosofia)

RESUMO: O argumento mais explícito de Foucault acerca da emergência de tecnologias de segurança é que se trata de um problema que não é recente, mas que se torna uma dificuldade para o Estado moderno desde seu desenho histórico. Como lidar com as multiplicidades? Esse é o aspecto fundamental que mobiliza o domínio da biopolítica. A nosso ver, esse argumento alimenta uma boa expectativa em relação ao modo como as cidades lidam com suas questões sociais, isto é, como lidar com as periferias? A nova configuração daquilo que caracteriza a cidade, conforme as análises de *Em defesa da sociedade*, levanta uma série de questões que desemboca no problema da segurança: fundamentalmente, o problema da circulação. Circulação de alimentos, circulação de pessoas, circulação de produtos para comércio, mas também “circulação das idéias, circulação das vontades e das ordens, circulação comercial”. Se retomarmos as discussões acerca da noção de biopoder, ou da passagem da sociedade disciplinar para uma sociedade de biopoder, segundo a letra de *História da Sexualidade I – A vontade de saber*, reconheceremos mais facilmente os elementos próprios do dispositivo de segurança o seu domínio de ingerência. Foucault defende a tese de que há uma evolução dos mecanismos de segurança nas sociedades ocidentais, evolução que está ligada a um novo objeto de investimento político e econômico, o fenômeno da população. Nosso propósito é discutir, a partir dos cursos *Em defesa da sociedade e Segurança, Território, População*, mais precisamente, algumas linhas gerais daquilo que Foucault considera dispositivos de segurança no contexto da biopolítica, com especial atenção ao argumento dele de que o problema das multiplicidades mobilizaram novas tecnologias políticas das populações, fenômenos de massa dispostas à governamentalidade, sem, no entanto, interromper o fluxo das ‘populações flutuantes’ sempre imprevisíveis e dispostas a colocar em colapso as tecnologias biopolíticas de segurança.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. População. Segurança.

BIOPOLÍTICA E POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE PARA A POPULAÇÃO LGBT DE FLORIANÓPOLIS-SC

CAMILA DE ALMEIDA LARA

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutoranda)

ATILIO BUTTURI JUNIOR

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutor)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo analisar os discursos sobre a saúde da população LGBT nas políticas públicas de Florianópolis, Santa Catarina. Para tanto, relaciona o dispositivo crônico da aids aos

enunciados materializados no I e II Planos Municipais de Políticas Públicas e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (PMLGBT I), publicados em 2012 e 2017. Além disso, discute a governamentalização, a biopolítica e a cisão entre as modalidades de subjetividade. Observa-se que, entre os enunciados analisados, há importantes deslocamentos históricos em funcionamento, que redundam em discursos menos estigmatizantes quanto às práticas afetivas e sexuais e sua relação com os enunciados do risco e do perigo. A partir das análises, conclui-se que, no interior de uma biopolítica menor, as políticas públicas de Florianópolis para a população LGBT são marcadas pela problematização dos direitos humanos e pela assunção de corporalidades e subjetividades dissidentes no interior das estratégias de cidadania e de cuidado, não obstante os limites com que opera o biopoder na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. HIV/Aids. População LGBT.

BIOPOLÍTICA E PROCESSOS DE DOENTIZAÇÃO: A CORPOREIDADE OBESA EM UM DISPOSITIVO GOVERNAMENTAL DESTINADO AO TRATAMENTO DO EXCESSO DE PESO

JOÃO MARCELO FAXINA

(Universidade Federal da Fronteira Sul - Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas)

RESUMO: Partindo de uma mirada arqueogenealógica, esta pesquisa investigou discursos circulantes sobre o corpo, sobretudo no tocante a concepções de saúde e normalidade correntes, em grupos vinculados ao Vida e Saúde, programa que integra uma política pública direcionada a pessoas lidadas com sobrepeso e obesidade em Erechim, município do norte do Rio Grande do Sul. A incursão em dois locais vinculados ao programa (Secretaria Municipal de Saúde e CAPS II), realizada entre 2 de janeiro e 30 de junho de 2017, contou com uma metodologia mista, composta de uma etapa documental e outra de campo. Através de seu desenvolvimento, o estudo permitiu reconhecer que marcadores como gênero, idade, (des)emprego e condição clínica desempenham aqui a função de tecnologias biopolíticas de captura uma vez que precarizam a autonomia dos participantes, facilitando sua apreensão e ocasionando a constituição de um grupo formado predominantemente por mulheres com mais de cinquenta anos e que estão distantes das relações formais de trabalho. O diagnóstico concomitante de várias enfermidades e a permanência em outros dispositivos de saúde do município, onde são capturados igualmente em razão de sua condição clínica, torna possível, por sua vez, o surgimento de processos de doentização, termo com o qual se busca marcar a atribuição de diagnósticos múltiplos a sujeitos crescentemente doentizados por categorias com grande potencial performativo, a exemplo dos transtornos mentais. Nesse sentido, ao reiterar as classificações do normal e do patológico e ao fazer funcionar tais processos de doentização localmente, o investimento biopolítico parece atuar, neste dispositivo, na contramão da constituição de um corpo social saudável; em vez disso, é possível apontar para o funcionamento de biopolíticas da doença, ou seja, para a circulação de estratégias locais que buscam, pela reiteração diagnóstica e pela medicalização contínua, produzir a anormalidade em relação aos parâmetros de saúde vigentes.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. Dispositivo de obesidade. Processos de doentização.

CORPOS QUE FALAM – BIOPOLÍTICA E SAÚDE LGBTT.

LUÍS ANTONIO BITANTE FERNANDES

(Universidade Federal do Mato Grosso - Doutor em Sociologia)

RESUMO: Numa leitura dos corpos e tomando-se como base as contribuições foucaultianas sobre o Biopolítica esta fala tem por objetivo discutir as vozes corporais das identidades dissidentes em seus processos de transexualização/transgenerificação. As identidades trans são expressões legítimas do ser humano, dentro de uma diversidade de modos de ser em corpos ditos não normais. Utilizando-se da

análise de depoimentos em investigações realizadas acerca do atendimento da pessoa lgbt, na cidade de Barra do Garças – MT, propomos debate na perspectiva de dispositivos, pensados por Foucault, as Teorias Queer e decolonial. O ponto de partida para a compreensão do conceito de dispositivo consiste numa rede que pode ser estabelecida entre diferentes elementos, tais como: o poder em relação a qualquer formação social; a relação entre fenômeno social e o sujeito. Dispositivos são máquinas concretas que com as relações que estabelecem e misturam, geram sentidos na sociedade, conforme aponta Deleuze. Em relação aos discursos na sociedade. Michel Foucault, afirma que existem procedimentos de exclusão e de controle fazendo com que os mesmos, só possam ser compreendidos em relação ao meio em que se encontram. Para Foucault o mais importante nos discursos é o fato de constituírem os seus objetos. Eles são práticas que sistematicamente dão forma aos objetos sobre os quais falam. A linguagem é performativa, além de denotar e conotar. O trabalho de desconstrução contra-sexual, abordado por Preciado, rompe a com toda uma série de binômios oposicionais: homossexualidade/heterossexualidade, homem/mulher, masculino/feminino, natureza/tecnologia. Desta forma, a contra-sexualidade não é a criação de uma nova natureza, mas sim o fim da natureza como sujeição dos corpos, o que supõe que o sexo e a sexualidade (e não somente o gênero) devem compreender-se como tecnologias sócio-políticas. **PALAVRAS-CHAVE:** Biopolítica. Corpos Dissidentes. Transexualização/Transgenerificação. Saúde LGBTT. Vozes corporais.

CRUZADA CIVILIZATÓRIA DOS ILETRADOS: ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS NA CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DE ADOLESCENTES E ADULTOS (CEAA)

STELA ROSA

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutoranda em Educação)

RESUMO: A CEAA, implementada em 1947, é considerada como um marco inicial das ações descontínuas do governo federal em relação à oferta de educação pública para jovens e adultos (HADDAD, 2000; FÁVERO, 2009). Sua importância é atribuída a várias questões, e, dentre elas, algumas compõem as análises retratadas em grande parte das pesquisas acadêmicas no campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA). São elas: a intensificação do capitalismo industrial que se aprofunda a partir da década de 30, modificando o quadro de aspirações sociais, e, em função disso, a ação do próprio Estado (ROMANELLI, 1978), o movimento de redemocratização, após a ditadura Vargas (1937 a 1945), que amplia os quadros dos partidos políticos e com isso o acirramento da disputa pelos eleitores que podiam votar, os alfabetizados, numa realidade em que 55% da população era analfabeta, e o estímulo à implementação de ações de educação de base por parte da Unesco (FÁVERO, 2009). Na tentativa de deslocar o olhar para reolhar a CEAA, partindo das reflexões de Foucault acerca da entrada de técnicas de governo focada na vida biológica da espécie humana, com tecnologias que vão ter como preocupação e alvo o corpo da população, a proposta desse trabalho é mapear, no material pedagógico da CEAA e alguns documentos oficiais, estratégias biopolíticas direcionadas à formação do cidadão da pátria: o produtor de riquezas, o defensor da língua e das tradições e crenças. Nesse sentido, a CEAA pode ser entendida como uma cruzada civilizatória dos iletrados, um mecanismo de disseminação de normas de comportamentos individuais e coletivo consideradas adequadas para assegurar a vida da população, que englobava a constituição de uma identidade brasileira, com modos de vida saudáveis, e de um ethos do trabalho com vistas ao desenvolvimento econômico, e com isso a eliminação do risco da pobreza, das doenças e da fome.

PALAVRAS-CHAVE: CEAA. Educação de Jovens e Adultos. Biopolítica.

CÂMERAS DE VIGILÂNCIA E PANOPTISMO: IMAGENS DE CORPO E BIOPOLÍTICA

AGLAIR BERNARDO

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutora em Literatura)

RESUMO: Esta proposta da comunicação tem como objetivo refletir sobre as imagens de corpos produzidas pelas câmeras de vigilância, entendendo-as como herdeiras diretas do Panóptico de Jeremy Bentham. A análise toma como pressuposto as contribuições de Michel Foucault em *Vigiar e Punir*, ao considerar que boa parte da força e da eficácia atribuída ao princípio do Panóptico baseia-se no sentimento gerado nos indivíduos reclusos de que estariam sendo permanentemente observados, acarretando o seu sucesso tanto como meio persuasivo como disciplinador, sentimento similar ao produzido atualmente com a instalação cada vez mais intensa e extensa das câmeras de vigilância na paisagem citadina e no modo como tal sentimento se inscreve nos corpos, o que produz contextos novos de produção de subjetividades. Entendendo, como Foucault, que o Panóptico e, neste caso, a câmera de vigilância, desindividualiza o poder e fabrica efeitos homogêneos, parte-se da perspectiva segundo a qual as câmeras de vigilância são máquinas de produção de experiências, modificam o comportamento e atuam diretamente sobre os indivíduos, remetendo à condição biopolítica dos corpos. É de celas imagéticas que são caracterizadas as diversas telas, onde os indivíduos são aprisionados cotidianamente e que se distribuem na paisagem urbana, o que transforma o espaço urbano em um imenso campo panóptico, não mais restrito a uma arquitetura específica mas, sim, a uma arquitetura de práticas e configurações de poder mais ampla.

PALAVRAS-CHAVE: Câmeras de vigilância. Panóptico. Biopolítica. Subjetividades.

DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS DE MORTE: EXPANSÃO LOGÍSTICA E VIDA NÃO DIGNA NO CORREDOR CARAJÁS

CÍNDIA BRUSTOLIN

(Universidade Federal do Maranhão - Doutora em Sociologia)

RESUMO: Discuto nesse trabalho a instalação ou ampliação de uma série de estruturas logísticas no Corredor Carajás – estradas de ferro, rodovia, linhas de energia, entre outras – sobre territórios de grupos negros reivindicados para titulação como comunidade quilombola, na região dos municípios de Itapecuru Mirim e Santa Rita, no estado do Maranhão, como tecnologias de poder que apresentam como objeto e objetivo a vida. Nesse sentido, os deslocamentos, a supressão de vegetação, o entupimento de Igarapés, a inviabilização sistemática da vida dos grupos negros, que envolvem a execução desses empreendimentos sobre as terras requeridas, amparam-se na construção de políticas desenvolvimentistas destinadas ao “bem comum” da população e ao progresso da região. Em nome de uma vida próspera na região e de um bem maior, a partir de dispositivos biopolíticos, a morte dos grupos negros pode ser reivindicada. Tenciono ainda a discussão sobre a biopolítica proposta por Foucault às contribuições de Mbembe, com a noção de necropolítica, e exploro as convergências. Para Mbembe (1991), o poder soberano age com o “direito soberano de matar” em espaços colonizados sem estar submetido a nenhuma regra, a produção de legitimidade de sua ação está ancorada na vida não digna, nesse caso, de moradores desses territórios, e no espaço vazio de sentido de sua existência para a nação. Finalizo relacionando tecnologias políticas, produções normativas, a expansão do sistema capitalista e os processos de resistência engendrados.

PALAVRAS-CHAVE: Dispositivos biopolíticos. Expansão logística. Disputas territoriais

“DIGA AO POVO QUE AVANCE”: BIOPOLÍTICA E MEDICALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO DO POVO XUKURU DO ORORUBÁ

VALQUIRIA FARIAS BEZERRA BARBOSA

(Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Pernambuco - Doutora em Ciências Humanas)

RESUMO: A intermedialidade compreende a articulação entre os saberes e práticas biomédicos e os da etnomedicina. Configura-se como zona de ambivalências e relações de poder. Ante ao crescente adoecimento psíquico e consumo de psicotrópicos nos povos indígenas, objetiva-se problematizar a

medicalização do sofrimento do povo Xukuru do Ororubá, Pesqueira, PE. De 2001 a 2003, o povo Xukuru vivenciou uma batalha interna, motivada por terra e poder, que resultou na expulsão dos Xukuru de Cimbres do território, na fragmentação das relações de parentesco e migração para periferias da cidade, em condições precárias de vida e trabalho. Essa profunda ruptura resultou no sofrimento psíquico dos indígenas, cuja abordagem tem se dado, principalmente, através da atribuição de diagnósticos de transtornos mentais e da prescrição de psicotrópicos. Tais práticas biomédicas caracterizam incongruência da política de saúde indígena por privilegiar a doença, em desarticulação às práticas tradicionais de cura (PTC). Vinculadas à cosmologia, ao modo de relação com o meio ambiente e o mundo espiritual, ao *ethos* cultural e às visões e valores relativos ao processo saúde/doença, são específicas de cada sociedade indígena. Esse contexto realça as seguintes argumentações: A normatividade das práticas biomédicas exige que sejam testadas a eficácia e a cientificidade das PTC indígenas, promovendo seu assujeitamento. A medicamentação contribui para a despolitização das PTC. A medicalização do sofrimento compõe o conjunto de estratégias biopolíticas do poder biomédico para o governo das populações. O resgate das PTC indígenas constitui uma via de resistência, frente ao controle de riscos próprios da sociedade de segurança. Conclui-se que o desaldeamento, a desterritorialização e aculturação impactam na predominância de práticas terapêuticas biomédicas e no silenciamento do sofrimento psíquico dos indígenas. Esse modelo se distancia dos avanços do paradigma da atenção psicossocial e opõe-se ao protagonismo desse povo expresso na palavra de ordem: “Diga ao povo que avance!”

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental. Saúde indígena. Medicina tradicional. Medicalização. Biopolítica.

DIRETRIZES BRASILEIRAS SOBRE OBESIDADE NA PERSPECTIVA DE MICHEL FOUCAULT

MARINA BASTOS PAIM

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutorado em Saúde Coletiva)

DOUGLAS FRANCISCO KOVALESKI

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutor em Saúde Coletiva)

RESUMO: Há algum tempo a saúde vêm exaltando o emagrecimento como forma inquestionável de garantir saúde. O discurso do saudável (alimentação saudável e vida ativa) constitui-se enquanto discurso de verdade e ele é muito mais que um mecanismo negativo de exclusão ou rejeição de hábitos não saudáveis, há uma rede de discursos, saberes, prazeres e poderes. Nesse sentido ter saúde significa ser vitorioso por ter conquistado aquele corpo saudável, se constituindo enquanto um mecanismo positivo, produtor de saber, multiplicador de discursos, indutor de prazer e gerador de poder. Tendo em vista este contexto, o discurso do saudável desvaloriza e patologiza os corpos gordos, sendo assim este trabalho analisa o discurso emagrecedor das Diretrizes Brasileiras de Obesidade de 2016 da Associação Brasileira para o estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO). Ela atua no sentido de ser uma fonte de informações “corretas” (racional e científica) sobre obesidade. Considerando a importância dessas Diretrizes sobre o campo da obesidade, a influência sobre a prática profissional, que tipo de tratamento será incentivado e o processo decisório em relação aos corpos gordos, este documento foi selecionado a fim de realizar uma análise do discurso e relacionar com as obras da trilogia "História da Sexualidade" de Michel Foucault. O discurso emagrecedor foi observado na valorização do corpo magro, na reeducação alimentar e a temperança no ato de comer. Posto isto, é preciso avaliar as práticas agressoras ao corpo que acompanham esse percurso de alcançar o corpo considerado saudável, questionar a patologização dos corpos gordos e questionar a saúde dos corpos magros. É fundamental reconhecer os limites técnicos e éticos, refletir sobre as influências sobre as condutas prescritas, denunciar a iatrogenia, os excessos do preventivismo e medicalização das práticas de cuidado em relação principalmente as pessoas gordas.

PALAVRAS-CHAVE: Emagrecimento. Corpo. Saudável.

DISPOSITIVOS DA GOVERNAMENTALIDADE BIOPOLÍTICA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PROGRAMA GESTÃO INTEGRADA DA ESCOLA

JÉSSICA COELHO DE LIMA PEREIRA

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana)

RESUMO: As teorizações propostas por Michel Foucault oferecem importantes ferramentas para a análise das políticas educacionais contemporâneas e para pensar sobre as diferentes maneiras de governar. Essas maneiras de governar se articulam através de técnicas disciplinares e mecanismos de segurança, que, em um contexto neoliberal, ampliam as técnicas de controle. Sendo assim, os mecanismos de controle do biopoder atuam no sentido de evitar os riscos a partir de índices e estatísticas para controlar a população, enquanto que as práticas disciplinares continuam sendo utilizadas, como um reforço a esse controle. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é estabelecer diálogos sobre os efeitos de programas de gestão na área da educação e propõe como exemplo de análise o Programa Gestão Integrada da Escola (GIDE) da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, implantado em 2011, com o objetivo de elevar a classificação da rede estadual no ranking do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). O programa GIDE utiliza estratégias do mundo empresarial para adequar as escolas à lógica das políticas de avaliação em larga escala, seguindo a lógica do IDEB. Além das classificações, das estatísticas e das metas traçadas, a GIDE propõe um diagnóstico da escola que se apoia em ações específicas voltadas para campanhas de vacinação, orientação sexual, prevenção de gravidez, saúde mental etc., apresentadas como condições ambientais para garantir a qualidade da escola. Portanto, algumas questões são propostas: como se daria a articulação entre a norma disciplinar e a norma biopolítica nos processos de normalização através de programas como a GIDE? Quais os efeitos desses programas na produção de novas formas de governamentalidade biopolítica? Por fim, esta proposta consiste em dialogar sobre as possibilidades de pensar a educação como um dos dispositivos da governamentalidade biopolítica.

PALAVRAS-CHAVE: Gestão da educação. Governamentalidade. Biopolítica. Normalização. GIDE.

DISPOSITIVOS MEDICALIZADORES NO PROCESSO DE TRABALHO DO NUTRICIONISTA NO NASF

RAQUEL KERPEL

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutorado em Saúde Coletiva)

FERNANDO HELLMANN

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutor em Saúde Coletiva)

RESUMO: A Nutrição é uma profissão que surgiu no século XX. É possível reconhecer, no perfil profissional do nutricionista no Brasil, duas racionalidades discursivas. Uma vinculada ao interesse por dirimir iniquidades sociais, garantindo o direito humano a alimentação adequada; e a outra construída a partir do modelo clínico biomédico. A Nutrição desenvolveu dispositivos de intervenção baseados nas noções de risco, de patologização dos comportamentos alimentares e na utilização do alimento e dos suplementos com o objetivo de normalizar – por meio de imperativos normativos – sujeitos e populações. Este estudo objetiva problematizar, a partir das noções de biopolítica e de medicalização, os dispositivos presentes no processo de trabalho do nutricionista. Embora em outras profissões o interesse por questionar as próprias práticas a partir das noções de biopoder, biopolítica e medicalização tenha começado há tempos, no caso da Nutrição este processo é recente e não conta, atualmente, com uma quantidade considerável de estudos que permitam realizar uma cartografia dos processos de trabalho. Um dos espaços onde o nutricionista atua é no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF). O NASF visa apoiar a consolidação da Atenção Básica no Brasil por meio de equipes multiprofissionais que têm como função principal atuar de maneira integrada, apoiando os integrantes das Equipes de Saúde da Família (ESF) e das Equipes de Atenção Básica. A análise documental dos relatos de processos de trabalho por parte dos nutricionistas que atuam nos NASF's permite identificar os dispositivos medicalizadores presentes no apoio matricial, nos atendimentos compartilhados, nos projetos terapêuticos, nas ações de educação permanente e nas intervenções no território e na saúde de grupos populacionais e da

coletividade, bem como nas ações de prevenção e promoção da saúde e nas discussões do processo de trabalho das equipes.

PALAVRAS-CHAVE: Medicalização. Nutrição. NASF.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL, BIOPOLÍTICA E NEOLIBERALISMO

SÉRGIO RONALDO PINHO JÚNIOR

(Universidade Federal do Rio Grande - Doutorando em Educação Ambiental)

RESUMO: A proposta de apresentação oral a qual submeto este trabalho coloca sob análise a condição de emergência do campo de saber da Educação Ambiental (EA) a partir da singularidade que ele fabrica no contexto político e pedagógico da Educação brasileira. Assim para designá-lo como um problema, reconhecendo os múltiplos elementos que o determinam enquanto acontecimento partirei das seguintes suspeitas. Quais as condições de existência da EA brasileira para que sua fabricação seja possível em um determinado contexto biopolítico e pedagógico? Como a EA enquanto um desdobramento na área de conhecimento da Educação no Brasil aparece relacionada as práticas biopolíticas de “governamento” contemporâneas? Considerando práticas discursivas e estratégias Neoliberais de ação no contexto das políticas públicas em Educação no Brasil como a EA ganha visibilidade e é tensionada pela arte liberal de governar? Assim, a partir dos conceitos de problematização, governamentalidade e biopolítica a análise empreendida neste trabalho parte de um viés fabricado pelos atravessamentos e pelas apropriações da caixa de ferramentas Foucaultiana para, desta maneira, pensar em que condições de possibilidade a EA pode ser vista como uma ideia vencedora no contexto das políticas públicas em Educação no Brasil. Que rastros podem ser seguidos a partir deste pensamento para visualizarmos as ocorrências que justificam esse saber, legalmente regulamentado, afirmado em propostas de ação pedagógica? Ou seja o que implica Educar para o ambiente? Que verdades são colocadas em funcionamento considerando a presença desse saber na atualidade? Como esse saber aparece relacionado a formas de exercício do poder? Com efeito, enquanto atualização de relações de força que podem ser analisadas a partir do conceito de biopolítica passamos a considerar suas ‘variações ecopolíticas’ na forma de exercício do poder a partir de uma racionalidade neoliberal. Desse modo, problematizar o campo de saber da EA a luz da governamentalidade neoliberal encerra o objetivo desta comunicação oral.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. Educação Ambiental. Governamentalidade.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ESTRATÉGIAS BIO/ECOPOLÍTICAS EM OPERAÇÃO: MODOS DE SUBJETIVAÇÃO VERDE

PAULA CORRÊA HENNING

(Universidade Federal do Rio Grande e Universidad de Murcia - Pós-Doutoranda em Educação)

RESUMO: A pesquisa que se apresenta tem como tema os estudos da biopolítica em Michel Foucault e o campo da Educação Ambiental (EA). Utiliza-se o conceito do filósofo e os desdobramentos dele no conceito de ecopolítica. A investigação tomou como objetivo principal analisar as estratégias

bio/ecopolíticas presentes no discurso midiático que ensinam sobre nossas relações com o planeta, com o meio ambiente e com a vida. Discursos de verdade; estratégias de intervenção e modos de subjetivação são três elementos importantes para pensarmos a biopolítica hoje (RABINOW e ROSE, 2006). Esses três elementos parecem se combinar ao tratar da EA na mídia: um discurso de verdade que toma os meios midiáticos como espaço de difusão de palavras de ordem, assumindo a ciência como saber sempre legítimo em nossa sociedade moderna; indicações de ensinamento para viver junto ao meio ambiente, intervindo na existência coletiva dos sujeitos e a fabricação de um certo modo de subjetivação verde, sustentável. A combinação desses três elementos atuam nos materiais midiáticos que se analisa nessa pesquisa. Vê-se como a ciência é chamada incessantemente na mídia como um discurso de verdade, tomando uma ferramenta como auxílio fundamental, a estatística. Assim vai ensinando novos modos de vida verde, incitando o sujeito a jogar o jogo do ecologicamente correto, a atuar sobre si mesmo, subjetivando-se a novas gestões da vida individual e coletiva. Pensando nos potenciais efeitos de materiais midiáticos que circulam em escolas brasileiras e espanholas ensinando-nos a respeito de nossas relações com o planeta, problematiza-se tais discursos e seus modos de intervenção e subjetivação em tempos atuais. Junto às normalizações bio/ecopolíticas, que nos ensinam como cuidar do meio ambiente, podem se encontrar também as resistências criando novos olhares para a EA, apostando em fissuras nas grandes verdades que insistem em nos fazer rebanho.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental. Michel Foucault. Biopolítica.

ENDIVIDADO, DEVO...: GOVERNO DA VIDA PELAS FINANÇAS

INÊS HENNIGEN

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Doutora e Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional)

RESUMO: Se Gilles Deleuze já indicava, no início dos anos 90, que nas sociedades de controle o homem não era mais o confinado, mas o endividado, a crise de 2008 fez perceber melhor o relevo da relação credor-devedor para a governamentalidade neoliberal e expansão capitalista. Nesta direção, o presente trabalho problematiza a financeirização da vida – compreendendo, com Maurizio Lazzarato, que a política da dívida é a forma atual da biopolítica –, e também traça linhas para a construção de uma educação quanto ao consumo e crédito. Aborda-se a virada do ciclo M-C-M', do capital industrial, para o ciclo desterritorializado M-M', do capital financeiro, e a correlata constituição contemporânea do endividado, figura subjetiva cuja tônica é a culpa-responsabilização. Pensadores que dialogam com escritos foucaultianos e resultados de pesquisas desenvolvidas (com pessoas em situação de superendividamento; acerca da publicidade do crédito) ajudam a discutir como a relação credor-devedor atravessa e conduz condutas do consumidor, do trabalhador/empreendedor-de-si, do usuário dos serviços sociais, etc. A rigor, o engate moral captura todos: as dívidas soberanas transformam cada cidadão em um endividado, a ter que fazer esforços e “renúncias” sem fim. Sincronicamente, com o desmonte dos direitos sociais, opera-se uma torção no princípio biopolítico: se você puder pagar, você vive; se não, pode morrer. Nesta esteira, dívidas contínuas e ilimitadas – com plano de saúde, cartão de crédito, educação, previdência privada, entre outras, arrendam e condicionam o futuro, produzindo subjetividade. A partir de pesquisa-intervenção realizada com jovens, delinea-se a proposta de uma educação quanto ao consumo e crédito; essa, afastando-se de iniciativas que visam instrumentalizar para “bem” consumir e atuar como operador financeiro, intenta abrir questionamentos e politizar tais esferas (frequentemente remetidas ao âmbito da escolha/liberdade pessoal), tensionar naturalizações, complexificar compreensões, ampliar o campo dos possíveis modos de resistir e de existir.

PALAVRAS-CHAVE: Dívida. Biopolítica. Governamentalidade. Subjetividade. Educação.

FERNANDO DE ALMEIDA SILVEIRA

(Universidade Federal de São Paulo - Professor Associado do Departamento de Políticas Públicas e Saúde Coletiva)

RESUMO: A questão do cuidado é tema-chave na produção biopolítica do conhecimento em ciências da saúde. Esta palestra apresenta a constituição histórica do sujeito de cuidado, compreendendo “cuidado” enquanto dispositivo, elemento e enunciado-chave na constituição de discursos, saberes e poderes sobre os corpos e almas de sujeitos apropriáveis enquanto cuidáveis. Tomando dois campos de subjetivação: a genealogia das sexualidades periféricas e a constituição do sujeito medicalizável, verificou-se que é nos jogos de discursos do cuidado que se vislumbra o sujeito do cuidado – como também, o ato de cuidar – não apenas em sua aceção positiva de zelo e precaução; mas em sua concepção limítrofe do incalculado, o impensável, o imprevisível, o fortuito, o inopinado, o inesperado, o desmazelado, o ocasional. Ou seja: o que escapa ou o que foge às diagramações dos dispositivos de ser cuidável na edificação de um sujeito resistente, dentre outras estratégias, aos processos de medicalização e patologização ostensivas. Para tal análise, parte-se de uma genealogia do cuidado, desde o poder pastoral na Antiguidade enquanto poder benfazejo na salvação de rebanhos; analisando-o na proto-terapêutica individualista sem políticas públicas da medicina na Idade Média; e em sua decorrente relevância a partir do século XVIII, enquanto elemento-chave para edificação da governamentalização do Estado, do biopoder e do governo das populações. Assim, a rede prático-discursiva do cuidado emerge na diagramação de corpos e almas normalizáveis, estigmatizáveis e saturados de sexualidade; e na produção de discursos fascistas - dentre eles, referentes à cura gay, à criança pedagogicamente hiperativa, à manicomialização dos loucos. Por sua vez, considera-se que, para a constituição de uma ética político-existencial insubordinada a tais dispositivos totalizadores do cuidado, o descuido emerge enquanto possibilidade estratégica de recusa aos processos cristalizadores da identidade do sujeito da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Cuidado. Saúde. Biopolítica. Subjetivação.

ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS OU SOBRE A VIOLÊNCIA DA RAZÃO EM MICHEL FOUCAULT

HELRISSON SILVA COSTA

(Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - Doutorando em Filosofia)

RESUMO: Este trabalho pretende identificar o lugar da violência no pensamento de Michel Foucault na trilha aberta por suas pesquisas genealógicas do poder, especificamente em relação aos estudos concernentes às práticas de governo racionalizadas que se inserem no campo da governamentalidade. Parte-se do pressuposto de que o problema da violência- embora não constitua matéria de reflexão privilegiada no corpus foucaultiano- é um elemento importante para a formulação das relações de poder entendidas como condução de condutas. Para isso, este trabalho analisa duas pistas apontadas por Foucault: 1) a assimetria entre violência e poder; 2) a complementaridade entre razão e violência. Descortina-se, então, as considerações de Foucault acerca da biopolítica, as quais o autor se utiliza para designar a tomada dos aspectos biológicos dos conjuntos populacionais pelas estratégias políticas racionalizadas, cuja efetivação pode se desdobrar em extrema violência. Assim, esta comunicação pretende mostrar que a biopolítica aparece como um conceito importante para compreender a articulação entre poder, razão e violência em decorrência dos problemas que a racionalidade do biopoder coloca e dos dispositivos que solicita.

PALAVRAS-CHAVE: Poder. Violência. Razão. Governamentalidade. Biopolítica.

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E PRÁTICAS DE ATENÇÃO EM SAÚDE: PROBLEMATIZAÇÕES FOUCAULTIANAS

MARIA CRISTINA LOPES DE ALMEIDA AMAZONAS

(Universidade Católica de Pernambuco – Doutora em Psicologia)

THÁLITA CAVALCANTI MENEZES DA SILVA

(Faculdade Pernambucana de Saúde – Doutoranda em Psicologia Clínica)

RESUMO: O presente estudo versa sobre a formação, as práticas de governamentalidade e de cuidado-de-si de psicólogos e psicólogas que atuam em instituições hospitalares. A atenção integral à saúde, enquanto pressuposto filosófico, põe em pauta a discussão sobre a necessidade da humanização das práticas de saúde; assim como, também, a produção de uma nova noção sobre o que seria o cuidado. No contexto dos movimentos sociais, tais como a reforma psiquiátrica e a reforma sanitária, que levaram à instituição do SUS, a noção de cuidado fez aparecer sujeitos onde antes havia objetos. Com a finalidade de oferecer serviços de atenção à saúde mais humanizados, a noção de cuidado passa a agregar significados outrora dispersos e fragmentados. Daí porque atribuir o fato de que práticas de gestão em saúde não estão dissociadas nem, tampouco, separadas das práticas de atenção e formação. Deste modo, poder-se-ia afirmar que a gestão do cotidiano, em instituições de saúde, produz modos de ser psicólogo tanto no que diz respeito aos modos de governo de si, quanto aos modos de governo do outro. É neste sentido que o trabalho ora apresentado teve por finalidade problematizar as práticas de atenção e cuidado no cotidiano de enfermarias em um hospital geral de referência na Cidade do Recife. Foram realizadas um total de três entrevistas narrativas seguindo princípios e diretrizes cartográficos, responsáveis por fornecer sustentação aos posicionamentos e ao modo de conduzir a si mesma da pesquisadora ao longo da pesquisa. Após os esclarecimentos acerca da pesquisa, partia-se da seguinte pergunta disparadora: fale-me sobre sua prática de atuação em saúde. A partir das narrativas, pode-se problematizar junto às participantes as posturas e posicionamentos ocupados em relação às práticas em saúde como práticas de liberdade e resistência no interior dos jogos e das tramas e relações de poder.

PALAVRA-CHAVE: Biopolítica. Cuidado. Práticas em Saúde. Formação em Psicologia.

FOUCAULT E AS VARIAÇÕES DA BIOPOLÍTICA ENTRE A VIDA E A MORTE

LUIS CELESTINO DE FRANÇA JR.

(Universidade Federal do Cariri - Professor Doutor em Comunicação)

RESUMO: A partir da leitura de Roberto Esposito em seu livro “Bios: Biopolítica e Filosofia”, as noções de biopolítica na obra de Michel Foucault aparecem de diferentes formas desde que foi apresentada pela primeira vez em uma conferência no Rio de Janeiro em 1974. Foucault requalificou as noções anteriores de biopolítica elaboradas por humanistas, cientistas políticos e outros pensadores já que em sua obra história e natureza, vida e política se entrelaçam, se demandam e se violentam, modificando-se num jogo de ações e reações, impulsos e resistências. Essas relações entre os movimentos da vida e os processos da história interferindo-se entre si fez explodir os discursos modernos sobre a soberania. Foucault rompe com uma perspectiva linear de compreensão da categoria vida. A vida não pertence nem à ordem da natureza nem à ordem da história, mas no cruzamento das tensões entre ambas. Até que ponto a biopolítica pode se articular tanto com a produção de modos de subjetividades quanto com a dimensão da morte? Até que ponto a biopolítica se articula tanto como uma política da vida quanto como uma política que engolfa a vida? O trabalho a ser apresentado pretende abordar como as variações da compreensão de biopolítica são trabalhadas por Foucault na obra O Nascimento da Biopolítica e como é assimilado pelo autor a relação entre governamentalidade, população e vida.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade. Governamentalidade. Vida. Morte.

GENEALOGIA DO SUJEITO DE DESEJO NO CONTEXTO DA BIOPOLÍTICA

CAROLINA DE SOUZA NOTO

(Universidade Federal de Santa Catarina - Professora Adjunta do Departamento de Filosofia)

RESUMO: Visto que acaba de ser publicado o quarto volume da *História da sexualidade, As confissões da carne*, seria oportuno realizar uma breve reflexão tórica acerca do lugar dessa obra no interior das pesquisas de Foucault. O objetivo da comunicação é o de chamar atenção para a centralidade da noção de sujeito de desejo no interior da discussão sobre biopolítica. Trata-se de mostrar não somente que ela está no fundamento do diagnóstico político que Foucault faz da modernidade, como que é o problema do desejo que impõe ao filósofo um novo redirecionamento de suas pesquisas na direção da ética. A hipótese, portanto, é a de que a noção de sujeito de desejo é o fio condutor que permite aproximar temáticas aparentemente tão díspares como as relativas ao liberalismo e ao neoliberalismo, desenvolvidas nos cursos *Segurança, Território e Povoação* (1977-1978) e *O nascimento da biopolítica* (1978 - 1979), e aquelas acerca dos ritos de penitência, da virgindade e do casamento, presentes em *As confissões da carne*, redigido provavelmente logo depois dos cursos, entre 1979 e 1980.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Desejo. Biopolítica. Ética. Foucault.

GOVERNAR SUJEITOS LIVRES: A CARNE QUE CONFESSA E O EXERCÍCIO DA RESISTÊNCIA

ARIANNA SFORZINI

(Bibliothèque nationale de France – Doutora)

CAROLINA VERLENGIA

(École Normale Supérieure de Lyon - Doutoranda)

RESUMO: Na segunda metade dos anos 1970, por meio de diferentes frentes de trabalho (cursos no Collège de France e fragmentos do segundo volume inédito da *História da sexualidade: La chair et le corps* – 1977), Foucault desenvolve uma dimensão inédita da relação com o “eu”, com seu corpo e seu discurso de verdade. Ele introduz em suas análises uma problemática subjetiva que não estava ausente de suas preocupações, mas não era, no entanto, pensada nessa centralidade da relação consigo mesmo como possibilidade aberta de conflito e liberdade. Esta apresentação propõe, inicialmente, retomar os manuscritos inéditos do *La chair et le corps*, conservados no fundo Foucault da BnF, que constituem um projeto interrompido e reelaborado, dando, finalmente, origem ao livro *Confissões da carne*. A hipótese defendida é que esta obra inacabada constitui um momento chave no percurso do autor: por meio de uma genealogia da confissão cristã, Foucault repensa a questão do sujeito sobre novas bases e abre suas análises a novas modalidades de relação entre liberdade e obediência, vontade de si e vontade de outrem, exploração da verdade sobre si em si mesmo e direção de consciência – elementos essenciais da sua reflexão sobre as artes de governar, tema central nos últimos anos de sua vida, mas introduzido pelo quadro teórico da biopolítica e governamentalidade. Essas questões se inscrevem em um momento crucial de transformação, não somente do projeto da *História da sexualidade*, mas igualmente do próprio pensamento foucaultiano. Trata-se de um período específico durante o qual seu interesse pela literatura cristã lhe ajudou a pensar sobre as formas de poder que procuram nos dirigir e sobre a resistência face a esses poderes como ato de liberdade. Ressaltar-se-á, enfim, o quanto essas interrogações são essenciais para compreender o caminho que leva o filósofo a abordar a questão do governo, passando pela criação dos conceitos de biopolítica e governamentalidade e sempre salientando as possibilidades de transformação do presente.

PALAVRAS-CHAVE: Carne. Confissão. Liberdade. Resistência. Governo. Biopolítica.

INFLUÊNCIAS POLÍTICAS NAS TOPONÍMIAS NILOPOLITANAS (RJ): UMA ANÁLISE A PARTIR DA MICROFÍSICA DO PODER FOUCAULTIANA

ENDERSON ALBUQUERQUE

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia)

MIGUEL ÂNGELO RIBEIRO

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Professor adjunto do Instituto de Geografia)

RESUMO: Este artigo ambiciona discutir o uso político-partidário das toponímias no município fluminense de Nilópolis. A cidade em questão, componente da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e conhecida na escala nacional e internacional por sediar a Escola de Samba Beija Flor de Nilópolis, presencia um intenso processo de modificações de nomes de equipamentos públicos pautados por interferências políticas. Atualmente, dois grupos políticos são os responsáveis por essas alterações toponímicas: os Abraão-Sessim e os Calazans. Para analisar esse processo, selecionamos alguns equipamentos públicos enfatizando aqueles que possuem nomenclaturas associadas aos grupos políticos atuantes. Essa seleção apontou que no referido município existem duas praças públicas, quatro espaços educacionais, duas ruas e quatro fixos de saúde com nomes de familiares desses grupos políticos. Tal fato demonstra que no contexto nilopolitano os agentes públicos privatizam simbolicamente tais espaços por meio do seu poder de nomeá-los. Com efeito, a base teórico-conceitual utilizada para o processo em tela compreende a análise das categorias de território, das toponímias e de poder, pois a territorialização, mesmo quando simbólica como é o caso em questão, indica as relações de poder existentes no espaço. Nesse sentido, o poder de nomear demarca para “os de fora” a força local de determinado grupo e, também, ratifica para a população local a vitalidade desse poder. Dessa forma, as toponímias nilopolitanas exemplificam a microfísica do poder, pois ao mesmo tempo em que expressam um poder político, servem igualmente para reforçar esse poder sobre os indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Nilópolis. Poder. Toponímia.

INTERSEÇÕES ENTRE A BIOPOLÍTICA, A PSICANÁLISE E AS TÉCNOLOGIAS DE SI: A CRIANÇA E O SEU BRINCAR

CARLOS ALBERTO MEDRANO

(Faculdade Metropolitana de Blumenau - Doutor em Enfermagem e Psicanalista)

RESUMO: A infância é uma das categorias populacionais objeto de intervenção dos dispositivos biopolíticos. Talvez onde maior é a eficácia das intervenções que determinam uma subjetividade constituída a partir do outro. A psicanálise resgata o papel ativo da criança na tarefa de resignificar os elementos que lhe são propostos familiar e socialmente. Desta forma, se parte da ideia de um sujeito que se constitui entre as técnicas de dominação e as tecnologias de si. Tanto no Agamben, quanto no Winnicott, é possível reconhecer a importância do brincar no processo ativo de subjetivação por parte da criança. Intervir, promovendo ou inibindo e designando os brincames permitidos e proibidos, constitui uma forma de governamentalização que evidencia o papel da biopolítica na construção dos regimes de verdade presentes nos dispositivos medicalizadores. A análise dos regimes de verdade presentes em Manuais de Pediatria e Puericultura, Cartilhas para pais, publicações da Sociedade Brasileira de Pediatria e outros viabilizados pela mídia e redes sociais mostram como a medicina cria dispositivos biopolíticos e técnicas de dominação. É possível pensar o brincar como uma tecnologia de si, capaz - a partir do conceito aristotélico de potência, da noção de aberto de Agamben e da psicanálise winnicottiana - não somente como uma forma de resistência ao poder, mas também na sua dimensão instituinte.

PALAVRAS-CHAVE: Biopoder. Psicanálise. Brincar.

JOÃO: UM ESTUDO SOBRE A DISCURSIVIDADE DA REDE DE PROTEÇÃO SOCIAL EM TRANSBORDE COM O JUDICIÁRIO

DENISE AYRES D'AVILA

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutoranda pelo Programa de Psicologia)

RESUMO: Este trabalho é resultante da pesquisa que foi defendida em dissertação de Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção Psicossocial pela Universidade Federal de Santa Catarina no corrente ano e é inspirada nas experiências como psicóloga de PAEFI-CREAS pelos últimos quatro anos. Cada família acompanhada pela Assistência Social possui um arquivo de documentos, ofícios e relatórios das comunicações entre as diversas políticas públicas de proteção e garantia de direitos. Assim, o objetivo central é apresentar uma discussão, por meio de análise de discurso, acerca do arquivo documental de interlocução presente em pasta de acompanhamento e que foi gerado pela rede de proteção social apontando para uma produção de subjetividade e verdades transbordadas ao judiciário que se utilizando desses saberes produziu efeitos nessas vidas. A necessidade de discussão advém da perspectiva das famílias que acessaram seus arquivos e não se reconheceram nos relatos sobre si, anunciando uma desconexão da experiência vivenciada com a narrativa elaborada pela rede, quando não, uma violência de Estado ao sugerir violências por contingências sem fatos. Para atingir esse fim, se usará como norte de análise o pensamento foucaultiano e sua arqueogenealogia observando as estratégias e táticas de produção discursiva dos assistidos. O trabalho é embasado por leituras teóricas de autores que narram sobre a precariedade da vida e efeitos do poder sobre a vida, como Judith Butler, e a eleição de uma família acompanhada no Serviço para estudo de produção discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Poder. Vigilância. Controle. Assistência Social.

LA INTERVENCIÓN DE LA PSIQUIATRÍA EN LA INVENCIÓN DEL SUJETO PELIGROSO

ELIZABETH ORTEGA

(Universidad de la República - Doutora em Ciências Sociais)

MARÍA JOSÉ BELTRÁN

(Universidad de la República - Doutoranda em Ciências Sociais)

RESUMO: En la década de 1930 Uruguay enfrentó, como todos los países de la región, las consecuencias de la crisis de 1929, en lo socioeconómico y político. En este contexto y fundamentalmente a partir del aumento de la desocupación, una serie de dispositivos fueron creados para dar cuenta de las conductas desviadas atribuidas a los pobres, que se constituyeron en focos de preocupación y de intervención. El alcoholismo, la sífilis, la inmigración indeseada, la mendicidad, la vagancia, la locura, fueron rápidamente asociados a conductas delictivas que atentaban contra la formación de la nación. Ese tipo de comportamientos se transformaron en foco del control bajo el paradigma de la defensa social. En una sociedad tempranamente secularizada, la influencia del paradigma positivista permeó todas las áreas del pensamiento, el ámbito universitario y la medicina en particular. Un fuerte proceso de medicalización de la vida social permitió que la categorización de los comportamientos “desviados” fuera permeada por criterios que demarcaban lo normal y lo patológico, generando así una creciente intervención médica para la gestión de ese tipo de conductas. La psiquiatría, apoyada en teorías tales como las de Lombroso o la teoría de la degeneración, fue la depositaria institucional de la determinación de la peligrosidad. En la ponencia se abordará cómo se formateó la intervención biopolítica de la psiquiatría tanto en la caracterización como en el diseño de estrategias preventivas que tuvieron como foco central al sujeto peligroso, centradas principalmente en la reforma moral de la clase obrera empobrecida.

PALAVRAS-CHAVE: Peligrosidad. Biopolítica. Medicalización. Psiquiatría.

LE PROCÈS DE BOBIGNY: DESOBEDECER PARA TER O DIREITO DE ABORTAR

GILMÁRIA SALVIANO RAMOS

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutora em História Cultural)

RESUMO: Se a violência sexual contra o corpo feminino pode se expressar de maneira imediata, brutal e coercitiva, ela pode também resultar em formas diversas de resistências e lutas políticas que marcam definitivamente as legislações de um país. A presente comunicação centra-se em um processo-crime acerca de um caso de aborto provocado na França, em 1972, na cidade de Bobigny. Na época, Martine ajudou sua filha menor de 16 anos, Marie-Claire, a interromper uma gravidez resultante de um estupro. Denunciadas, mãe e filha foram julgadas. O caso ficou bastante conhecido quando Martine contratou a renomada advogada Gisèle Halimi, que presidia a associação feminista “Choisir”, juntamente com Simone de Beauvoir, para defendê-las na Justiça. A repercussão do julgamento deu-se tanto na mídia quanto nos principais centros acadêmicos da França, envolvendo vários/as intelectuais da época, como Michel Foucault, médicos e artistas conhecidos. A defesa montada por Gisèle Halimi abarcou como objetivo, além de livrar as duas mulheres de serem condenadas, uma luta política contra a lei de 1920, que proibia o aborto na França. Gisèle Halimi afirmava: “une loi injuste n’est pas une loi”, “notre corps nous appartient”, e todo o contexto de luta e resistência provocado por esse processo-crime levou à promoção da revisão daquela legislação, o que culminou na despenalização do aborto e serviu de modelo para outros países. O momento era profícuo. O movimento feminista francês emergia com toda a força, reivindicando a descriminalização do aborto, o direito das mulheres ao seu próprio corpo e à sexualidade. O objetivo da comunicação, portanto, é discutir como a prática do aborto foi construída como um ato desviante e carregado de interdições morais e políticas em razão de sua ilegalidade na França, sob o viés analítico da noção de biopolítica desenvolvida por Michel Foucault.

PALAVRAS-CHAVE: “Le procés de Bobigny”; Despenalização do aborto; Biopolítica; França.

LOUCURA, ANIMALIDADE E BIOPOLÍTICA

FLÁVIO VALENTIM DE OLIVEIRA

(Universidade Federal do Pará - Doutor em Educação)

RESUMO: Uma leitura mais atenta da História da loucura indica que o mito de uma sociedade feliz e harmoniosa traz em seu núcleo tanto a tentação de converter o louco em algo útil à sociedade como também a ambição da ideologia da serenidade do trabalhador. O sonho burguês de normatizar a virtude e a natureza, ou melhor, de normatizar o indivíduo por meio de uma animalidade feliz, harmônica e saudável não se esgotou com as políticas de internamento. Esse onirismo obsessivo sofreu constantes mutações enquanto mecanismo regulador da sociedade. Neste estudo proponho uma (re) leitura do texto *Do bom Uso da Liberdade* com o propósito de encontrar alguns tópicos (ou alguns esboços) do que futuramente iremos designar no pensamento de Foucault como reflexões da biopolítica e da governamentalidade. Se a loucura foi um experimento público e político em torno da liberdade e do comedimento para fazer emergir a categoria da animalidade positiva, deve-se levar em conta que esse debate tem muitas ressonâncias nas reflexões atuais sobre a sociedade da cura, a psicopolítica e o biocapitalismo: cuja animalidade positiva se chamaria agora de otimização pessoal, onde o indivíduo se converte em objeto de exploração e seus bloqueios, debilidades e erros podem ser eliminados terapêuticamente. Por fim, buscamos mostrar que nesse texto o pensamento de Foucault já antecipa a noção do soberano caracterizado pela auto-exploração total, que não é outra coisa senão o animal feliz que luta consigo mesmo como inimigo.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. Animalidade. Loucura.

MECANISMOS DE GOVERNO E EXCLUSÃO NO CARIRI CEARENSE

LEDA MENDES GIMBO

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Doutoranda)

MAGDA DINIZ DIMENSTEIN

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Doutora)

RESUMO: A presente proposta de comunicação oral consiste na descrição e análise de três episódios ocorridos durante o século XX relacionados ao governo e gestão dos corpos de pessoas pobres do Cariri cearense. O campo de concentração do Burity, o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto e um hospital psiquiátrico são objetos da análise das relações de poder e governamentalidade relacionadas às pessoas pobres, migrantes da seca e loucos. Para tanto, foram utilizados os elementos das análises arqueológicas e genealógicas presentes na obra de Michel Foucault, sobretudo, o conceito de biopoder como estratégia geral de governo. Ademais, foi utilizada a perspectiva multidimensional de pobreza, uma vez que esses mecanismos foram aplicados aos corpos de pessoas pobres sob a justificativa de preservação e manutenção da vida de outras. Nosso objetivo é mostrar a importância do aprofundamento crítico-reflexivo no que diz respeito aos contextos nos quais os discursos e as práticas de exclusão social se inscrevem.

PALAVRAS-CHAVE: Biopoder. Pobreza. Exclusão Social.

MELHORAMENTO COGNITIVO E “LIBERDADE DE ESCOLHA”

FABÍOLA STOLF BRZOZOWSKI

(Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Doutora em Saúde Coletiva)

RESUMO: O objetivo deste trabalho é refletir sobre as razões e mecanismos que levam os indivíduos a fazerem uso de melhoradores cognitivos farmacológicos (nootrópicos), utilizando como referenciais de análise as ideias de Nicolas Rose e Michel Foucault, com os conceitos de governo, dispositivo e biopolítica. Neste sentido, questiona-se se o uso de substâncias químicas para melhorar o desempenho é realmente uma escolha. Assim, o uso de nootrópicos é classificado como uma estratégia biopolítica, na medida que seu uso ampliado vai estabelecer uma nova média, uma nova norma, uma nova homeostase para otimizar um estado de vida baseado na produtividade. Trata-se de um dispositivo que permite que esse processo ocorra, capturando e moldando os indivíduos, para que trabalhem e estudem de acordo com o que se espera. Nesse sentido, argumenta-se ainda que, numa sociedade liberal ou neoliberal, há uma ilusão de que temos liberdade de escolha, que há um tipo de imposição para seguir determinados padrões “cientificamente comprovados”, e que não é preciso haver um panóptico nesse caso, pois cada um se “autovigia” baseado nas regras morais do autocuidado e do discurso científico.

PALAVRAS-CHAVE: Nootrópicos. Biopolítica. Dispositivo. Governo.

MICROPOLÍTICAS DE SI: AGENCIAMENTOS NEOLIBERAIS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

ROBERTA LIANA DAMASCENO COSTA

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Doutoranda)

THIAGO AYRES DE MENEZES SILVA

(Universidade Federal do Piauí - Mestre)

RESUMO: O presente ensaio visa dialogar com as novas abordagens sobre as análises foucaultianas das técnicas de governo que resultam na produção de subjetividades a partir dos dispositivos

neoliberais. Ao ampliar a noção de neoliberalismo, não o compreendendo apenas como ideologia política ou teoria econômica, mas, como racionalidade governamental, Foucault, ao introduzir a noção de *Governamentalidade*, produz um novo campo de análises para o qual será pertinente revisitar os campos da política (economia / formas de governo) e da ética (formas de normatização de condutas/modos de vida). A partir deste momento, surgem interpretações voltadas para as implicações dos mecanismos de funcionamento do neoliberalismo na constituição de modos específicos de existências individuais e coletivas, ou seja, aquilo que Foucault denomina de *Biopolítica*. Dentre esses modos de constituição, ter-se-á aqueles que configuram os indivíduos como empresários de si ou a coletividade como espaço de disputas entre competências, bem como modos característicos de existências precarizadas pelo próprio funcionamento do neoliberalismo. São essas configurações existenciais que se tratará como processo de produção de subjetividades. O diálogo que se coloca como percurso metodológico –investigativo fará referência às análises de autores como: Lazzarato, Negri e Hardt, Dardot e Laval, o que nos permitirá ampliar nossa percepção e/ou o campo de análise sobre a produção de subjetividades forjadas pelos dispositivos neoliberais.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. Neoliberalismo. Produção de Subjetividades. Governamentalidade.

“MUDE O VALOR DA MOEDA” – POSSIBILIDADES PARA UMA BIOPOLÍTICA POSITIVA A PARTIR DO MODO DE VIDA CÍNICO

CASTOR BARTOLOMÉ RUIZ

(Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Filosofia)

SERGIO FERNANDO M. CORRÊA

(Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Doutorando em Filosofia)

RESUMO: O escândalo cínico da verdade [parresía] opera ao nível da vida e das suas relações com a filosofia e a política: *bios philosophikos* e o *bios politikos*, ou mais precisamente, quando a vida se entrecruza com a filosofia (re) criando valores políticos numa autêntica biopolítica positiva. Para além das instituições, suas normatividades e das leis que regulam populações e subjetividades, a forma de vida cínica assume o imperativo “Mude o valor da Moeda” [*parakharáxon to nómisma*] com ousadia e coragem a fim de transfigurar os costumes políticos e a criar um novo tipo de responsabilidade política para a filosofia. A vida cínica em sua simplicidade e transparência, se transforma em militância filosófica, e esta por sua vez num tipo de ação política que põe em questão o modo de viver, de fazer política e praticar a filosofia. De acordo com a descrição do tema, esta comunicação procura problematizar, seguindo os estudos de Michel Foucault, as formas tradicionais de pensar a ação política, e pleiteando, ao mesmo tempo um tipo de responsabilidade política para a filosofia. Neste sentido, a partir do cinismo e com o cinismo questiona-se: como pensar uma biopolítica positiva cuja ação política não se efetue através do direito, mas sim pela formação de uma subjetividade que é impelida a fazer a si e do seu modo de vida um *éthos parresíastikos* político?

PALAVRAS-CHAVE: Cinismo. Parresía. Modo de Vida. Biopolítica.

NORMA E RISCO NO (DES)GOVERNO BIOPOLÍTICO DO CUIDADO CRÔNICO

LUIZA MARIA SILVA DE FREITAS

(Universidade Federal do Ceará - Doutoranda em Educação Brasileira)

RESUMO: Desde a década de 1970, o imperativo da saúde promocional está articulado à noção de estilo de vida, como um modo de engendrar práticas pedagógicas, que propagam a autonomia e a responsabilidade dos indivíduos com a modulação de suas capacidades vitais e, também, colocam a morte numa distância adequada aos procedimentos de maximização da vida. No esforço de entrelaçar a análise das racionalidades políticas, acima descritas, com uma abertura ética às práticas de liberdade, o

estudo busca abordar a medicalização da vida como estratégia biopolítica, tendo como base a inflexão na analítica do poder, realizada por Foucault, nas conferências de 1978 e 1979, com a introdução da noção de governo. Para isto, em primeiro lugar, o artigo ensaia a interlocução com duas leituras distintas das repercussões da noção foucaultiana de governo e de seus estudos das governamentalidades no exercício da biopolítica. Em seguida, analisa a chamada *Prevenção PositHIVA* no cuidado permanente de pessoas infectadas pelo HIV, quando da passagem da AIDS aguda e sua proximidade com a morte para a fase crônica da doença. Mais especificamente, a prevenção da visibilidade do corpo aidético com o advento da lipodistrofia associada à síndrome e ao uso prolongado de determinado tratamento medicamentoso. A lipodistrofia provoca mudanças corporais que, na promoção de saúde, correspondente à correção pela medicina da beleza. Assim, a segurança deve anular, limitar ou regular a realidade que foi tomada como objeto de governo. Mas tal visibilidade parece não requerer uma lei que a alcance. Também não se trata de obrigação a sua correção por uma tecnologia médica, que é colocada como escolha pessoal. Daí a possibilidade de se pôr sob análise a nossa atualidade no que diz respeito às normalizações da vida, em face do preventivismo no projeto biopolítico.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. Medicalização. Norma. Risco.

O (DES)CONTROLE E A (IN)DEFINIÇÃO DA DEFICIÊNCIA PELA LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL

VIVIAN FERREIRA DIAS

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutorado em Ciências Humanas)

RESUMO: Compreender a forma como a deficiência, e as pessoas com deficiência, são interpretadas/subjetivadas na atualidade, é também revisitar os sentidos do passado. Nosso recorte é o domínio médico e a intenção é trazer, portanto, a forma como o “desvio” era interpretado e investido pela medicina. São considerados “Os Arquivos da Liga Brasileira de Higiene Mental”, compreendidos entre 1925 a 1946, e nossas análises se assentam, especialmente, nos pressupostos da biopolítica, conforme desenvolvidos por Foucault. De acordo com Seixas et al (2009), a Liga, cuja atuação se iniciou em 1923, nasceu em um contexto marcado pela Ideologia Positivista e os psiquiatras que a compunham não só acreditavam nos componentes biológicos e genéticos, mas que os estigmas físicos e morais tendiam a piorar, num processo de degeneração progressiva. Nessa perspectiva, quanto mais os degenerados, os anormais e as espécies inferiores desaparecerem, mais forte e vigorosa será a raça (FOUCAULT, 2005). A sensibilidade da Liga, pois, era a de romper com a assistência médica e social: diminuir os malefícios da hereditariedade patológica, regulamentar o casamento (por meio da segregação ou esterilização compulsória dos grandes deficientes), restringir a entrada de imigrantes de mentalidade anormal, controlar doenças que causariam deficiências e praticar a filantropia seletiva, ou seja, dar auxílio apenas aos mais fortes (Kehl, 1930). No limite, era o extermínio da diversidade. Ou seja, tratava-se de uma empreitada biopolítica, de controle dos corpos e da população; suas deficiências e eventualidades (FOUCAULT, 2005). Nas publicações da Liga, deficiência intelectual e degenerações físicas eram discursivizadas como enormes pesos à coletividade, e as deficiências sensoriais como barreiras ao pleno desenvolvimento das habilidades mentais. Sob o regime de inferioridade, de atraso à nação, de mal que deveria ser tratado/aniquilado, é que as pessoas com deficiência eram (são) significadas.

PALAVRAS-CHAVE: Degeneração. Biopolítica. Deficiência.

O ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE BEBÊS: BIOPOLÍTICA E CONTROLE DOS CORPOS DAS MULHERES E SEUS FILHOS

CÁSSIA MARIA ROSATO

(Universidade Federal de Pernambuco - Doutorado em Psicologia)

PEDRO DE OLIVEIRA FILHO

(Universidade Federal de Campina Grande - Professor)

RESUMO: No Brasil, um tipo específico de violação de direitos tem acometido mulheres grávidas usuárias de substâncias psicoativas. O Ministério Público e as Varas de Infância têm sido os principais protagonistas desse fenômeno ao determinar o acolhimento institucional desses bebês logo após seu nascimento, ainda nas maternidades e hospitais das grandes cidades brasileiras. Há uma compreensão de que essas mães são incapazes de exercer a maternidade e essa prática se configuraria como uma suposta proteção para os bebês. Nesse sentido, os conceitos de biopolítica e governamentalidade são importantes para entender como o Estado tem promovido a gestão da vida destas mulheres, maciçamente pobres, negras e vulneráveis. O controle dos corpos dessas mulheres e de seus bebês ilustra como essa população é alvo de técnicas de governo que têm recebido o apoio de diversos profissionais e setores que fazem parte da rede de atendimento desse público. Alguns dos argumentos que têm justificado essa prática estão fundamentados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), dificultando a problematização dessa prática. Objetiva-se descrever e discutir esse fenômeno também como uma nova forma de violência engendrada sob a narrativa da proteção. Trata-se de um estudo interdisciplinar (uma pesquisa de doutorado em curso) envolvendo diferentes áreas de pesquisa e intervenção. No campo mais ampliado, esse fenômeno está na interface entre a Justiça e a Saúde. De modo mais específico, práticas jurídicas, médicas, psicológicas e sociais integram o acolhimento institucional de bebês, desde a identificação dos casos, a avaliação técnica-moral das mães, os encaminhamentos para a rede e as dificuldades dessas mães em reaverem seus filhos/as.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. Drogas. Gênero. Infância. População.

O CORPO-SEXUAL FABRICADO: ADITIVOS FARMACOPORNOGRÁFICOS E O IMPERATIVO DA EXCITAÇÃO ENTRE HOMENS TRABALHADORES DO SEXO

DANIEL KERRY DOS SANTOS

(Universidade do Sul de Santa Catarina - Doutor em Psicologia)

RESUMO: Nessa comunicação, o autor desenvolve o que pode ser lido como uma cartografia do corpo do trabalhador do sexo. O mapa apresentado é um recorte de uma pesquisa de doutorado no campo da psicologia social crítica, que buscou cartografar os territórios existenciais que se constituem entre homens cisgêneros trabalhadores do sexo (os chamados *boys*). A pesquisa foi realizada em saunas (estabelecimentos comerciais destinados à sociabilidade (homo)erótica/sexual) que autorizavam o exercício do trabalho sexual de *boys*. Foram realizadas conversas informais, entrevistas em profundidade e observações participantes em saunas nas seguintes capitais: Porto Alegre (RS), Curitiba (PR), Florianópolis (SC) e São Paulo (SP). O autor problematiza as formas de circulação de certas tecnologias que incidem nas (des)montagens de materialidades e performatividades dos corpos dos trabalhadores do sexo. Para essa finalidade, lança mão do conceito de farmacopornografia, que, conforme postula Paul Preciado, atualiza a noção foucaultiana de dispositivo da sexualidade. Dentre as tecnologias farmacopornográficas circulantes entre boys e clientes, destaca-se o uso de “aditivos” (como o álcool, o citrato de sildenafila (Viagra), a cocaína, entre outros), que atuam na fabricação de corpos sempre excitados e dispostos a gozar. Os regimes farmacopornográficos, com suas plataformas técnicas biomoleculares e midiáticas, produzem modos de controle das subjetividades e ideais regulatórios que constroem um “*boy* ideal e imaginado”. No entanto, apesar dessas prescrições (tecn)biopolíticas, é possível observar movimentos que resistem às modelizações do corpo e que articulam uma ética de si na contestação de certos processos de normalização. Seguindo as pistas de Preciado, considera-se que os trabalhadores do sexo, que corporificam as marcas do anormal-imoral, não necessariamente configuram corpos dóceis e passivos às regulações de um sistema produtivo que capitaliza sua força de trabalho/força orgásmica. Antes disso, constituem-se como potências que escancaram as lógicas do capitalismo farmacopornográfico que captura todo o corpo molar da população.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho sexual. Gênero. Corpo. Subjetividade. Farmacopornografia.

O DISPOSITIVO “REINserÇÃO SOCIAL” APÓS O TRATAMENTO POR CONTA DO USO ABUSIVO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS: IMPLICAÇÕES BIOPOLÍTICAS

ALTIERES EDEMAR FREI

(Universidade de São Paulo - Doutorando em Saúde Pública)

RESUMO: A questão das drogas na contemporaneidade tem sido vista enquanto um dispositivo segundo autores como Vargas, Malvasi, Rui, Adorno, entre outros. O relato da pesquisa de doutorado em curso visa discutir o quanto a etapa considerada posterior ao tratamento por conta do uso abusivo de álcool e outras drogas e nomeada como “reinscrição social” se qualifica enquanto um dispositivo que, embora acople discursos engendrados sob a questão da droga na contemporaneidade, traz consigo singularidades que merecem ser discutidas sob a perspectiva de um dispositivo específico por suas implicações biopolíticas em tempos das Sociedades de Controle. A ideia de “territorialização” por parte de sujeitos que fizeram uso abusivo de álcool e outras drogas, especialmente adolescentes, sugere uma “devolução” ao lugar (inclusive subjetivo) que ocupava quando o evento do uso abusivo de drogas o tirou de lá, assim como sugere ideais de vida promulgados para os sujeitos em recuperação. Assim, ainda que a perspectiva do cuidado clínico seja movida pela ética de Redução de Danos, muitas ações de “reinscrição social” repercutem na imagem de uma “vida retomada” que depõe contra a invenção de movimentos, apropriação do espaço público ou parresias: depõe contra a promoção de nomadismos e deserções comuns ao projeto biopolítico dos tratamentos por abstinência ou ao ideal de uma sociedade sem drogas. São genealogias de formas de gerir vidas atribuindo-lhe lugares estratificados e discursos prontos tais como “retomar trabalho e família” — valores imaculados nas políticas de subjetivação contemporâneas em tempos de políticas de Guerra às Drogas e que, portanto, merecem reflexão crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Reinscrição Social. Dispositivo. Biopolítica.

O DISPOSITIVO DO DIZER: PALAVRA E VERDADE NA ERA DA BIOIDENTIDADE

MICHELE FERNANDES GONÇALVES

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutoranda em Educação)

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo problematizar aquilo que define como *dispositivo do dizer*. Partindo do conceito de dispositivo confessional de Michel Foucault e de sua interlocução com a ideia de bioidentidade de Francisco Ortega, e ponderando-se que a palavra opera modos de viver não apenas pelo que diz, mas pela maneira como diz, propõe-se discutir como, no contemporâneo, o dispositivo foucaultiano se atualiza através do engendramento, na e pela palavra, de novas nuances biopolíticas de cuidado, as quais transformam o “confessar a si” em um “dizer de si” que acopla, ao ato confessional, o ideário “saudável” da “vida plena”, transformando-o numa espécie de promulgação e promoção de um “eu feliz”. Pretende-se demonstrar que essa atualização invoca, como caráter diferencial, a tentativa de apreensão daquilo que, nas correntes “alternativas” emergentes que se debruçam sobre o cuidado a partir dessa perspectiva da “vida plena” ou da “integralidade da vida”, se poderia chamar “espírito”. Intenta-se ressaltar o caráter normativo e uniformizante deste que é aqui nomeado *dispositivo do dizer* ao determinar a construção e descrição de um “si mesmo” feita não a partir da singularidade da vida que se vive, mas da interiorização de uma verdade exterior, baseada nas enunciações sobre um “si” unificado e ideal. Sublinha-se a falácia desse dispositivo em assegurar qualquer relação ética entre o sujeito e o cuidado, e propõe-se, a partir dessa discussão, abrir caminho para se pensar a fragilidade e insustentabilidade das enunciações de “espiritualização” (no sentido “comum”, e não foucaultiano do termo) como forma de pautar uma vida verdadeiramente bela.

PALAVRAS-CHAVE: Dispositivo. Palavra. Verdade. Biopolítica. Vida saudável e espiritualizada.

O PODER DE MORTE DO PODER SOBRE A VIDA: BIOPODER, RACISMO E A QUESTÃO DO LUTO PÚBLICO

PEDRO FORNACIARI GRABOIS
(Instituto Federal do Rio de Janeiro - Doutorando)

RESUMO: Na *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* e no curso *Em defesa da Sociedade*, Foucault ancora no biopoder os processos contemporâneos de produção de morte ao mesmo tempo em que afirma que tais processos são a permanência de um poder soberano no interior do biopoder. O vínculo entre exercício do poder soberano e biopoder está justamente no racismo: é através do racismo que se produz morte no mundo contemporâneo. Assim, o racismo é apontado como condição de possibilidade de tirar a vida. Embora inscrito no biopoder e no funcionamento do Estado moderno, o racismo não se confunde com o biopoder, mas a ele se articula. Com o recurso a outros parâmetros geográficos, é possível problematizar a genealogia foucaultiana do racismo e da sexualidade, que acaba por ignorar os personagens e os arquivos “coloniais”. O racismo e seu vínculo com inúmeros “eventos mortíferos” que se repetem sistematicamente, no Brasil e no mundo, não dão mostras de diminuição. Eventos como guerras, genocídios, massacres, chacinas e torturas marcam a história brasileira recente. Neste trabalho, analiso a produção da morte no contexto do biopoder. Procuo explorar a questão da morte como parte intrínseca do biopoder e não como resquício ou fantasma do passado. Em última instância, a consequência de tal hipótese é que todo exercício do biopoder, além de gerir a vida procurando maximizá-la, gera também a morte. Assim, meu objeto de investigação é “o poder de morte do poder sobre a vida”. Para compreender esta relação entre produção de morte e produção de vida, discuto o papel do luto público na política contemporânea através da contribuição de Judith Butler.

PALAVRAS-CHAVE: Biopoder. Racismo. Produção de morte. Luto público.

O SABER FAZER ESCOLHAS BEM INFORMADAS E A GESTÃO BIOPOLÍTICA DOS CONSUMIDORES NA CONTEMPORANEIDADE: UMA ANÁLISE DA ESTRATÉGIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO BRASIL - DECRETO FEDERAL 7.397/2010

ANDRESA SILVA DA COSTA MUTZ
(Universidade Federal do Rio Grande - Doutora em Educação)

RESUMO: Examinamos o modo como tem sido operacionalizada a educação financeira, instituída como Política Pública do Estado brasileiro pelo Decreto Federal 7.397/2010, atentando para seus efeitos na constituição dos sujeitos de consumo na contemporaneidade. Para tal, selecionamos: I) o depoimento de um membro do grupo de autoajuda conhecido como Devedores Anônimos; II) o teste disponível em um folheto disponibilizado pela Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor (PROCON); III) o manual de *Prevenção e tratamento do superendividado* editado pela Escola Nacional de Defesa do Consumidor. O referencial teórico adotado na pesquisa é o pós-estruturalista e de inspiração foucaultiana. A metodologia empregada na produção e análise dos dados envolve a operação com noções como tecnologias do eu, governo, biopolítica, entre outras. Os resultados obtidos permitiram o mapeamento de três ações – o narrar-se, o julgar-se, o dominar-se – requeridas dos indivíduos envolvidos nas atividades pedagógicas promovidas pela *Estratégia Nacional de Educação Financeira*. Pude inferir que as diferentes estratégias relacionadas à consciência para o consumo podem ser compreendidas como modos de conduzir a conduta dos consumidores tornando-os sujeitos confessantes – uma forma potente de instrumentalizá-los para o autogoverno.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Financeira. Consumidor. Tecnologias do eu. Governo. Biopolítica.

POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E A GESTÃO DA VIDA: ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES

LIANA CRISTINA DALLA VECCHIA PEREIRA
(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutoranda)

SANDRA NOEMI CUCURULLO DE CAPONI
(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutora e Professora)

RESUMO: O presente ensaio teve como objetivo problematizar as práticas de proteção social propostas pela Política Nacional de Assistência Social (PNAS) no Brasil e discutir os efeitos produzidos por esta na medida em que postula determinadas formas de se relacionar, de pensar e de viver. Buscou-se colocar em análise o seu modo de operar enquanto tecnologia biopolítica de produção de vida e governo da população. O plano disparador para a análise é composto pelo programa de distribuição de renda e suas condicionalidades (Bolsa Família), a utilização do Cadastro Único (CadÚnico) e da busca ativa na vigilância socioassistencial, práticas pautadas pelo acompanhamento contínuo e pela centralidade da matriz familiar. O principal interlocutor desta escrita foi Michel Foucault ao aportar ferramentas conceituais sobre as estratégias biopolíticas e a governamentalidade para compreender a realidade constituída por relações de saber-poder. O sistema de proteção social pode ser entendido como efeito da sociedade regida pelos dispositivos de segurança que visam controlar e evitar algo que aporte a virtualidade do *risco*. Assim, focam nos comportamentos a serem corrigidos e normalizados em nome da garantia de direitos e das supostas seguranças. Estas políticas são atravessadas pelos discursos de proteção, inclusão e garantia de direitos que tem protagonizado formas de ‘administrar’ a pobreza e os problemas associados a determinadas populações sem alterar a estrutura que fomenta as desigualdades sociais. As reflexões sobre as práticas propostas pela PNAS visam problematizar as linhas que operam no governo das condutas e das situações de vida vistas como *desviantes* da norma para dar visibilidade aos efeitos produzidos no nosso tempo através de uma análise que possibilite repensar as práticas e desconstruir as verdades naturalizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Políticas Públicas. Assistência Social. Biopolítica. Gestão da Vida.

POLÍTICAS DE SAÚDE E GOVERNO DA VIDA: POR UMA ESTÉTICA DA RESISTÊNCIA EM MODULAÇÕES BIOPOLÍTICAS

DANIEL RODRIGUES FERNANDES
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Doutorando em Psicologia Social e Institucional)

JESSICA PRUDENTE
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Doutoranda em Psicologia Social e Institucional)

RESUMO: A biopolítica mostra-se um operador conceitual importante e estratégico na discussão do campo das políticas públicas, convocando-nos a uma análise dos modos de governo da vida das populações que operam pela gestão de variabilidades e fenômenos. Ainda que resultante de um intenso processo de mobilização social com objetivo de tensionar os modos de vida e sociabilidade possíveis na realidade brasileira, o Sistema Único de Saúde (política pública constitucionalmente inscrita) não furta-se a também apresentar-se enquanto produção biopolítica atravessada por mecanismos de controle que visam tornar o corpo social - o sujeito “população” - gerível. Interessa-nos determo-nos sobre como os operadores de tal política vivenciam em seu fazer uma série de paradoxos: a aposta na abertura de novos campos de possíveis animados pelo sonho desse processo contrapondo-se à totalitária reconversão dos fenômenos concernentes ao “universo saúde” (território sempre em expansão, sob risco de tomar toda a experiência do vivo) em um mundo de “riscos” “governáveis” e prescrições de uma vida ancorada em certa moralidade tecnicificada. Outro paradoxo configura-se pela exacerbação daquilo que compõe o campo do governável, que passa a abranger mesmo as situações limites ou ditas de crise (vislumbrando-se uma nova modulação das estratégias de dominação que tomam a crise como instrumento de governo,

renormatizando o limiar do “não governar demais” de acordo com a imagem construída da situação a ser gerida). Nessa conformação, a constituição de práticas de liberdade ocorrem na afirmação da vivência de riscos - que, mais que governáveis, talvez apontem para a possibilidade de conflagração de disputas que ponham em questão novas formas de viver a vida, considerando que as práticas de liberação podem ativar resistências, mas não convocam, necessariamente, um exercício de criação. Apostamos, assim, em uma resistência que se dá pela constituição de uma nova estética, arriscando mesmo apropriações “indevidas” das próprias ferramentas biopolíticas.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. Sistema Único de Saúde. Resistências. Governo. Práticas de liberdade.

POPULAÇÃO EM PERIGO: BIOPOLÍTICA E DISCIPLINA COMO ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS DE CONVENCIMENTO EM JÚRIS POPULARES

LUIZ FERNANDO GREINER BARP

(Universidade Federal de Santa Catarina - Doutorando Interdisciplinar em Ciências Humanas)

ERIC DUARTE FERREIRA

(Universidade Federal da Fronteira Sul - Doutor em Linguística)

RESUMO: A partir de uma investigação arquegenealógica, este trabalho analisa certas estratégias enunciativas que se apresentam no discurso jurídico-penal como parte de discursos que clamam por condenações e/ou absolvições em júris populares de crimes de homicídio. Tomamos como corpus de análise as exposições orais da defesa e da acusação em 10 julgamentos sentenciados no Tribunal do Júri da cidade de Chapecó (SC) durante o segundo semestre de 2016. Visando o convencimento dos jurados populares, identificamos como promotores de justiça e advogados transferem aos responsáveis pelos veredictos funções de governamentalidade. Objetivado, o sujeito jurado é atravessado pela articulação das estratégias disciplinares e biopolíticas, que buscam torná-lo uma espécie de protetor social, cuja responsabilidade é, além de julgar um crime em específico, garantir a vida e a segurança da população. Para isso, dados estatísticos e notícias midiáticas sobre criminalidade – sem relação direta com os crimes em julgamentos – são retomados nos júris, produzindo uma sensação de insegurança. Diante disso, caberia ao jurado tomar decisões que deem conta de minimizar o risco e proteger sua população. Identificamos, ainda, que quando enunciam sobre o julgamento em si, defesa e acusação dos júris tendem a adjetivar o réu e/ou a vítima do crime de maneira que eles se tornem inimigos da população quando suas condutas de vida recusam determinadas normas sociais ligadas à produtividade e à docialidade. O discurso jurídico-penal, quando opera em júris populares, disciplina os corpos uma vez que julga crimes específicos e dá identidade para as vítimas e responsáveis pelas mortes. Ao mesmo tempo, regulamenta a população quando se apoia na realidade do crime não apenas para puni-lo individualmente, mas também para dominá-lo em relação à possibilidade de crimes futuros.

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. Disciplina. Discurso jurídico-penal. Tribunal do Júri.

PSICANÁLISE, CUIDADOS E BIOPOLÍTICA: POR UMA CLÍNICA ÉTICO-POLÍTICA DA RESISTÊNCIA.

RICARDO DELGADO MARQUES DE LIMA

(Universidade Católica de Pernambuco - Doutor em Psicologia Clínica)

RESUMO: A ideia de cuidar, no campo *PSI* (psicologia, psicanálise e psiquiatria) parece estar ligada à noção de bem estar e saúde. Clinicar, do grego, remete a noção de “debruçar-se sobre o leito, escutando o paciente”. A clínica psicológica construiu-se historicamente dentro da lógica curativa do fazer médico, apesar de seu objeto de trabalho ser diferente. Clinicar, para o médico, é observar os sinais e sintomas, identificar uma entidade patológica (a doença) e propor uma intervenção que visa, em última instância a cura. O psicólogo, por sua vez, trabalha com o sofrimento humano, na sua dimensão ampla. Identificar a

entidade patológica (etiologia da doença) é uma atividade de classificação. Se esta fosse o objetivo da clínica psicológica, esta seria uma ortopedia (do grego, devolver a posição inicial, normalizar). O presente trabalho tem como objetivo problematizar a clínica psicológica, a partir da perspectiva psicanalítica, do seu lugar de dispositivo confessional e como técnica de governo dos corpos, potencializando a tradição freudiana de capacidade de “escuta” do interdito - aquilo da ordem do “fora” - constituindo o espaço clínico como possibilidade de subversão através de práticas de si e do “dizer a verdade”, uma experiência no campo da estilística da existência. A visão de homem aqui envolvida é a da singularidade e das resistências através da noção de subjetivação. Aprendemos com Foucault, a partir da biopolítica, que a construção de um saber sobre o homem, que fosse geral e a-histórico, fez circular concepções de verdade que agenciam os modos de subjetivação, governando a vida e fundando subjetividades referenciadas em modelos gerais ou universais de felicidade e bem estar. Trata-se de uma pesquisa teórica que toma como percurso epistêmico-metodológico questões e construtos teóricos utilizados e trabalhados por Michel Foucault que ajudam a pensar a prática da psicologia clínica.

PALAVRAS-CHAVE: Clínica psicológica. Psicanálise. Biopolítica. Cuidados-de-si. Processos de subjetivações.

PSICOLOGIA E PASTORADO LAICO: ESTRATÉGIAS DE GOVERNO DA INFÂNCIA

SANDRA RAQUEL SANTOS DE OLIVEIRA

(Universidade Federal Fluminense - Doutoranda em Psicologia)

RESUMO: Esse trabalho tem como objetivo pensar estratégias de cuidado e pedagógicas investidas sobre a infância que de alguma forma estão envolvidas na produção do que chamamos de uma “cultura da mansidão”. Cultura que valoriza hegemonicamente, com o aval de falas competentes, gestos de mansidão como sinal de normalidade e saúde. Uma das principais características destacadas por Michel Foucault acerca do pastorado é que ele afirma a organização de uma instância de obediência pura, como um tipo de conduta unitária, altamente valorizada e que tem o essencial da sua razão de ser nela mesma. Nesse sentido, articula-se as práticas psicológicas contemporâneas a uma teia de funcionamento pastoral – definida como atividade de governo das condutas, configurando-se, em vários aspectos, como um pastorado laico. Entende-se por pastorado de Estado, laico ou contemporâneo a atualização de práticas pastorais do cristianismo ocidental moderno institucionalizado na forma-igreja em práticas orientadas por saberes qualificados como científicos e fundamentais na ancoragem das práticas de governo modernas. Trata-se, fundamentalmente, portanto, de uma estratégia biopolítica. Aqui, entretanto, o problema da obediência ganha destaque e acaba por se encontrar com uma vasta problematização no campo da Psicologia no que diz respeito às estratégias de medicalização e de judicialização da infância. Levantamos, portanto, a questão acerca de dados que parecem desenhar uma espécie de epidemia de diagnósticos dos chamados transtornos mentais especificamente infantis e a proliferação dos discursos produtores de riscos não estariam escamoteando práticas discursivas e não discursivas de valorização e produção da obediência como índice de saúde, atualização da qualidade de uma conduta moral reta; direita.

PALAVRAS-CHAVE: Governo. Psicologia. Pastorado. Obediência. Infância.

RISCO, BIOPOLÍTICA E SAÚDE NA ESCOLA

ROZEMY MAGDA VIEIRA GONÇALVES

(Universidade Luterana do Brasil - Doutoranda em Educação)

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo verificar como vêm sendo geridas, em tempos neoliberais e de gestão individual do risco, as pedagogias de educação em saúde para a promoção de sujeitos responsáveis pela saúde do corpo. Para tanto, estão sendo analisados artigos publicados na Revista

Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) entre os anos de 1944 e 2017. O referencial teórico que subsidia as análises é centrado no conceito de risco, correlato da noção foucaultiana de biopoder. Por risco entende-se um modo de tratar determinados eventos que sucedem a uma população, tornando-os calculáveis e mensuráveis. Ainda que sua emergência possa ser referida ao século XVIII, sua importância como elemento norteador dos modos de vida é crescente, ao ponto de alguns considerarem que hoje vivemos em uma sociedade de risco. Além de ter seu uso ampliado, os modos de tratar do risco também sofrem modificações. Se na Modernidade, o acento estava em políticas desenvolvidas pelo Estado, sendo as ações individuais acessórias, a situação se inverte na Contemporaneidade, com um deslocamento da ênfase em prol dos indivíduos. Os resultados de análise mostram que as pedagogias de educação em saúde estão direcionadas no sentido de atrair e dobrar a atenção dos sujeitos em um processo de cooperação e autoformação, com a esperança de que eles possam voluntariamente e prudentemente gerir sua saúde para a produção de vidas saudáveis e mais felizes.

PALAVRAS-CHAVE: Risco. Biopolítica. Escola. Saúde.

RISCO E DSM: ESTRATÉGIAS BIOPOLÍTICAS DE MEDICALIZAÇÃO DA INFÂNCIA

FERNANDA MARTINHAGO

(Universidade Federal de Santa Catarina – Pós-doutoranda em Ciências Humanas)

RESUMO: A temática envolvida nesta pesquisa - medicalização da infância - está em evidência na contemporaneidade, devido a uma epidemia de transtornos mentais que atinge crianças e adolescentes. O conceito de medicalização apresentado neste estudo está fundamentado em Foucault e Conrad, que o consideram como a redução das questões sociais em problemas individuais a serem tratados pela medicina, tornando o sujeito o único responsável pelo seu comportamento dito desviante. O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) foi elegido como tema principal deste estudo por apresentar elevada prevalência na população infanto-juvenil em diversos países. A partir deste contexto, foi estabelecido como principal objetivo desta pesquisa analisar como o conceito de risco e as classificações do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), entendidas como estratégias biopolíticas, são veiculadas nas redes sociais e articulam o processo de medicalização da infância, perpassando por microssistemas frágeis (famílias e associações de apoio). O estudo foi embasado principalmente na teoria foucaultiana, cujos conteúdos estão relacionados com a concepção de risco e biopolítica. Os campos de pesquisa foram duas comunidades virtuais da rede social *Facebook*. Neste estudo, constatou-se que o conceito de risco, embora não comprovado, torna-se real, uma ameaça futura, e se consolida como uma estratégia importante para ampliar o número de diagnósticos do TDAH. No DSM-5, os critérios para o diagnóstico do TDAH são apresentados apenas com a descrição de comportamentos, os quais podem ser provenientes da própria infância, o que pode comprometer o diagnóstico. Os diagnósticos de TDAH e o tratamento medicamentoso aumentam cada vez mais na população de crianças e adolescentes, fenômeno que tem a contribuição do marketing invisível, que aparece como conteúdo educativo nas mídias e redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Medicalização. Biopolítica. Risco. DSM. TDAH.

SOBRE A NOÇÃO DE DISPOSITIVO: ENTRE O PODER E AS RELAÇÕES DE PODER

DIEGO MORAES GUIMARÃES

(Universidade Federal da Bahia - Doutorando)

RESUMO: O trabalho a ser apresentado faz parte de uma pesquisa que tem como horizonte a caracterização do discurso freudiano da sexualidade como um dispositivo, baseando-nos nas análises de Foucault. Nesse sentido é que reservamos para essa comunicação um exame do conceito de dispositivo, com vistas a estabelecer os elementos que o compõe e que permitem analisá-lo, além dos indícios teóricos de que poderemos nos valer para relacionar o dispositivo ao discurso psicanalítico. Para tanto,

nosso objetivo é partir da definição de dispositivo de sexualidade presente em *A vontade de saber*, e nessa direção podemos indicar o que está proposto quando se trata da sexualidade nesses termos. Em linhas gerais a tese de Foucault é que não podemos falar de dispositivo sem mencionar as relações de poder inerentes ao mesmo, uma vez que o dispositivo seria a expressão dos mecanismos de poder que se entrecruzam numa dada sociedade. Sendo assim, damos seguimento sobre a análise da noção de poder e buscamos refletir o que Foucault denominou como concepção “jurídico-discursiva” do poder, acentuando o que se reproduz tradicionalmente quando a questão são as relações históricas entre o poder e o discurso sobre o sexo. Com isso, nosso intuito é dar conta dessa representação comum que se tem do poder à qual na verdade Foucault se opõe, para daí compreender o que ele nos sugere com a ideia de pensarmos as relações de poder como dotadas de produtividade, e esse caráter de produtividade, como condição possível para interpretarmos o dispositivo. Utilizaremos também algumas considerações desenvolvidas pelo Foucault em *Vigiar e Punir*, pois encontramos aí uma base para entender o que ele define como “jurídico-discursiva” ao reportar-se à concepção tradicional do poder que se tem do poder baseado na hipótese de que o direito tem sido o modelo privilegiado de exercício do poder nas sociedades ocidentais.

PALAVRAS-CHAVE: Dispositivo. Sexualidade. Poder.

TERRITÓRIO E POPULAÇÃO: ENTRE A GOVERNAMENTALIDADE E A RESISTÊNCIA

JUNIA FERRARI

(Universidade Federal de Minas Gerais - Doutora em Arquitetura e Urbanismo)

RESUMO: A governamentalidade, segundo Foucault, é uma racionalidade, ou uma razão de Estado, que têm a população como objeto, a economia política como principal saber e os dispositivos como instrumentos estratégicos de controle e atuação. Se entendemos dispositivo como um conjunto de elementos discursivos e não discursivos, atuando no sentido de cumprir uma função estratégica para uma determinada governamentalidade, é possível ver muitas aproximações com o urbanismo, aqui compreendido como um saber utilizado para mediar uma ação específica de controle e ordenamento dos corpos no território - onde se trabalha, reside, circula, consome etc., de forma a garantir a melhor economia para as populações. Ou seja, o urbanismo, não como resultante de uma ação democrática e emancipadora de transformação do território, mas como um mecanismo biopolítico a serviço de uma determinada razão de Estado. Se por um lado a cidade reflete as relações de poder de uma governamentalidade a partir da ordenação de seu território, é certo que também ali o poder se manifesta a partir de múltiplas ações de resistência, aqui vistas não apenas como respostas ou reações, mas como partes integrantes, numa relação de coexistência e de positividade com o poder. Prática social e, principalmente, componente de todas as relações, o poder adquire para Foucault um caráter dinâmico e positivo, traduzido também em potência que viabiliza as lutas e resistências. A partir dessas premissas, o que se pretende discutir é a dupla função do território e da população, instrumentos da disciplina e da normalização biopolíticas, mas também de potentes ações libertadoras. Se por um lado o território (disciplinado e normalizado) e os corpos (dóceis e subjetivados) desempenham papéis estratégicos para a governamentalidade como linhas de força do "dispositivo urbanismo", de outra mão, não poderiam também se configurar como elementos fundantes de novas condições de cidadania?

PALAVRAS-CHAVE: Biopolítica. População. Resistência. Território. Urbanismo.

TERRITÓRIOS PSICOTRÓPICOS

DANIEL FERNANDO FISCHER LOMONACO

(Universidade Federal de Santa Catarina - Mestre em Saúde Coletiva)

RESUMO: A proposta é derivada da dissertação de mestrado intitulada - *De usuários para usuários: uma (auto)etnografia*. Será apresentada uma breve história da ebriedade para ilustrar como fenômeno do

consumo de substâncias psicoativas perpassa a humanidade de modo sistemático nas mais variadas culturas e sociedades e difere da *questão das drogas*, algo bem mais recente e que veio a se constituir como um problema social quando o consumo de determinadas substâncias psicoativas tornou-se objeto de proibição e repressão. Chama-se a atenção para um paradoxo: não há apenas a criminalização e/ou patologização do consumo de determinadas substâncias, mas também a incitação ao consumo de substâncias psicoativas desde que prescritas (a invasão farmacêutica). Esta partilha moral entre substâncias de consumo lícitas e ilícitas é o cerne daquilo que se denomina *dispositivo das drogas*, o qual constitui suporte de diversas estratégias e projetos políticos que implicam regimes de saber-poder agregados aos processos de subjetivação. Neste sentido, duas linhas se desdobram: 1a.) O fracasso do proibicionismo vem a se constituir em algo positivo ao transformar a ineficaz guerra às drogas em perseguição aos pobres, negros e imigrantes, tornando-os objetos do saber-poder médico e/ou jurídico ao encontrar justificativas para anular e isolar os corpos indesejáveis; 2a.) As tentativas crescentes de controle de conduta visando conduzir os sentimentos e ações humanas em direções que valorizam e privilegiam modos de existência, conforme critérios extensivos, pautados na conservação da vida e na eliminação da dor, são postas em xeque, pela experiência do consumo não medicamentoso de drogas, que forja outros modos de produções de corpos, nos quais o vigor do instante sobrepõe-se à duração da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Questão das drogas. Biopolítica. Dispositivos das Drogas. Proibicionismo. Modos de existência.

UNA GRIETA EN LA GUBERNAMENTALIDAD: EL PUEBLO

DAVID CARDOZO SANTIAGO

(Universidad Complutense de Madrid e Universidade Federal da Bahia - Doutorando)

RESUMO: En el curso *Sécurité, territoire, population* dictado por Michel Foucault en el Collège de France (1977-1978), se perfila el nacimiento de una categoría que será de vital importancia para la gubernamentalidad liberal y, posteriormente, para la neoliberal: la población. Foucault intuye en el texto de Louis-Paul Abeille, *Lettre d'un négociant sur la nature du commerce des grains*, la incipiente sinécdoque que presagia una nueva era en las técnicas de gobierno, asentada sobre un saber que da forma a estas técnicas, la *economía política*, y que tiene como objeto de sus acciones a una subjetividad colectiva a construir, a saber, la *población*. La población se presenta, pues, como ese sujeto-objeto que es construido por las técnicas de gobierno y, al mismo tiempo, constituye el suelo para que el mercado pueda funcionar según sus propias leyes. Sin embargo, es menester preguntarse ¿qué ocurre cuando esa población rechaza ser el subproducto de unas leyes de competencia generalizada y levanta un “no” que interrumpe el flujo invisibilizado de toda acción de gobierno? Es a partir de la performatividad que esa negación instaure, que emerge como el anverso imborrable de la población, como la grieta que desgarró la gubernamentalidad, el *pueblo*. Teniendo presente esta interrupción que el pueblo en su aparecer traería consigo, será preciso indagar si es pensable una gubernamentalidad con y para el pueblo que cubriera ese hueco que Foucault diagnosticaba en el *Nacimiento de la biopolítica*: la ausencia de una razón gubernamental socialista. Si el pueblo no pudiera ir más allá de ser el desdoblamiento contra-conductual de la población, entonces la ausencia de gubernamentalidad socialista sería una consecuencia lógica; mas si fuera posible imaginar un pueblo que, sin dejar de ser sujeto de resistencia, pudiera ser también protagonista de una nueva gubernamentalidad, entonces podría hablarse de gobierno de los pueblos.

PALAVRAS-CHAVE: Gubernamentalidad. Neoliberalismo. Resistencia. Pueblo.

F O U C A U L T & A S
P R Á T I C A S D E
L I B E R D A D E



PPGL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LINGUÍSTICA

PPGICH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LINGUÍSTICA E HISTÓRIA
DA LINGUAGEM

PPGF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM FONOLOGIA

PROPG

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LINGUÍSTICA

